

UNESP  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

HONORINA MARIA SIMÕES CARNEIRO

**AS FORMAS DE TRATAMENTO *TU/VOCÊ* NO PORTUGUÊS FALADO
LUDOVICENSE**

ARARAQUARA – SP
2011

HONORINA MARIA SIMÕES CARNEIRO

**AS FORMAS DE TRATAMENTO *TU/VOCÊ* NO PORTUGUÊS FALADO
LUDOVICENSE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP – Faculdade de Ciências e Letras para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa:

Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática: Análise de fatos linguísticos em uso na língua - dimensões fonológica, morfológica, sintática, semântica e pragmática.

Orientadora:

Prof^a Dr^a Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza Campos

ARARAQUARA – SP
2011

HONORINA MARIA SIMÕES CARNEIRO

**AS FORMAS DE TRATAMENTO *TU/VOCÊ* NO PORTUGUÊS FALADO
LUDOVICENSE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, para a obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr.^a Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza Campos – Orientadora
UNESP – Araraquara

Prof^a. Dr.^a. Rosane de Andrade Berlinck
UNESP – Araraquara

Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu
USP-UNESP – Araraquara

Prof^a. Dr.^a. Gladis Maria de Barcellos Almeida;
UFSCar – São Carlos

Prof^a. Dr.^a. Ilza do Socorro Galvão Cutrim
UFMA – São Luis

Araraquara, 17 de fevereiro de 2011.

À memória de Francisco Veras Simões,
meu Pai.

À Maria Lúcia Ribeiro Simões,
minha Mãe.

Com ambos aprendi, muito cedo, o diálogo.

À minha avó Ermenildes Veras Simões,
que me marca profundamente.

A Cláudio Carneiro, meu esposo,
a quem muito devo.

A Thiago e Cláudio,
meus filhos a quem muito quero.

Aos netos Pablo e Mariana,
que trazem tanta luz e gosto para minha vida.

A meu sogro, à minha sogra (*in memoriam*), aos meus irmãos, aos meus sobrinhos,
com eles continuo o diálogo que aprendi com os meus pais.

“Tudo posso naquele que me fortalece”.

Fp. 4:11

“Rendei graças ao Senhor, porque Ele é bom, e sua misericórdia dura para sempre...”

SL. 107:1

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor meu Deus, sobretudo, por me conceder no seu amor, aceitação, serenidade e sabedoria para superar todos os obstáculos presentes nesta minha trajetória.

À querida Prof^a Doutora Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza Campos, por me oferecer bem mais que sua orientação acadêmica, mas seu exemplo, sua amizade e o estímulo nos momentos difíceis.

Ao querido Prof. Doutor Joaquim Campos, por sua gentileza e disponibilidade de, generosamente, acolher-me com suas palavras, com sua capacidade de ouvir e cativar a todo aquele que necessita de sua atenção, como aconteceu comigo.

À Prof^a Doutora Rosane de Andrade Berlinch, por sua gentileza e atenção constantes, sempre pronta a me socorrer com seus fundamentais comentários e sugestões.

À Prof^a Doutora Maria do Rosário Gregolim, pela humanidade que guarda em si e que, para minha felicidade, permitiu que se irradiasse para mim.

Aos meus queridos amigos, Conceição de Maria Belfort, Charles Santos Simões, Evaldo Barros, Ilza Cutrim, Mônica Cruz e Samuel Santos, pelo exemplo, estímulo, compreensão, cumplicidade e, sobretudo, carinho com que me brindaram desde as primeiras sementes que plantei para a realização deste projeto.

A Claudiene Diniz, pela fundamental e preciosa ajuda, muito especialmente na fase de coleta dos dados.

Às amigas Ana Lourdes Pereira Alves, Eline Aparecida Nascimento Muniz, Maria Luzilene Santos, e ao Rafael Werner Silva Santos, mãos, braços, pernas e, às vezes, até cabeça, pelas suas mil formas de ajuda, e em todas as horas.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, de alguma maneira contribuíram e me auxiliaram na realização deste trabalho, na absoluta certeza de que o maior aprendizado que se pode retirar de qualquer meta a que nos propomos é que nada, nesta vida, se faz sozinho.

RESUMO

A presente pesquisa foi desenvolvida sob a ótica sincrônica, alicerçada nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista. Procurou-se investigar a alternância das formas de tratamento **tu/você** no português falado do ludovicense. O *corpus* é composto por dados empíricos coletados em situações de espontaneidade da fala. A amostra é composta por 90 inquéritos, todos de São Luís do Maranhão, os quais foram organizados de acordo com os critérios de escolaridade, sexo/gênero, faixa etária e classe social. Toda a investigação foi orientada pela hipótese central de que o pronome **tu** co-ocorre com o pronome **você**, tendo sido percebidas algumas ocorrências em que o verbo se encontra flexionado na segunda pessoa do singular e outras em que a forma verbal não apresenta o morfema flexional **-s**. A análise quantitativa foi feita pela aplicação do GoldVarb. Esses dados foram qualitativamente interpretados à luz das hipóteses estabelecidas (variáveis dependentes e independentes). O estudo revela que há co-ocorrência das formas de tratamento **tu/você** nos atos de fala dos ludovicenses, mas ainda com forte predominância do pronome **tu**. A variação se apresenta estável e sua presença se relaciona fundamentalmente a fatores de natureza social, como escolaridade, sexo/gênero, faixa etária e classe social.

Palavras-chave: Tu. Você. Variação. Português brasileiro. Sociolinguística.

ABSTRACT

This research was conducted under a synchronic perspective, based on the theoretical and methodological presuppositions of Variationist Sociolinguistic. It investigates the alternation of the treatment forms **tu** (thou) / **você** (you) in the Portuguese spoken in São Luís, Maranhão, Brasil. The *corpus* is constituted by empirical data collected in spontaneous situations of speech. The sample consists of 90 surveys, all of them collected in São Luís, Maranhão. The surveys were organized according to educational level, sex / gender, age and social class. The whole research was guided by the central hypothesis that the **tu** (thou) pronoun co-occurs with the **você** (you) pronoun, and it also revealed the occurrence of some instances in which the verb is inflected in the second person singular and others in which the verb form lacks the inflectional morpheme -s. The quantitative analysis was done by applying the GoldVarb. These data were qualitatively interpreted, under the perspective of the established hypotheses (independent and dependent variables). The study confirms the central hypothesis of the co-occurrence of the treatment forms **tu** (thou) / **você** (you) in the speech acts of São Luís inhabitants, but still with strong predominance of the pronoun thou. The change is stable, and its presence is primarily related to factors of social nature, such as education, sex / gender, age and social class.

Keywords: Thou, You, Variation, Brazilian Portuguese, Sociolinguistics.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

ABL – Academia Brasileira de Letras

PB – Português Brasileiro

PE – Português Europeu

PSUJ – Pronome Sujeito

NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira

NURC – Projeto de Estudo da Norma Culta

RI – Relativamente Informal

TF – Totalmente Formal

TI – Totalmente Informal

UCLA – University of California, Los Angeles

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

(d) – variável dependente

(i) – variável independente

(i/d) – variável independente em relação ao conjunto da amostra das variáveis dependentes

(i/t) – variável independente em relação ao total da amostra das variáveis dependentes

(t) – total da amostra

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estratificação da Amostra Examinada.....	64
Tabela 2 - Panorama da opção de uso entre as formas <i>tu</i> e <i>você</i> no Brasil	78
Tabela 3 - Composição do conjunto da amostra e total da amostra das ocorrências das formas <i>tu</i> e <i>você</i> , entre os falantes ludovicenses	81
Tabela 4 - Ocorrência das formas <i>tu/você</i> , nas funções sujeito e complemento (objeto direto, objeto indireto e predicativo do sujeito), entre os falantes ludovicenses	82
Tabela 5 - Concordância das formas <i>tu/você</i> , na função sujeito, com o verbo na 2ª pessoa do singular, entre os falantes ludovicenses	84
Tabela 6 - Ocorrência das formas <i>tu/você</i> , na função sujeito, em sua correspondência com os respectivos pronomes possessivos, entre os falantes ludovicenses.....	87
Tabela 7 - Ocorrência das formas <i>tu/você</i> , em correlação com os tempos verbais, entre os falantes ludovicenses	89
Tabela 8 - Ocorrência das formas <i>tu/você</i> , em correlação com os modos verbais, entre os falantes ludovicenses	90
Tabela 9 - Ocorrência das formas <i>tu/você</i> , de acordo com os tipos de oração, entre os falantes ludovicenses	91
Tabela 10 - Ocorrência das formas <i>tu/você</i> , de acordo com a referencialidade, entre os falantes ludovicenses.	93
Tabela 11 - Distribuição das ocorrências das formas <i>tu/você</i> , conforme a Escolaridade, entre os falantes ludovicenses.....	95
Tabela 12 - Distribuição das Ocorrências das formas <i>tu/você</i> , conforme a Faixa Etária, entre os falantes ludovicenses.....	96
Tabela 13 - Distribuição das Ocorrências das formas <i>tu/você</i> , de acordo com a Classe Social, entre os falantes ludovicenses.....	99
Tabela 14 - Distribuição das Ocorrências das formas <i>tu/você</i> , entre os falantes ludovicenses, segundo o Sexo.....	101
Tabela 15 - Ocorrências do pronome <i>tu</i> , funcionando como sujeito, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 187 ocorrências).....	105
Tabela 16 - Ocorrências do pronome <i>você</i> , funcionando como sujeito, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 83 ocorrências)	106

Tabela 17 - Ocorrências do pronome <i>tu</i> , na função sujeito, concordando com verbo apresentando a desinência de número –s (2ª p.s.), entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 11 ocorrências)	108
Tabela 18 - Ocorrências do pronome <i>tu</i> , na função sujeito, com verbo sem a presença da desinência de número –s, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 176 ocorrências)	109
Tabela 19 - Ocorrências do pronome <i>tu</i> , em correspondência com pronomes complemento possessivos, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 5 ocorrências).....	111
Tabela 20 - Ocorrências do pronome <i>você</i> , em correspondência com os pronomes complemento possessivos, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 4 ocorrências).....	111
Tabela 21 - Ocorrências do pronome <i>tu</i> utilizado com verbo no presente do indicativo, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 112 ocorrências)	113
Tabela 22 - Ocorrências do pronome <i>você</i> utilizado com verbo no presente do indicativo (Base de cálculo: 44 ocorrências)	113
Tabela 23 - Ocorrências do pronome <i>tu</i> utilizado com verbo no pretérito perfeito, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 28 ocorrências)	114
Tabela 24 - Ocorrências do pronome <i>você</i> utilizado com verbo no pretérito perfeito, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 09 ocorrências)	115
Tabela 25 – Ocorrências do pronome <i>tu</i> utilizado com verbo no futuro do presente, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 26 ocorrências)	116
Tabela 26 - Ocorrências do pronome <i>você</i> utilizado com verbo no futuro do presente, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 15 ocorrências)	116
Tabela 27 - Ocorrências do pronome <i>tu</i> utilizado com verbo no modo indicativo, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 162 ocorrências)	118
Tabela 28 - Ocorrências do pronome <i>você</i> , utilizado com verbo no modo indicativo, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 63 ocorrências)	118
Tabela 29 - Ocorrências do pronome <i>tu</i> , utilizado com verbo no modo subjuntivo, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 15 ocorrências)	120
Tabela 30 - Ocorrências do pronome <i>você</i> , utilizado com verbo no modo subjuntivo, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 08 ocorrências)	120
Tabela 31 - Ocorrências do pronome <i>tu</i> , utilizado em orações absolutas, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 91 ocorrências)	122

Tabela 32 - Ocorrências do pronome <i>você</i> , utilizado em orações absolutas, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 38 ocorrências)	123
Tabela 33 - Ocorrências do pronome <i>tu</i> , utilizado em orações principais, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 43 ocorrências)	124
Tabela 34 - Ocorrências do pronome <i>você</i> , utilizado em orações principais, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 15 ocorrências)	124
Tabela 35 – Ocorrências do Pronome <i>tu</i> , utilizado em orações subordinadas desenvolvidas, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 35 ocorrências)..	125
Tabela 36 - Ocorrências do pronome <i>você</i> , utilizado em orações subordinadas desenvolvidas, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 19 ocorrências)..	126
Tabela 37 - Pronome <i>tu</i> utilizado em elocuções com referencialidade determinada, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 192 ocorrências)	127
Tabela 38 - Pronome <i>você</i> utilizado em elocuções com referencialidade determinada, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 75 ocorrências)	127
Tabela 39 - Pronome <i>você</i> utilizado em elocuções com referencialidade indeterminada, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 10 ocorrências)..	128

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 MARCO TEÓRICO	20
2.1 Sociolinguística Variacionista: contribuições teóricas ao estudo da alternância das formas de tratamento tu/você no português falado pelos ludovicenses.....	20
2.1.1 Teoria da variação lingüística: o espaço da sociolinguística laboviana.....	20
2.2 As Contribuições do Trabalho Pioneiro de Brown e Gilman: o poder e a solidariedade nas situações de interlocução	33
2.3 Os Pronomes Pessoais na Gramática Tradicional e na literatura linguística.....	38
2.3.1 A abordagem da gramática tradicional acerca dos pronomes pessoais no PB.....	38
2.3.2 A abordagem da linguística acerca do sistema pronominal do PB.....	42
2.3.3 Trabalhos sobre o uso do tu/você no PB.....	46
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS	50
3.1 Caracterização do local da pesquisa	50
3.1.1 Localização geográfica e sùmula histórico-cultural	50
3.2 Os pressupostos metodológicos.....	62
3.2.1 A dimensão e a estratificação da amostra.....	63
3.2.2 O suporte quantitativo	64
3.2.3 A codificação dos dados.....	66
3.2.4 Grupos de fatores controlados	66
3.3 A coleta dos dados	75
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO ...	77
4.1 Das ocorrências no contexto das variáveis independentes internas	82
4.2 Das ocorrências no contexto das variáveis independentes externas	94
4.2.1 Das ocorrências segundo a escolaridade, a faixa etária, a classe social e o sexo dos falantes	95
4.2.2 Das situações de interlocução.....	103
4.3 Síntese geral dos resultados	129
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
REFERÊNCIAS.....	140
ANEXO.....	1408

1 INTRODUÇÃO

O Brasil, um país de enorme diversidade cultural, caldeirão da mistura, ao longo de sua história, dos mais variados e díspares tipos humanos e de extraordinária base física de proporções continentais, teria de se mostrar um campo fértil para as pesquisas que envolvam a Linguística em sua perspectiva social, isto é, a Sociolinguística. Muitos, e extremamente significativos, são os estudos contemporâneos desenvolvidos, no Brasil, investigando os fenômenos de variação linguística que ocorrem no Português Brasileiro (PB), buscando compreender os fatores que definem a dinâmica desses fenômenos, que atualmente vêm sendo descritos e analisados em várias partes do Brasil. Fazem parte deste conjunto de trabalhos, entre outras, pesquisas como as de Soares (1980), Monteiro (1991), Tarallo (1997), Menon (1998) e Silva (1988), sempre tendo em perspectiva as múltiplas e complexas relações entre o fato linguístico e os aspectos socioculturais ou, ainda, socioeconômicos.

Nesse panorama é que se encontra uma pequena e distante cidade, batida pelos ventos dos trópicos e banhada pelo Oceano Atlântico e pelo sol do Equador, chamada de Upaon-Açu ou Ilha Grande, pelos seus autóctones, fundada por visionários franceses, mas efetivamente colonizada por rudes portugueses. De fato, a cidade de São Luís, nome que lhe foi dado pelos franceses, em 1612, que nela almejavam instalar a França Equinocial, foi verdadeiramente erguida pelos portugueses de Açores, e numa simetria tão grande com as construções portuguesas que seu casario faz lembrar a Lisboa antiga. Mais tarde, viriam os negros africanos, holandeses, árabes, cearenses, e tantos outros, numa mestiçagem, num caldeirão de culturas tão efervescente que está à altura da história de uma das mais antigas cidades do Brasil, hoje já contando com seus 398 anos.

Tudo isso deixa clara a gama de fenômenos linguísticos que podem vir a ocorrer num *locus* tão sujeito à influência das variáveis histórico-culturais e sociais que o influenciaram e o constituem. Nessa perspectiva é que se estabeleceu averiguar um dos mais antigos e sempre presentes fenômenos de variação linguística da cidade de São Luís do Maranhão, o uso dos pronomes **tu** e **você**, na língua falada da sociedade ludovicense.

Portanto, partindo da experiência dos trabalhos acima referenciados, buscou-se investigar se nessa cidade o uso desses pronomes apresenta semelhanças com a tendência geral do Português Brasileiro (conforme detectado pelos diferentes autores que se interessam pelo tema) ou se dela diferem, tornando-se esse uso fato linguístico relevante também como marca indicativa da identidade cultural do ludovicense¹, a exemplo do que ocorre nos Pampas.

Assim, uma possibilidade interpretativa dos aspectos linguísticos inerentes a esta pesquisa é a sugerida pelo americano William Labov (1972), ao conceber a língua como real, heterogênea e social, concentrando seus estudos num modelo comprometido com a abordagem dos fatos linguísticos sempre intrinsecamente vinculados aos aspectos sociais. Ou seja, tal proposição teórica se volta para o estudo da língua no âmbito de sua dimensão concreta, e não com base em dados abstratos. Disto decorreu a necessidade de considerar-se, nesta análise, o clássico artigo de Brown e Gilman, “The Pronouns of Power and Solidarity” (1960), tendo em vista que, quando analisada nos seus usos cotidianos, a língua inevitavelmente subtece uma pragmática que envolve relações de poder e de solidariedade, nos atos interlocução, algo magnificamente tratado por estes autores e essencial ao desenvolvimento deste e de tantos outros trabalhos com o mesmo enfoque.

Sem dúvida o enfoque do estudo da língua relacionada ao contexto social vem aumentando nos últimos anos e novas referências teóricas têm surgido, como é o caso de pesquisas sobre os pronomes pessoais, notadamente acerca da variável que se escolheu como objeto desta pesquisa, isto é, a alternância nos usos da segunda do discurso, representada pelos pronomes **tu** e **você**. Sabe-se que a segunda pessoa é aquela com quem se fala, originalmente representada no PB pelo pronome **tu**. Todavia, sabe-se, igualmente, como explica Cunha (1982), que é por demais comum que a segunda pessoa seja representada pelo pronome **você**, que assume estatuto de segunda pessoa, mantendo-se, porém, associada a verbo flexionado na terceira pessoa. Torna-se útil enfatizar desde logo que, neste estudo, vão interessar tanto os pronomes **tu** e **você** quanto as múltiplas relações que estes

¹ O adjetivo ludovicense utilizado para os naturais de São Luís se deve ao fato de que a cidade recebeu este nome para homenagear o então rei infante da França, *Louis* XIII, assim batizado em homenagem ao rei francês *Louis* IX, que foi canonizado como São Luís. O nome LUÍS vem do germânico HLUOTWIG, que se transformaria em LUDWIG, passando ao latim como LUDOVICUS, daí o adjetivo LUDOVICENSE. MEIRELES, M. M. *História do Maranhão*. São Luís: SIOGE; Secretaria de Cultura do Estado do Maranhão, 1996. p. 45.

estabelecem com outros entes lingüísticos de diferentes classes e funções morfossintáticas.

Como a língua é viva e dinâmica e o Brasil é um país vasto e diversificado, todos aqueles que se interessam pelo PB têm percebido que muitos fenômenos lingüísticos vêm se manifestando na realidade lingüística de várias cidades, forjados por uma diversidade de causas de cunho socioeconômico e/ou cultural, com repercussão no padrão de uso da língua portuguesa nessas cidades.

Atentando-se a tudo isso e tendo em foco uma antiga curiosidade acerca do modo de falar de São Luís do Maranhão, é que se optou por realizar esta pesquisa, versando sobre a alternância entre as formas de tratamento **tu** e **você**, no Português falado ludovicense, considerando, a priori, que é extremamente relevante a ocorrência do pronome **tu**, como marca significativa no uso da língua falada, em alguns estados da região Sul e da Nordeste, entre estas, a cidade de São Luís do Maranhão, conforme Bagno (2001), diferindo da maioria das outras regiões do país, onde predomina a forma **você**.

Assim, sendo este um estudo sincrônico, baseado em análises quantitativas de dados lingüísticos, foram levantadas algumas hipóteses, referentes a alguns fenômenos que poderiam estar ocorrendo na comunidade lingüística ludovicense, em situações cotidianas e concretas de interlocução, no que se refere à opção do falante entre as formas pronominais **tu** e **você** e à caracterização de seus usos, quais sejam: o pronome **tu** ocorreria com maior frequência entre os falantes de São Luís; o pronome **tu** co-ocorre com o pronome **você** em São Luís; o pronome **você** estaria competindo com a forma **tu**; a concordância do pronome **tu** (sujeito) com o verbo varia, na fala dos ludovicenses, entre o uso da concordância clássica da gramática normativa (presença do morfema [s]) e a concordância divergente (morfema [ø]), típica da terceira pessoa; haveria alguma predominância de uso de uma das duas formas pronominais, quando analisada especificamente sua ocorrência em relação aos tempos e modos verbais, aos pronomes possessivos, aos tipos de orações e à referencialidade.

O objetivo geral do presente trabalho, portanto, é verificar e analisar as condições lingüísticas e sociais que marcam a alternância das formas de tratamento **tu/você**, na fala do ludovicense, de forma a permitir uma reflexão acerca dos usos destas formas, com base em dados da língua falada em São Luís, relacionando-os às situações de ocorrência e às especificidades sociais desta localidade.

Logo, a partir do objetivo geral e das hipóteses levantadas, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: verificar os aspectos estruturais e variacionais dos usos das formas de tratamento de segunda pessoa na língua portuguesa falada; analisar os traços morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos dos usos desses pronomes na língua portuguesa falada em São Luís do Maranhão; considerar as dimensões socioeconômica, política, cultural e histórica do fenômeno em pauta; e descrever as condições linguísticas e sociais que favorecem a presença/ausência da concordância verbal de **tu/você** na fala do ludovicense.

Com isso, o estudo foi organizado em seções, na seguinte ordem. Primeiramente, é feita a abordagem do referencial teórico sobre o tema, ou seja, discute-se acerca das questões teórico-metodológicas que envolvem a Sociolinguística Variacionista de Labov e, em seguida, apresentam-se as proposições de Brown e Gilman, que tratam das questões de poder e solidariedade, durante as situações de interlocução. Neste ponto, pode-se então discutir o enfoque dado ao pronome de segunda pessoa **tu**, sob a ótica da Gramática tradicional, notadamente na sua correlação com a forma **você**, podendo-se, assim, fazer o contraponto entre as concepções da Gramática tradicional e as da Linguística.

Na segunda seção, passa-se a apresentar os procedimentos metodológicos que foram usados, bem como as razões que levaram a que se optasse por utilizá-los. Nesta parte, apresenta-se, a título de contextualização, um breve panorama histórico e cultural da cidade de São Luís do Maranhão, enfatizando aspectos de sua localização, sua fundação e povoamento, além da questão do mito de que, nesta cidade, que ficou conhecida no século XIX como a Atenas brasileira, se falava “o melhor português” do Brasil. Discute-se, assim, a arraigada vinculação da cidade com a Metrópole portuguesa durante o ciclo colonial, em função de sua burguesia comercial ser de origem lusitana e que, em função da localização geográfica de São Luís, estabelecia contato praticamente direto com Lisboa, bem como o fato de muitos nomes da então nascente intelectualidade brasileira serem filhos desta classe social e terem feito seus estudos em Portugal.

Por último, são expostos, em subseções, os demais aspectos metodológicos, detalhando-se a dimensão e a estratificação da amostra, o suporte quantitativo, a codificação dos dados e dos fatores controlados e a forma como foi realizada a coleta dos dados, para ser feita a análise dos resultados,

correlacionando-se estes a outros trabalhos, versando sobre o tema, e fazendo-se a síntese geral dos resultados, para que se possa passar às considerações finais acerca da investigação proposta, apresentando um panorama no qual estejam caracterizados os usos dos pronomes de tratamento **tu** e **você**, atualmente, entre os falantes ludovicenses.

2 MARCO TEÓRICO

2.1 Sociolinguística Variacionista: contribuições teóricas ao estudo da alternância das formas de tratamento *tu/você* no português falado pelos ludovicenses

Como princípio, concorda-se que toda pesquisa cujo foco é a fala, e a fala surpreendida em sua espontaneidade, necessariamente tem que levar em conta os aspectos sociais em que é utilizada e as funções em que são utilizadas as palavras, considerando-se o contexto de interlocução. Logo, buscando estabelecer um aparato teórico-metodológico visando sustentar a investigação a ser feita, entende-se que os principais pressupostos e marcos que podem servir aos objetivos deste trabalho encontram sua primeira e mais fundamental instância na Sociolinguística Variacionista.

Assim, para analisar a alternância dos pronomes de tratamento *tu* e *você*, no português falado pelos ludovicenses, o caminho foi optar pela teoria da Variação e Mudança da Sociolinguística, tendo em vista que ela está voltada para o uso concreto da língua, no dia-a-dia, não se valendo apenas de abstrações. De fato, a Sociolinguística se preocupa com o uso das palavras, com suas funções, no contexto das diferentes modalidades de interação social, não se prendendo exclusivamente às características internas da língua. Contudo, sempre será útil começar por Saussure.

2.1.1 Teoria da variação lingüística: o espaço da sociolinguística laboviana

É na passagem do século XIX para o XX que nasce a Linguística Moderna. Com base nas aulas que assistiram há alguns anos de seu mestre, Ferdinand de Saussure, alguns de seus alunos, entre os quais Albert Sechehaye e Charles Bally, organizariam o *Cours de Linguistique Generale* (*Curso de Linguística Geral*) (SAUSSURE, 1916).

Desta forma, com a Linguística instituída como ciência, a partir da publicação póstuma do clássico *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 1916), a língua passou a ser considerada em si e por si mesma, ou seja, em sua estrutura abstrata. Para assegurar a cientificidade e a autonomia da Linguística, Saussure necessitava delimitar seu objeto de estudo, tarefa muito difícil, já que a própria

natureza do objeto é complexa. Acredita-se que a necessidade de delimitação de um objeto para a Linguística estava relacionada com o pensamento científico predominante naquele momento histórico, pautado pelo Positivismo, que preconizava a objetividade da ciência.

Em consequência dessa necessidade de instituir a Linguística como ciência, Saussure estabeleceu recortes para o estudo da língua. Sendo assim, este trabalho tratará brevemente das principais definições saussurianas, para, em seguida, tratar da variação linguística. Com essas explicações, será possível entender o porquê de Saussure não ter incluído a variação como objeto de estudo da Linguística.

Segundo Weedwood (2002), o estruturalismo saussuriano estabeleceu duas dicotomias básicas: língua (*langue*), em oposição à fala (*parole*), e forma, em oposição à substância. A língua é descrita por Saussure como um sistema abstrato, fixo, homogêneo, institucional e, portanto, social, enquanto a fala é concebida como a realização concreta, heterogênea, individual e livre da primeira. As principais diferenças entre elas são a homogeneidade, própria da língua, como sistema, e a heterogeneidade, inerente à fala. O trabalho que ora se empreende, em termos saussurianos, se encontra, portanto, no campo da fala, da *parole*.

Fica claro, então, que Saussure reconheceu a variação na língua, mas, devido à necessidade de delimitação do objeto de estudo da Linguística, considerou como relevante apenas a língua, o que pode ser observado em sua famosa asserção: “o único e verdadeiro objeto da linguística é o sistema linguístico (*la langue*) focalizado nele mesmo e por ele mesmo” (SAUSSURE, 1916, p. 165).

Todavia, mesmo com essa dicotomia, língua e fala são complementares, de modo que a alusão a uma implica necessariamente uma referência à outra. Tal dicotomia acabou gerando o seguinte paradoxo: partindo de um único indivíduo, seria possível analisar-se o lado social da linguagem; mas somente pela interação de duas ou mais pessoas se poderia estudar o aspecto individual. Desta forma, Saussure exclui das tarefas da Linguística a preocupação com o caráter social da língua e toma a homogeneidade como princípio básico para a descrição linguística.

Tal princípio foi seguido pelo estruturalismo de Saussure, pela glossemática de Hjelmslev e pelo gerativismo de Chomsky: “Todos, elaborando teorias e sistemas de descrições diversificados, concordavam em delimitar o campo de sua ciência de modo restritivo, eliminando de suas preocupações tudo que não

fosse a estrutura abstrata” (CALVET, 2002, p. 11-12). Só algumas décadas depois, os linguistas decidiram incorporar os aspectos sociais nas descrições linguísticas, sobretudo em face da constatação de que toda língua muda, evolui. A esse propósito, Aurox (1992) afirma que a mudança é um processo natural das línguas vivas, na ausência do qual uma dada língua tende a desaparecer.

Como o estruturalismo saussuriano institui como seu objeto de estudo a língua, sempre dando ênfase à sua condição de sistema, e numa perspectiva bastante abstrata, não se poderia seguir tal modelo para o estudo da alternância dos usos do **tu** e do **você** no português falado do ludovicense, quando se estará tratando da fala em seus usos cotidianos concretos. Contudo, também será considerada a língua, já que a *fala* é a sua realização. Ora, uma língua não existe sem seus falantes, e a história de seus falantes influencia a história da língua. O estruturalismo linguístico atribui relevância à língua, não à *fala*, eis o porquê de, nos anos 1960, a Sociolinguística ter tomado o sentido inverso dessa posição, embora tendo partido dessa ideia, para posteriormente seguir caminho independente.

Meillet, já no final do século XIX, insistia, em seus textos, em enfatizar o aspecto social da língua, estabelecendo assim a origem de um conflito. Conflito esse que o levou a se distanciar de Saussure, dizendo que “ao separar a variação linguística das condições externas de que ela depende, Ferdinand Saussure a priva de realidade; ele a reduz a uma abstração que é inexplicável” (CALVET, 2002, p. 14). Desta forma, as posições de Meillet estavam em contradição com o pensamento principal do Curso, que afirmava: “A lingüística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si e por si mesma” (SAUSSURE, 1916, p. 166).

É importante que estudos recentes apontem para o fato de que muito do que é especulado no Curso não represente de fato aquilo que Saussure pensava, mas, ainda assim, no entendimento de Calvet (2002, p. 14), “mesmo que não seja de Saussure e represente muito mais a conclusão dos editores, ela resume perfeitamente seu ensinamento”.

Preenchendo a lacuna deixada por Saussure ao priorizar a língua em detrimento da fala, surge a Sociolinguística, que passa a considerar os aspectos sociais nas descrições das línguas: “(...) o que se faz em sociolinguística é buscar lugares de intersecção entre o mundo social e a dimensão linguística” (PAGOTTO, 2006, p. 52). Sendo assim, ela se propõe a pensar a relação entre a estrutura

linguística e a sociedade de forma muito específica, embora admitindo que o sistema linguístico tem um funcionamento próprio, independente do mundo social, apesar de estar submetido a ele.

De 11 a 13 de maio de 1965, sob a liderança de William Bright, pesquisadores reuniram-se em Los Angeles, nos Estados Unidos, para uma conferência sobre a Sociolinguística (Social Sciences Research Council – UCLA). Nesse evento, destacaram-se importantes estudiosos, como John Gumpers, Dell Hymes, Einar Haugen, William Labov e John Fischer. *Sociolinguistics*, publicado em 1966, com base nos resultados do referido Congresso, apresenta, em seu primeiro texto, os pressupostos da nova abordagem dos estudos linguísticos: “As dimensões da Sociolinguística”. Nesse texto, Bright (1974, p. 17) define como tarefa da Sociolinguística “demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social”. A sua função seria, portanto, atribuir as variações linguísticas de uma sociedade às estruturas sociais dessa mesma comunidade. A língua seria, então, o reflexo dessas diferenciações sociais.

Bright (1974) parte da ideia de que a diversidade linguística é precisamente a matéria de que trata a Sociolinguística, cujo campo procura delimitar, identificando suas dimensões (a dimensão do emissor, a do receptor e a da situação social), que estariam condicionadas aos fatores sociais com os quais a diversidade linguística se encontra correlacionada. Em outras palavras, a identidade social do emissor e do receptor, assim como a situação comunicativa, é indispensável para explicar a gama de imbricações do sistema linguístico com a estrutura social.

Dentre os estudiosos que se destacaram na descrição da heterogeneidade linguística em correlação com os fatores sociais que atuam na língua, um dos principais foi o americano William Labov, que se tornou o maior representante da denominada Teoria da Variação Linguística devido à sua pesquisa sobre o inglês falado (centralização do primeiro elemento de /aw/ e /ay/) entre falantes da ilha de Martha’s Vineyard, no estado de Massachusetts, nos Estados Unidos.

Labov acreditava, conforme explicita Preti (1987), que a língua funciona como elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua e que, entre língua e sociedade, não há uma relação de mera casualidade. Nesta perspectiva, são duas realidades que se inter-relacionam de tal modo que não se

concebe a existência de uma sem a outra, pois a finalidade básica de uma língua é servir como meio de comunicação. Daí ser interpretada como produto e expressão da cultura de que faz parte.

Quando, em 1966, Labov publica seu estudo sobre a estratificação social do /r/ nas grandes lojas de departamento nova-iorquinas, pode-se ver ali uma retomada das ideias de Meillet (1921): “estudo da língua em seu contexto social”. Assim, ele demonstrou que o fenômeno linguístico deve ser investigado no contexto social, por meio de dados orais do dia-a-dia, particularmente de fala espontânea. Segundo Labov (1972), quanto mais o fenômeno da fala for espontâneo, mais propício se torna à observação das inter-relações entre língua e sociedade, tornando evidentes as diversas formas linguísticas que os grupos sociais utilizam para sua comunicação. Ou seja, a língua desempenha papel preponderante na identificação de grupos, em sua configuração, como também é suporte de uma dinâmica social, possibilitando demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade.

Os estudos realizados por Labov, bem como os postulados de Weinreich, Labov e Herzog (2006) têm sido importantes, pois estabeleceram o modelo de análise denominado “Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança”, cujo objetivo é descrever a variação e a mudança linguística, levando em consideração a língua em seu contexto social, utilizando um modo de análise quantitativa dos dados obtidos em situações naturais de interação social.

Os principais objetivos da Teoria da Variação ou Sociolinguística Laboviana constituem a análise e legitimação de variantes linguísticas utilizadas por uma comunidade de fala² (LABOV, 1975), no esclarecimento da relação entre variação e mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006) e também na presença da heterogeneidade governada por regras variáveis, permitindo que o sistema linguístico se mantenha em funcionamento mesmo nos períodos de mudança linguística:

A condição normal da comunidade de fala é a da heterogeneidade: podemos esperar encontrar uma larga gama de variantes, estilos, dialetos e linguagens usadas por seus membros. Mais ainda, esta heterogeneidade é parte integrante da economia linguística da comunidade, necessária para satisfazer as demandas linguísticas da vida cotidiana (LABOV, 1982, p. 17).

² “Um grupo que segue as mesmas normas relativas ao uso da língua” (MONTEIRO, 2000, p.40)

Essa perspectiva exige uma visão da língua tanto do ponto de vista diacrônico quanto sincrônico, possuidora de heterogeneidade sistemática (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). Ou seja, a gramática da comunidade de fala, o objeto de estudo da Sociolinguística, tem como característica essencial a heterogeneidade estruturada e, ao mesmo tempo, deve ser entendida em seu processo histórico, exigindo, portanto, uma nova formalização analítica da língua, como um sistema heterogêneo e plural: “Um dos corolários da nossa abordagem é que, em uma língua que serve a uma comunidade complexa (i. é, real), é a ausência da heterogeneidade estruturada que seria disfuncional” (WEINREICH et al., 2006, p.101).

Os estudos liderados por Labov tiveram tanto êxito que acabaram motivando outros trabalhos sociolinguísticos no âmbito da sintaxe. Ao mesmo tempo, esses trabalhos suscitaram grande polêmica, pelo fato de a análise linguística não se limitar mais exclusivamente ao campo fonológico. A este respeito, Lavandera (1984) critica a possibilidade de extensão do método para outros níveis que não o fonológico, pois, na sua visão, o fato de haver um significado para cada forma não atenderia à exigência de formas alternantes dizerem a mesma coisa, ou seja, existem muitas expressões que possuem o mesmo valor semântico.

Em vista disto, Lavandera (1984) propõe duas alternativas. A primeira é o enfraquecimento da condição de equivalência semântica para a condição de comparabilidade funcional (construções sintáticas cuja intenção comunicativa é a mesma, independentes de possuírem o mesmo significado, podendo ser tratadas como variantes de uma mesma variável). A outra alternativa seria a restrição do estudo variacionista ao nível fonológico, em que as variantes de fato significam a mesma coisa. Em resposta aos artigos de Lavandera, Labov (1978) afirma que as unidades não-fonológicas não possuem significados distintos, ou seja, se duas sentenças se referem ao mesmo estado de coisas, têm o mesmo valor de verdade.

Labov (1978) ressalta que o pesquisador, ao iniciar seu trabalho, deverá levar em conta certas condições, ou passos, na pesquisa sociolinguística, tais como: levantar os condicionamentos linguísticos que, de fato, sejam relevantes no uso da variável a ser estudada; levantar hipóteses e submetê-las à análise, o que possibilitará fazer o encaixamento da variável no sistema de relações sociais e linguísticas; avaliação da variável pelo informante, por meio de testes específicos que tenham a intenção de comparar as reações subjetivas do falante em relação à

variável e às formas usadas por esse informante na entrevista; e, por fim, a investigação dos caminhos percorridos pela variável, a partir de um estágio anterior, para obter repostas ao porquê, ao quando e ao onde ocorreu determinada variação.

Vale lembrar que nem sempre é possível abranger todos os passos num único trabalho de pesquisa. Em resposta às lacunas deixadas, é necessário acrescentar novos trabalhos que possam dar continuidade aos já realizados.

Os estudos de Labov (1972) demonstraram ainda que a variação é inerente ao sistema linguístico, bem como passível de descrição e explicação, segundo a correlação dos dados empíricos com o contexto social e linguístico.

A Sociolinguística busca descrever e explicar o processo de variação e mudança, por meio do controle de fatores sociais (classe social, escolaridade, idade, etc.) e fatores linguísticos (fonéticos, morfológicos, sintáticos, estilísticos, pragmáticos etc.), identificando fatores que influenciam a escolha de uma ou outra variante, mostrando que a variação é sistemática, regulada e governada por um conjunto de regras variáveis. Os fatores condicionantes são denominados variáveis independentes, em contraposição à variável dependente. Assim, interpretam-se a variação e a heterogeneidade como características inerentes ao sistema linguístico.

Labov (1972) deixa de notar que grande parte das teorias estuda a linguagem e os entes lingüísticos que a constituem como unidades isoladas, tais como o fonema, morfema etc. No entanto, o estudo empírico da língua em uso revela que os elementos da estrutura linguística não estão confinados a estas unidades, abrangendo elementos que se encontram em variação sistemática, refletindo mudanças temporais e processos extralinguísticos.

Desta forma, uma determinada gramática abrange não só regras categóricas³, mas também regras variáveis⁴, na medida em que pressupõe a variação como não-livre, e sim sistemática.

As formas linguísticas em variação em uma determinada comunidade são chamadas variantes linguísticas, sendo, conforme Tarallo (1997), definidas como formas alternativas de dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto e com o

³ Segundo Monteiro (2000), regras categóricas ou invariantes são regras gramaticais que especificam exatamente o que é e, conseqüentemente, o que não é possível mudar na língua.

⁴ Regras variáveis “aplicam-se sempre quando uma ou mais formas estão em concorrência num mesmo contexto de escolha e a escolha de uma depende de uma série de fatores, tanto de ordem interna ou estrutural como de ordem externa ou social” (MONTEIRO, 2000, p.58)

mesmo valor de verdade. No entanto, embora tenham o mesmo valor referencial ou denotativo, as variantes podem ser diferentes quanto ao seu significado social.

Monteiro (1994) cita como exemplo o /r/ de *elixir*, que pode ser pronunciado com maior ou menor força expiratória ou ser apagado, não obstante o significado denotativo do vocábulo não se modifique. O inverso disto acontece como significado expressivo ou social: se o /r/ é enfático, poderá assumir a condição de um símbolo de prestígio. Em contrapartida, o falante poderá vir a ser estigmatizado, se pronuncia o /r/ como retroflexo. Há uma série de condições que vão determinar a escolha do falante por uma ou outra forma variante, podendo isto acontecer, segundo o autor, de forma consciente ou inconsciente.

Todas essas condições derivam de como está organizada a comunidade linguística⁵ do falante. Cada comunidade linguística imputa às formas variantes significados que provêm das mais diversas identidades sociais. Tais significados atuam no eixo da dimensão prestígio x estigma, subordinado ao valor social que cada variante tem na comunidade. Desta forma, a dimensão prestígio x estigma é resultante da forma como uma comunidade linguística organiza os significados sociais e os vincula às formas variantes.

O estudo proposto por Labov é, numa primeira etapa, de natureza quantitativa. Por esta razão, utilizam-se programas computacionais para o tratamento estatístico dos dados, fazendo cálculos de frequência e probabilidade de aplicação de uma determinada regra gramatical, bem como realizando o cruzamento de fatores. Só assim o linguista terá condição de identificar os fatores internos e externos que regem a variação linguística, como também estabelecer a correlação entre comportamento linguístico e social (MONTEIRO, 2000).

No processo de variação logicamente pesam as dimensões espacial, social e contextual. Na dimensão espacial, o processo de variação está relacionado à distribuição de uma determinada população por um território dado; na dimensão social, esse mesmo processo se associa a índices demarcatórios de grupos como classe social, idade, gênero etc., todos relacionados aos papéis sociais desempenhados pelos falantes nas relações sociais; e por último, mas igualmente importante, a dimensão contextual, definida como os lugares em que os papéis sociais se confrontam.

⁵ Labov (1972) define uma comunidade linguística como um conjunto de falantes que compartilham os mesmos valores com relação à língua.

A dimensão espacial parte da ideia de que uma comunidade linguística pode ser representada espacialmente, possibilitando relacionar diversas variantes a certas regiões geográficas. O estudo dessa dimensão precede a Sociolinguística dos anos de 1960, estando agregada à Dialetoлогия ou à Geografia Linguística. Ambas trabalham com a hipótese central de que a ação colonizadora de uma região e o grau de isolamento são, talvez, as explicações para o processo de variação ou mudança na língua.

Quanto à dimensão social, esta engloba tanto os rótulos sociais - classe social, escolaridade e faixa etária -, quanto as condições situacionais, sendo que a classe social é responsável por agregar valores positivos ou negativos às formas variantes.

Em relação ao contexto, entendido como “conjunto de determinações sociais que age sobre o processo de comunicação definindo e tipificando situações de comunicação que passam, elas próprias, a ter uma espécie de significado próprio” (PAGOTTO, 2006, p. 63), o processo de variação que o envolve é denominado estilístico. O contexto é estudado a partir de uma gradação de formalidade – mais ou menos formal –, pois um indivíduo de mesmo grupo social utiliza uma ou outra variante de acordo com o grau de formalidade da situação comunicativa.

A dimensão temporal engloba a mudança linguística, haja vista que, se as sociedades mudam com o tempo, a língua também muda. A mudança, conforme Pagotto (2006), é um dos resultados de um processo de variação, pois quando duas variantes estão em competição numa determinada comunidade linguística, pode-se ter pelo menos dois resultados: uma se tornar mais usada que a outra ou ambas manterem a frequência de uso em toda a comunidade e em todos os contextos.

Ao investigar uma mudança linguística, observa-se como a variante inovadora se expande e ocupa o lugar das variantes conservadoras (aquelas que já existiam no sistema linguístico da comunidade em estudo). Ressalta-se que o processo de variação pode não implicar mudança, fenômeno esse que recebe o nome de variação estável, em que cada variante se mantém em seu limite de uso no decorrer do tempo.

Portanto, neste contraponto entre variação e mudança, a análise da variação torna-se importante e pertinente na medida em que ela é interpretada como uma condição primordial para que se possa compreender uma mudança linguística.

Assim, conforme observa Labov (1983), durante o processo de mudança ocorrem três estágios: o primeiro corresponde à origem da mudança, momento em que se considera uma das inúmeras variações possíveis cujo uso se circunscreve a um pequeno grupo de falantes; o segundo consiste na propagação, em que um número maior de falantes adota uma variante que começa a se consolidar em oposição à antiga forma; o terceiro é a conclusão, quando se estabelece a regularidade por meio da eliminação das variáveis concorrentes com a forma vencedora.

Para determinar se uma variável está envolvida em um processo de mudança, Labov (1983) analisa sua distribuição em tempo real (diacronia) e em tempo aparente (sincronia – distribuição da variável nas faixas etárias da população). Ele acredita que se obterá uma compreensão mais clara do mecanismo da mudança linguística e das mudanças completadas no passado, se se estudar, no presente, aquelas que estão em progresso: “inicia-se o processo de investigação no momento presente; volta-se ao passado para o devido encaixamento histórico das variantes retornando-se, a seguir, ao presente para o fechamento do ciclo de análise. Trata-se de uma viagem de ida e volta!” (TARALLO, 1997, p. 64). Assim, a análise sincrônica é aproximada da diacrônica, apoiando-se no princípio da uniformidade. Segundo este princípio, os mesmos mecanismos que produziram grandes mudanças no passado podem ser observados operando sobre as mudanças que se dão no presente.

Uma pesquisa sociolinguística que pretenda descobrir os mecanismos da mudança, ou seja, que aspectos a condicionaram, deverá levar em conta os cinco princípios empíricos para a teoria da mudança, propostos por Weinreich, Labov e Herzog (2006): o problema das restrições (*constraints problem*), o problema da transição (*transition problem*), o do encaixamento (*embedding problem*), o da avaliação (*evaluation problem*) e o da implementação (*actuation problem*).

Durante o processo de mudança, pode-se delimitar as condições e restrições para que ela ocorra, as quais podem ser linguísticas e extralinguísticas. Há também restrições gerais que determinam as possibilidades e a trajetória de mudança/variação. Logo, este princípio verifica quais as restrições universais sobre a mudança, ou seja, um refinamento, na língua falada, dos dados levantados, descrevendo a variável e traçando o perfil das variantes.

A transição é entendida por Weinreich, Labov e Herzog (2006) como a mudança de um estado da língua para outro. Os autores questionam: se uma língua

tende a ser estruturada para funcionar, como as pessoas continuam falando enquanto ela muda? Como uma mudança acontece? O período de transição é considerado por eles como uma fase de menor sistematicidade. Porém, um mesmo falante não percebe que a língua está mudando, usando ora uma forma, ora outra. Durante a transição, uma forma alternativa se sobressai em determinados contextos, até ser primordial em todos, tornando a outra obsoleta. Assim, o problema da transição busca descrever os caminhos pelos quais a língua muda, isto é, os estágios intermediários da mudança.

A Teoria da Variação acredita que uma análise estritamente linguística não basta para explicar a mudança, desta forma, sugere a interação do sistema linguístico com a estrutura social da comunidade de fala, propondo um encaixamento, dividido em dois aspectos: na estrutura linguística e na estrutura social. O segundo desses aspectos representa um dos mais importantes avanços do modelo sociolinguístico.

A respeito do encaixamento do fenômeno em mudança, é fundamental descobrir como formas alternantes se encaixam nos sistemas de relações linguísticas e extralinguísticas, partindo da ideia de que cada comunidade de fala possui variações que lhe são muito próprias. Porém, por meio da comparação entre estudos sobre comunidades distintas, pode-se conhecer mais os universais da variação. Este princípio aparece problematizado pelos autores por meio da seguinte indagação: qual a importância da mudança em termos estruturais e sociais e quais as correlações entre ambos?

Sobre o problema da avaliação, Weinreich, Labov e Herzog (2006) defendem que estágios iniciais da mudança estão abaixo do nível de consciência social, imperceptíveis aos falantes. Já a consciência dos membros da comunidade de fala constitui fator fundamental na mudança linguística, pois é a partir dessa consciência que a mudança será julgada pela sociedade, sendo estereotipada em relação às características sociais. Para Labov (1965), só em estágios subsequentes os falantes apresentam modificações estilísticas, resultando na estratificação social. Em outras palavras, a avaliação da variável serve para que se possa confirmar a existência de casos de variação ou mudança, ou seja, para investigar como os membros da comunidade de fala avaliam a mudança e que informações sociais as variantes veiculam.

Há alguns elementos linguísticos que fazem parte do processo de mudança e que são classificados, de acordo com o julgamento social, em indicadores, marcadores e estereótipos. Os indicadores são elementos linguísticos que apresentam diferenciação social, mas não estilística, e não influenciam o julgamento social. Os marcadores são aqueles que apresentam tanto variação social quanto estilística, refletindo, de forma um tanto quanto inconsciente, o julgamento dos falantes. Os estereótipos são formas estigmatizadas pela sociedade. A essa classificação pode-se somar as ideias de prestígio e estigma, que dependem de como e em que situação a linguagem é utilizada, fazendo com que uma mesma variante tenha valores positivos para algumas pessoas e negativos para outras.

O princípio da implementação busca identificar os eventos linguísticos e sociais que propulsionam a mudança, ou seja, está centrado na determinação da direção que a mudança toma, tanto na estrutura social quanto na linguística. Ao investigar este princípio, Labov (1972) constatou que os grupos socioeconômicos intermediários são aqueles que avançam o processo de mudança linguística, pelo fato de se revelarem mais sensíveis e susceptíveis à variação estilística (gráfico curvilíneo). Essa conclusão se contrapõe às correntes anteriores, que afirmavam que o movimento da mudança tinha uma direção de cima para baixo ou vice-versa (gráfico retilíneo).

Além dos princípios empíricos, tem-se que considerar alguns princípios gerais para o estudo de um fenômeno de variação, que remetem a conclusões tiradas das pesquisas de Weinreich, Labov e Herzog (2006) sobre a natureza da mudança linguística. O primeiro princípio afirma que a mudança não é aleatória, pois inicia quando uma variante particular começa a se generalizar, assumindo um caráter de diferenciação ordenada. Também é certo que a língua não é homogênea, porque a estrutura linguística abrange essa diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos, por meio de regras que conduzem a variação na comunidade linguística. Outro princípio geral mostra que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança, mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.126).

Também é um princípio geral o caráter não uniforme e nem instantâneo da mudança, já que a generalização de uma variação está relacionada com o tempo e o espaço. Outro princípio mostra que as gramáticas em que a mudança linguística ocorre são as gramáticas da comunidade de fala, porque as estruturas variáveis

contidas na língua são determinadas pelas funções sociais. Já idioletos não servem de base para gramáticas autônomas ou internamente consistentes. Por último, os fatores sociais e linguísticos estão fortemente inter-relacionados no processo da mudança linguística, haja vista que explicações restritas a um ou a outro fator, ainda que bem elaboradas, não terão êxito em explicar uma riqueza de regularidades analisadas em estudos empíricos do comportamento linguístico.

Ressalta-se que Weinreich, Labov e Herzog (2006) concebem a língua como um sistema intrinsecamente heterogêneo e ordenado, fator indispensável para a pesquisa da mudança linguística, seja ela sincrônica ou diacrônica. Esse processo é entendido como uma decorrência inevitável da dinâmica interna das línguas naturais, assim como um tipo de variação linguística com propriedades sociais próprias.

Deve-se ainda ressaltar que, atualmente, a sociolinguística é caracterizada pela diversidade de interesses, de perspectivas teóricas e metodológicas. Para alguns, como Carboni (2008), isso constitui uma dificuldade, já que essa ciência ainda não chegou a conclusões a respeito de questões teóricas, como o vínculo dialético entre a língua, a organização social e as formações ideológicas que a ela correspondem.

Por outro lado, a Sociolinguística Quantitativa ou Variacionista, elaborada principalmente por Labov (1972), tem como objeto a utilização da língua, analisada sob a perspectiva de variáveis sociais. Seu objetivo é revelar a relação entre as variáveis sociais e linguísticas, pesquisando a forma das regras, a evolução do sistema linguístico no tempo, a existência de vários sistemas. O método dos variacionistas consiste em observar um *corpus*, composto por certas características sociais, antropológicas e étnicas, relacionando-o a uma variável linguística: fonológica, fonética, morfossintática. A principal crítica ao modelo é o seu uso nem sempre em adequação com teorias e critérios sociológicos, para classificar os dados sociais pesquisados.

Também há outras correntes sociolinguísticas que estudam as dinâmicas comunicativas, sentimentos e atitudes linguísticas, política, bilinguismo, línguas minoritárias, vínculos entre a língua e a identidade cultural. Contudo, tais fenômenos não podem ser estudados de forma quantitativa e necessitam de uma investigação profunda das determinações sociais ligadas a eles. As correntes que elegem estes

fenômenos como objetos de estudos são denominadas de Sociolinguística Funcional, Sociolinguística Interpretativa, Sociolinguística Interacional etc.

Todavia, pelo exposto, crê-se que está mais do que claro que a abordagem sociolinguística de fenômenos de variação numa determinada comunidade linguística, não obstante algumas questões epistemológicas ainda por se aperfeiçoarem, tem se mostrado bastante relevante e eficiente, notadamente em estudos como este que ora se vem tentando empreender.

2.2 As Contribuições do Trabalho Pioneiro de Brown e Gilman: o poder e a solidariedade nas situações de interlocução

Existe um consenso, no âmbito dos estudos sociolinguísticos, de que as pesquisas feitas devem sempre buscar levar em conta as situações de interlocução. Isso implica considerar as circunstâncias, o local ou ambiente em que se dá o diálogo e, sobretudo, a caracterização socioeconômica dos sujeitos envolvidos.

Neste sentido, o trabalho “The Pronouns of Power and Solidarity”, de autoria dos sociolinguístas norte-americanos Roger Brown e Albert Gilman (1960), abriu caminho para que os estudos sobre as formas de tratamento fossem realizados numa perspectiva mais abrangente. Tão importante se tornou esse estudo que, acredita-se, não se pode realizar qualquer pesquisa que envolva as formas de tratamento sem levá-lo em consideração. De fato, o trabalho de Brown e Gilman se colocou como leitura obrigatória, de tal maneira que muitos linguistas, como John Jensen (1982), entendem que eles introduziram todo um novo gênero de estudos na sociolinguística, opinião esta que se coaduna com a de Oliveira e Silva (1981), que os consideram como pioneiros, quer pela cuidadosa metodologia, quer pelo enfoque criado, que vem servindo de referência, desde então, a inúmeros outros autores. É por tudo isso que Biderman (1972-1973, p. 2) considera que esse trabalho “constitui um marco na sociolinguística americana contemporânea”, motivo pelo qual, para quem se propõe a estudar as formas pronominais de tratamento **tu** e **você**, como é o caso desta pesquisa, não pode deixar de se utilizar de seus fundamentos teóricos.

O trabalho de Brown e Gilman foi baseado em estudos das formas de segunda pessoa de algumas línguas da Europa, África e Índia. Para isso, os autores valeram-se tanto de pesquisa de campo, feita por meio de questionários, contendo

itens referentes ao uso dos pronomes singulares de tratamento, quanto de literatura linguística genérica, como Baugh (1905); Diez (1874); Grim, (1822-1837); Jespersen (1905) e Meyer Lüble (1900), todos com ênfase na mudança fonética. Também analisaram dissertações, teses de doutoramento, utilizaram obras literárias, estudaram documentos legais além de algumas cartas, todos centrados na descrição da semântica pronominal de algumas línguas.

Brown e Gilman apresentam como síntese de todo esse material a seguinte premissa: à medida que as sociedades fechadas do passado foram se transformando nas sociedades democráticas do presente, as formas cerimoniais de tratamento foram dando espaço às não-cerimoniosas. A esse respeito, Biderman (1972-1973) afirma que, nas línguas, o locutor pode escolher duas formas de tratamento para se dirigir ao seu alocutário. Isso é determinado por dois fatores que são fundamentais à análise no âmbito social: a dimensão de poder (uma pessoa exerce poder sobre outra na medida em que é capaz de controlar o seu comportamento – uso assimétrico de tratamento) e a dimensão de solidariedade (caracterizada pelo fator intimidade entre os interlocutores, devido a laços de parentesco, amizade etc., permitindo o uso recíproco de forma de tratamento – uso simétrico de tratamento).

O que se estabeleceu entre os pronomes de tratamento e a ideologia que possibilita a sua realização é a semântica de tratamento. E isso tornou mais compreensíveis as correspondências sociais e psicológicas entre as formas de tratamento e seu contexto de articulação verbal.

Em algumas línguas europeias, excetuando-se a inglesa, estabeleceu-se uma dicotomia entre pronomes de tratamento com marcas de familiaridade e com marcas de polidez. Essa dicotomia se originou no latim, quando findava o Império Romano, que, após ter sido dividido em duas partes, uma que dominava a parte ocidental com sua capital em Roma, e a outra, que era governada por Constantinopla, a parte oriental, teve-se que refletir sobre a preservação da unidade entre ambas. Para resolver esse impasse estabeleceu-se que para se dirigir a qualquer um dos imperadores deveria ser empregada a forma “vos”, já que se estaria falando a ambos os césares. Assim, as palavras dirigidas a um imperador serviriam para o outro, que também detinha o poder. Por isso a necessidade de usar esse pronome de deferência para um e outro soberano. A consequência desse fato é que a forma “vos” firmou-se como uma forma de tratamento de deferência a ser

usado quando se falava com alguém que detinha o poder ou, entre iguais, e a forma **tu** passou a ser utilizada quando pessoas de poder se dirigissem aos seus subalternos ou a pessoas consideradas socialmente inferiores. Eis o porquê de, ao longo dos tempos, a forma **tu** ter sido mantida para dirigir-se aos considerados inferiores.

Para Brown e Gilman, numa interlocução, há sempre a possibilidade de um falante possuir algum tipo de poder em relação ao seu interlocutor. Tal poder pode advir de vários fatores: maior força física, mais idade, sexo diferente, papel institucionalizado da igreja, do estado, do exército, da família ou maior poderio econômico. Segundo os autores, esta relação de poder remonta à própria infância do falante (que em geral se dirige aos pais com algum tipo de deferência) e às situações de subordinação, tais como entre soldado e oficial, empregado e empregador, falante jovem e falante idoso etc. Mas essas marcas de diferença de poder na fala tiveram origem, sobretudo, a partir daquele momento em que o “vos” se firmou como um tratamento cerimonioso para pessoas com algum tipo de poder, sendo sempre usado do menos poderoso para o com maior poder (nunca o inverso), ou entre indivíduos de igual poder ou da mesma classe social, e, na outra ponta, em que o **tu** ficou reservado a um uso, menos cerimonioso, daquele com maior poder para o de menor, ou entre pessoas de classes sociais mais baixas.

Com o passar dos anos, essas práticas se incorporam e passam a fazer parte da rotina das relações. Na Idade Média, a nobreza dizia **tu** aos não-nobres e recebia o “vos”. Os autores demonstram, por exemplo, que na literatura italiana do século XV, os cristãos, quando se dirigem aos turcos ou judeus, usavam o **tu** e recebiam “vos”. Ainda na Itália, nessa mesma época, os fiéis abordavam padres com a forma “vos” e eram tratados por **tu** e, em algumas peças de Corneille, Racine e Shakespeare, os nobres dizem **tu** aos inferiores e recebem “vos”. Portanto, durante largo tempo, o emprego desses pronomes ficou confinado a tais contextos, predominando uma semântica bi-dimensional.

No entanto, as relações feudais que marcavam o contexto em que esse fato linguístico surgiu e se firmou foram se extinguindo e, mais tarde, a própria Monarquia (que deu origem a tal dicotomia de tratamento) foi questionada e deixou de ser o regime político hegemônico no mundo. Com a Revolução Francesa, em 1789, veio abaixo o *Ancien Régime* e a teoria dos Três Estados, e a burguesia começou sua escalada, de mãos dadas com o proletariado, inicialmente. Fica claro

que, de finais do século XVIII em diante, as formas de tratamento de deferência iriam ser questionadas e passar por uma situação de conflito, confundindo-se e alternando seu uso com as formas mais populares, haja vista a nova conjuntura social e ideológica que se implantava, postulando que todos os homens eram iguais, sob o lema da liberdade, igualdade e fraternidade. Se não poderia haver diferentes Estados, se o voto teria de ser universal, se os homens deveriam ser iguais, por que deveria haver distinção de tratamento? Estava aberto o caminho para um contato um pouco mais igualitário entre as diferentes classes sociais e, em termos sociolinguísticos, na perspectiva de Brown e Gilman, para introdução do fator *solidariedade*.

Acerca disso, que, na visão dos autores, resultou numa crise das formas de tratamento, Carlos Alberto Faraco tenta nos dar uma ideia do que se passou em Portugal (país cujas formas de tratamento mais nos interessam) durante essa crise:

Durante algum tempo em Portugal, contudo, para cada movimento relacionado à identificação havia, por parte dos imitados, um movimento oposto direcionado à diferenciação, num contínuo esforço para manter (e marcar por meio das formas de tratamento) um sistema de diferenciação hierárquica ainda de inspiração medieval, num contexto em que não havia mais sustentação material para isso, considerando que a expansão da economia capitalista estava alterando inexoravelmente a estrutura social tornando sem sentido (salvo como norma da linguagem burocrática) qualquer esforço na direção oposta (FARACO, 1996, p. 61-62).

Portanto, a semântica dos pronomes de tratamento passou, desde o seu surgimento, por diferentes momentos, Brown e Gilman reconheceram a existência de três estágios:

1º) relação bi-dimensional, com o “vos” possuindo uma dimensão cerimoniosa e utilizado entre indivíduos de posição social superior e o **tu** sem a dimensão de cerimônia e utilizado para indivíduos de posição social mais baixa, ou, horizontalmente, entre estes;

2º) introdução do uso alternado de **tu** e “vos” entre indivíduos de mesma posição social, primeiramente nas classes mais altas, disseminando-se, depois, entres as mais baixas;

3º) introdução do fator *solidariedade* (gerador de conflitos);

4º) resolução do conflito, em favor da *solidariedade*.

Não resta dúvida, portanto, que toda a argumentação de Brown e Gilman é sólida e pertinente. Prova disso é a resolução da crise de tratamento com a entrada em desuso da forma “vos”, na maioria das línguas, e em favor da abordagem solidária (do tratamento mais igualitário), ou seja, a forma **tu**. No entanto, mesmo com os autores afirmando que o conflito se resolveu em favor da solidariedade, com a semântica do poder perdendo espaço na direção de um padrão de uso em que os interlocutores usam e recebem o mesmo pronome ou em que os diferentes pronomes seriam usados independentemente de posições hierárquicas, sabe-se que, ainda hoje, mantém-se um residual do uso não recíproco dos pronomes de tratamento.

Tal resíduo – e resistência – se deve ao próprio fato de que ainda se vive numa sociedade dividida em classes, com enormes diferenças socioeconômicas, o que tende a colocar os sujeitos em diferentes posições e, além disto, que a noção de hierarquia, assim como a de classificação, é muito presente na vida humana. Assim, em geral não se discorda que os mais velhos ou que os pais mereçam um tratamento de maior deferência (ainda que isto não seja obrigatório). Em síntese, os próprios autores informam que essa noção de hierarquia é estimulada pelos pais, ainda na tenra infância dos filhos. Logo, Brown e Gilman deixam como contribuição aos estudos da linguística a comprovação de que os falantes podem estabelecer contextos de interlocução em que pode predominar a dimensão do poder, entre os interlocutores (ou seja, uma relação assimétrica) ou a dimensão da solidariedade (relação simétrica).

Publicado em 1960, “The Pronouns of Power and Solidarity” propiciou que, atualmente, se tenha total segurança de saber que, nos atos de interlocução, encontra-se representada uma série de implicações socioeconômicas, ou mesmo psicossociais, entre elas, as circunstâncias, o local ou ambiente onde se verifica o diálogo e, principalmente, quem são os sujeitos envolvidos, as dimensões que os caracterizam.

Mesmo que neste trabalho não se tenha estabelecido como objetivo tratar detalhadamente das relações de simetria e assimetria estabelecidas entre os falantes ludovicenses, serão considerados, no entanto, o contexto em que se deram os diálogos e o posicionamento hierárquico dos falantes, isto é, se os atos interlocutórios se dão entre familiares, entre amigos, entre empregados e patrões etc. Portanto, como o pronome *tu*, pelo que se pôde ver, tende a ser muito utilizado

entre solidários, ou seja, entre pessoas da mesma idade, da mesma classe social, da mesma profissão, do mesmo sexo etc., não se pode prescindir desse tão importante corpo teórico.

2.3 Os Pronomes Pessoais na Gramática Tradicional e na literatura linguística

Para uma mais adequada aproximação do tema deste estudo é claramente indispensável que se abordem algumas concepções acerca do sistema pronominal na língua portuguesa e de como se deu a estruturação dele, no decorrer da história. De fato, não se pode prescindir disso, pela necessidade de esclarecer certas noções que, sem dúvida, estarão imbricadas às reflexões que perpassam este trabalho.

Neste sentido, impõe-se mostrar como a gramática tradicional, funcionando como instrumento de normalização e prescrição dos usos da língua, aborda o fenômeno linguístico que se propôs a estudar, buscando estabelecer as semelhanças e diferenças entre o que prescrevem os compêndios gramaticais e a linguística e, a partir, disto, verificar o que acontece no que concerne aos usos concretos da língua, no dia-a-dia dos falantes.

2.3.1 A abordagem da gramática tradicional acerca dos pronomes pessoais no PB

Sabe-se que os pronomes, pessoais ou os demais, sempre foram objeto de estudo dos intelectuais em todos os tempos, a começar dos filósofos gregos, que começaram a traçar a distinção entre estes entes lingüísticos e os nomes, bem como investigaram o que chamaram de *dêixis*, que, até nossos dias, tem que ser considerada no estudo dos pronomes, a saber, a *dêixis ad oculos* (ou situacional), a *dêixis anafórica* e a *dêixis catafórica* (ILARI et al, 1996; MACAMBIRA, 2001). Disto percebe-se, imediatamente, que o tema tem uma enorme abrangência, seja na perspectiva histórica, seja na lingüística. Todavia, fixando-se o alvo nos objetivos desta pesquisa, aqui só se tratará dos pronomes pessoais⁶, e no contexto do Português Brasileiro.

Assim, a partir da sistematização estabelecida pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) e, portanto, nas mais recentes gramáticas escritas no

⁶ Tendo em vista que o objetivo desta pesquisa é a alternância dos pronomes *tu* e *você*, esta abordagem se limitará ao estudo dos pronomes pessoais no PB.

Brasil, atribuiu-se a diversas formas a designação de pronome: os *personais*, identificando a pessoa gramatical; os *possessivos* e os *demonstrativos*, relacionando a determinação de posse/propriedade e localização, respectivamente; e os pronomes *indefinidos*, referindo-se à terceira pessoa de modo indeterminado.

Na visão de Ilari et al. (1996, p. 75), as concepções vigentes de pronome partem de uma análise que tem como paradigma o nome e, segundo a concepção de nome que adotam, os gramáticos agregam ou não aos pronomes pessoais os possessivos, os demonstrativos e os indefinidos. Vale ressaltar que o aspecto mais relevante dessas concepções “é o reconhecimento dos pronomes pessoais como a parte nuclear de uma classe de palavras”.

Diversos gramáticos, tais como Pereira (1938), Said Ali (1964), Rocha Lima (1983), Vilela e Koch (2001), Bechara (2003), Cunha e Cintra (2007), não apresentam diferenças significativas na concepção morfossintática de pronomes pessoais, pois, em geral, consideram-nos como substitutos do substantivo. Esse conceito agrega as três pessoas gramaticais ou do discurso: a 1ª pessoa, aquela que fala, a 2ª pessoa, a com quem se fala, e a 3ª, a que se refere ao ser ou objeto de quem se fala.

Pronome, segundo Pereira (1938), é a palavra que designa os seres pelas suas relações com a pessoa gramatical. Para ele, os pronomes não só substituem o nome, mas também indicam a posição deste em relação ao ato da fala. Os pronomes substantivos ou pessoais indicam “o ser sob simples relação de pessoa” ou substituem o nome, podendo ser subdivididos, conforme sua função na oração, em *retos* e *oblíquos*. Fora dessa classificação, existem palavras e locuções que servem como pronomes de tratamento: “fulano, beltrano, sicrano, a gente, homem, você, vossa mercê, vossa Senhoria (V.S.), vossa Excelência (V. Excª), sua Senhoria (S. S.)” etc. (PEREIRA, 1938, p.110).

Said Ali (1964) também concebe o pronome como o substituto de um ente. Entretanto, ao apresentar os pronomes usados como sujeitos de orações, denominados formas retas – *eu / nós; tu / vós; ele, ela / eles, elas* –, ressalta que o *nós*⁷ não significa *eu + eu*, e sim *eu + tu, eu + ele / ela, eu + vós* ou *eu + eles / elas*. Em se tratando do pronome pessoal **tu**, afirma que seu uso está muito limitado,

⁷ Câmara Júnior (2002, p. 85) afirma que “o leque de pronomes, além de não incluir formas amplamente utilizadas na linguagem coloquial, como é o caso de *você / vocês / a gente*, concebe, equivocadamente, ‘*nós*’ e ‘*vós*’ como as formas plural de ‘*eu*’ e ‘*tu*’”.

restrito ao trato familiar, denotando intimidade ou liberdade e perdendo lugar para o termo **você**. O plural, pelas mesmas razões, é *vocês*, e não *vós*. A forma *vós* caiu em desuso, sendo utilizado ainda nas preces, na poesia, na linguagem de ficção, etc. Já as formas de tratamento, para o autor, são apresentadas da mesma forma que por Pereira (1938).

O gramático Rocha Lima (1983) da mesma maneira que Said Ali (1964) define e classifica o pronome, como também conceitua pessoas do discurso. Ele tem a visão de que o significado dos pronomes é determinado pelo conjunto da situação, ou seja, a situação da pessoa que fala (eu), daquilo que pertence a essa pessoa (meu) e a situação de proximidade em relação à pessoa que fala (este). Para ele, os pronomes pessoais representam as três pessoas do discurso, indicando-as, somente, mas não as nomeando.

Vilela (1992) parte da etimologia da palavra latina *pronomen* (*pro-*, em lugar de; *-nomen*, nome), para apontar a “relação” entre essa classe gramatical e o nome. Afirma também que o pronome constitui uma lista fechada de formas com algumas características: são normalmente flexionáveis, não comparáveis e ganham sentido denotativo na referencialidade do texto. Desse modo, o pronome encontra sua definição no discurso, apontando para pessoas, seres vivos, objetos, coisas, em que a relação fixada na materialidade do pronome é inferida a partir da conexão da frase, do texto ou da situação de discurso. O pronome faz parte da categoria dos *sinsemáticos*, pelo fato de não nomear, mas estabelecer a “dêixis⁸”, a “mostração”, a “orientação”. Esse último elemento, pela sua força no discurso, flexibiliza o texto, ou seja, estabelece conexões entre as inúmeras partes do texto.

Ainda de acordo com Vilela (1992), nas formas de tratamento inclui-se o pronome pessoal **tu** em oposição a **você** (equivalente a **tu** em determinadas localidades ou em situação de distanciamento do interlocutor, que fica entre o **tu** e o *senhor, Vossa Mercê, Vossa Excelência, Vossa Senhoria*); *vocês* exige a 3ª pessoa do plural. Nesse sentido, o pronome pessoal do caso reto **tu** é incluído no quadro dos pronomes de tratamento.

Segundo Bechara (2003, p. 164), pronomes pessoais “designam as duas pessoas do discurso e a não-pessoa (não-eu, não-tu), considerada, pela tradição, a

⁸ “**DÊIXIS** – faculdade que tem a linguagem de designar mostrando, em vez de conceituar” (CÂMARA JUNIOR, 2007, p. 109). Neste conceito, ainda que não faça a devida referência, o gramático se reporta ao texto *A Natureza dos pronomes*, do linguista Émile Benveniste (1976).

3ª pessoa”⁹. Para esse gramático, a primeira e a segunda pessoa são determinadas, já a terceira é indeterminada, pelo fato de apontar para outra pessoa em relação aos falantes no processo comunicativo¹⁰. Esse autor, ao se referir às formas substantivas de tratamento indireto de 2ª pessoa, acrescenta que elas levam o verbo para a 3ª pessoa. Especifica, também, a situação de uso dessas formas substantivas de tratamento ou formas pronominais de tratamento: para tratamento familiar, usa-se **você** / *vocês*; já para o tratamento cerimonioso, emprega-se *o senhor* / *a senhora*. Acrescentam-se também a essas as formas de reverência: *Vossa Alteza*, *Vossa Eminência*, *Vossa Excelência*, dentre outras. Ele observa que, hoje, a forma **você** é usada no trato familiar, embora seja a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*, e que o uso do *vós* está limitado a situações cerimoniosas ou estilos considerados nobres, pois se utiliza o *vocês* para o plural de **tu**.

Na visão dos estudiosos Cunha e Cintra (2007), os pronomes pessoais caracterizam-se por denotarem as três pessoas gramaticais, por poderem representar - quando na 3ª pessoa - uma forma nominal anteriormente expressa e ainda por variarem de forma, segundo a função que desempenham na oração e a acentuação que nela recebem. Na visão desses estudiosos, a pessoa com quem se fala (2ª pessoa) pode ser expressa pelos pronomes de tratamento, que fazem a flexão com o verbo na 3ª pessoa. Cunha e Cintra (2007) definem como pronomes de tratamento certas palavras e locuções que têm o mesmo valor dos pronomes pessoais, como, por exemplo, **você**, *o senhor*, *Vossa Excelência*, etc.

Sobre as formas **tu** e **você**, os referidos gramáticos colocam que o **tu**, no português europeu, é usado como forma de intimidade, mas no Brasil seu uso se limita ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região Norte e Nordeste, pois em grande parte do território brasileiro se usa o **você** como tratamento de intimidade, de igual para igual, de superior para inferior e até vice-versa.

Há um consenso entre os gramáticos (PEREIRA, 1938; SAID ALI, 1964; ROCHA LIMA, 2001; VILELA, 1992; BECHARA, 2003; CUNHA; CINTRA, 2007) em relação à classificação e às funções dos pronomes na oração e principalmente quanto ao quadro dos pronomes pessoais. No que diz respeito à noção de pessoas

¹⁰ “A definição de segunda pessoa como sendo a pessoa à qual a primeira se dirige convém sem dúvida ao seu emprego mais ordinário. Ordinário, porém, não quer dizer único e constante. Pode utilizar-se a segunda pessoa fora da locução e fazê-la entrar numa variedade de ‘impessoal’” (BECHARA, 2003, p. 164).

do discurso, somente Bechara (2003) se refere à 3ª pessoa como não-pessoa, pelo fato de ser indeterminada. Quanto ao quadro dos pronomes pessoais, mantém-se rígido e não inclui outras formas, como já foi mencionado. Cunha (1982), no entanto, julga **tu** e **vós** formas “restritas/desusos”. Em contraponto, Vilela e Koch (2001) evidenciam que, no Brasil, embora em algumas regiões predomine o **tu** (Sul e Nordeste), é mais comum o uso do **você**. E, quanto à forma **vós**, foi substituída pelo **vocês**, sendo “só usado nas orações e estilo solene” (BECHARA, 2003, p. 166).

Porém, como ressalta Arruda (2006), nenhum gramático faz referência à forma **você** como substituta da forma **tu**. E, no entanto, como se verá adiante, diversos estudos dão conta que tal fenômeno venha acontecendo em várias partes do Brasil e, ainda, que está havendo uma modificação nos sistemas de concordância dessas duas formas pronominais. Como a gramática tradicional, em geral, se preocupa mais em registrar fenômenos já consolidados, a abordagem da linguística, como se poderá observar tende a ser mais flexível em relação a esses fenômenos.

2.3.2 A abordagem da linguística acerca do sistema pronominal do PB

Tendo este estudo como ponto central as formas de tratamento de 2ª pessoa e sua alternância no Português Brasileiro (PB), mais especificamente entre os falantes do município de São Luís do Maranhão, fazem-se necessárias algumas considerações sobre essas formas de tratamento, na visão de alguns linguistas, mesmo porque tais autores apresentam, como se disse, uma abordagem mais flexível e mais ampla.

De fato, mesmo que a gramática tradicional se mostre resistente à mudança, apresentando um quadro pronominal rígido, ao se observar o dia-a-dia dos falantes de uma língua, percebe-se claramente a diferença entre prescrição e realidade linguística no uso do sistema pronominal. Tal diferenciação se dá em função da (re)organização que o sistema pronominal sofreu (e vem sofrendo ao longo dos anos), o que tem levado inúmeros estudiosos, como Câmara Jr. (2002), Faraco (1996), entre outros, a se preocuparem com esse fenômeno, em especial com os pronomes pessoais: “parece-nos incontestável que o sistema dos pronomes pessoais no português do Brasil passa por um conjunto de mudanças que se

manifestam de forma diversificada em função de múltiplos condicionamentos” (MONTEIRO, 1994, p. 146).

É oportuno recordar as colocações de Câmara Jr. (2002, p. 84-5) sobre a distinção entre a categoria dos nomes e a dos pronomes, quando afirma: “[...] entre os pronomes, de maneira geral, são três noções gramaticais que neles se encontram e nos nomes não aparecem”. Os pronomes contêm a noção de pessoa gramatical, a indicação da existência, em algumas categorias pronominais, de gênero neutro funcionalmente substantivo e a função da categoria de caso. Ou seja, o pronome pessoal difere do substantivo porque contém noção de pessoa, tem, em alguns casos, função de substantivo (pronomes indefinidos e alguns demonstrativos) e por serem classificados em caso reto e oblíquo. Assim, o linguista preconizava ser o pronome substituto do nome num contexto linguístico, já ao ambiente extralinguístico sugeria a função dêitica. Pessoa gramatical para Câmara Jr. (2002) é aquela responsável pela marcação das pessoas do discurso.

Benveniste (1976), em seu artigo “A natureza dos pronomes”, apresenta os pronomes como *fato da linguagem*, não constituindo, assim, uma classe unitária, mas espécies diferentes conforme o modo de linguagem do qual são signos. Uns pertencem à sintaxe e outros às instâncias do discurso. Considera que as formas pronominais *eu* e *tu* são pessoas e *ele* refere-se à não-pessoa. Ou seja, a noção de pessoa é própria de *eu/tu*, mas não ocorre em *ele*. Afirma ainda que a forma pronominal de 3ª pessoa é diferente daquelas da primeira e da segunda, tanto por sua função quanto por sua natureza. Isso porque a não-pessoa tem a função de substituir algum elemento dito anteriormente no discurso e também por sua natureza, visto que representa, de fato, algo não marcado na correlação de pessoa.

Entre *eu* e um nome referente a uma noção lexical não existem somente as diferenças formais impostas pela estrutura morfológica e sintática das línguas particulares. Há aquelas que se prendem ao próprio processo da enunciação linguística e que são de natureza mais geral e mais profunda. Quando no enunciado estão presentes o eu e o outro, ele acaba pertencendo ao que Charles Morris chama de *pragmático*. Para Benveniste (1976), a realidade à qual se refere *eu* e *tu* é discursiva, de modo que fazem sentido na instância do discurso¹¹. Este linguista observa que o hábito nos torna insensíveis à diferença entre a visão de linguagem

¹¹ Discurso, para Benveniste, “é toda enunciação que suponha um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar, de algum modo, o outro”. (1976, p. 267).

como um sistema de signos e a compreensão desta como um exercício individual, pois, ao se apropriar da linguagem, o indivíduo a torna uma instância do discurso caracterizada por um sistema de referências internas em que o *eu* é chave, definida pelo indivíduo que escolhe sua forma de expressar. Dessa forma, o *eu* e o *tu* não podem ser tomados apenas como signos virtuais, pois só existem à medida que são atualizados na instância do discurso, marcando o processo de apropriação do locutor.

Ilari et al. (1996) concordam com o linguista Benveniste, ao afirmar que uma função básica dos pronomes pessoais é a de constituir expressões referenciais que representam, no ato comunicativo, os interlocutores responsáveis pela enunciação. Partindo desse aspecto, os pronomes se situam em dois eixos: o subjetivo e o não-subjetivo. O subjetivo abriga os interlocutores, os quais, no momento da fala, opõem-se entre si na alternância entre as funções de locutor/emissor (1ª pessoa) e alocutário/receptor (2ª pessoa). Já o eixo não-subjetivo abrange as pessoas ou coisas não implicadas na interação verbal, ou seja, as entidades a que se refere a interlocução (3ª pessoa ou não-pessoa).

Assim, fica claro que as entidades que se referem a objetos, pessoas, realidades etc. a que se faz referência na fala opõem-se aos interlocutores, indivíduos identificados por deterem os papéis discursivos, ou seja, numa interlocução, o emissor/locutor interage com o receptor/alocutário, enquanto a não-pessoa não possui papel na interação do referido discurso.

Coadunando-se com os estudos de Ilari et al. (1996) a respeito da natureza dos pronomes pessoais, temos a *Gramática de usos do português*, de Neves (2000). Nesta obra, a autora expõe os níveis em que o pronome pessoal atua e quais as funções a ele conferidas em seu uso efetivo, em nível da oração, do sintagma e do texto. No nível oracional, o pronome pessoal, assim como o nome, pertence ao eixo da semântica dos falantes; no entanto, apresenta diferenças em relação ao nome, como a não-operação de uma definição descritiva do referente. No nível sintagmático, é distribuído da mesma forma que um sintagma nominal; nesse caso, pode-se afirmar que ele é substituto. Já no nível textual, em princípio, só opera o pronome de 3ª pessoa, porque os de 1ª e 2ª pessoas só fazem referência textualmente, em discurso dentro do discurso, ou seja, em discurso direto. Numa segunda instância, verifica que existe uma diferença fundamental entre o nome e o pronome pessoal, que, em si, é chamado de *referenciador textual*.

Neves (2000, p. 450) declara que o traço definidor dos pronomes pessoais é a sua “capacidade de identificar de forma pura a pessoa gramatical”. Atesta também que o pronome possui uma natureza *fórica*, pois tem a capacidade de fazer referência às pessoas do discurso. Essa referência, no caso da 3ª pessoa, pode ser *anafórica* ou *catafórica*, em relação a uma pessoa ou coisa que foi ou vai ser citada, respectivamente. A função *exofórica* ou *dêitica* consiste na referência às 1ª e 2ª pessoas, ou seja, a uma pessoa partícipe do circuito da comunicação.

Partindo da natureza fórica, a autora define duas funções básicas do pronome pessoal – a *interacional* e a *textual*. A função *interacional*, que é a capacidade de representar os papéis do discurso na sentença, remete à situação de fala. Já a garantia de continuidade do texto é realizada pela função *textual*, remetendo a elementos do próprio texto. Uma terceira função seria explicitar a natureza temática do referente. Igualmente aos gramáticos Cunha e Cintra (2007), Neves (2000) coloca o *eu* e o *tu* como sujeitos da oração, enquanto o *tu* e o *vós* podem ser usados como vocativos.

Do mesmo modo que os gramáticos tradicionalistas, Neves (2000) exprime que há pronomes pessoais que fazem referência à 3ª pessoa gramatical, porém ela considera como 2ª pessoa do singular e plural, respectivamente, as formas *tu* e *você*, *vós* e *vocês*, ressaltando que as formas de 3ª pessoa sofrem flexão de gênero.

Há uma divergência entre gramáticos e linguistas no que concerne aos pronomes e às pessoas do discurso, pois enquanto os gramáticos declaram que a primeira pessoa é a que fala e que a segunda é aquela a quem se fala, os linguistas apontam além dessas duas, outra concepção: nas duas primeiras pessoas do discurso, subjaz implicitamente, no mesmo momento, um discurso sobre essa pessoa. Isso implica afirmar que ocorre um processo de autorreferência, em que *eu* designa a pessoa que fala e, ao mesmo tempo, implica um discurso sobre si; a segunda pessoa, por sua vez, é necessariamente referida pela primeira e não pode ser vista a partir do *eu*. Percebe-se, então, uma oposição discursiva entre o interlocutor que produz momentaneamente o enunciado (forma subjetiva) e o interlocutor de quem não parte – mas a quem se dirige – a fala (forma não-subjetiva).

Outra divergência entre gramáticos e linguistas é que os primeiros consideram as formas pronominais em pessoa (primeira, *eu*; segunda, *tu*) e não-

pessoa (determinada: *ele/ ela*). Já os linguistas as distinguem em pessoa (primeira *eu* e segunda ***você/tu***) e não-pessoa (determinada: *ele/ela*; indeterminada: *se*).

2.3.3 Trabalhos sobre o uso do tu/você no PB

Muitos trabalhos, no Brasil, baseados na Teoria da Variação e da Mudança, têm trazido importantes informações sobre o uso do ***tu*** em diversas regiões do país, de norte a sul. Entre esses estudos, estão: Oliveira e Silva (1974); Guimarães (1979); Soares (1980); Sette (1980); Soares e Leal (1993); Pitombo (1998); Menon (2000); e Lucca (2003), dentre outros.

Guimarães (1979) apresenta resultados obtidos em Porto Alegre, por meio de textos escritos (testes específicos e composições contendo diálogos entre amigos). A autora conclui o estudo afirmando estar equilibrado o uso das formas de segunda pessoa em Porto Alegre, com 49,17% de ocorrências para ***tu*** e 50% para ***você***.

Soares (1980) estudou as formas de tratamento em Fortaleza (CE), utilizando entrevistas gravadas, questionários e observações assistemáticas. Encontrou um sistema ternário ***tu/você/o senhor*** com usos variados (28%, 66% e 6% respectivamente). Os fatores que condicionaram essa pesquisa foram: a situação do discurso; o papel social dos interlocutores; a idade e o grau de intimidade desses mesmos interlocutores. Concluiu que a forma ***você*** é considerada neutra, enquanto o uso do pronome ***tu*** é generalizado.

Sette (1980) estudou as formas de tratamento em Recife em duas fases: na primeira, utilizou questionários dirigidos; na segunda, gravou conversas espontâneas. Foram analisadas conversas em ambientes familiar e de trabalho. O que essa autora observou quanto à variação ***tu/você*** foi que a forma ***você*** é realmente mais usada pelo recifense do que ***tu*** e que permanece válida a afirmação de Marroquim (1934, p. 119) de que, “na língua, os pronomes de 2ª pessoa mais usados, em ordem decrescente, são: tu, você, vós”. O que difere entre uma e outra forma, segundo a maioria dos entrevistados, é a maior intimidade e/ou familiaridade da forma ***tu*** em relação à forma ***você***. O ***tu*** é usado principalmente para familiares e pessoas próximas. Há casos, porém, em que as formas ***tu*** e ***você*** coexistem.

Ramos (1989) estudou o uso das formas ***tu*** e ***você*** na área urbana de Florianópolis. Para tanto, analisou uma amostra de 36 informantes, constatando que

há uma competição entre os tratamentos **tu** e **você**. Essa autora se ateve aos valores semânticos das formas **tu** e **você**, concluindo que esta última se aproxima da forma respeitosa *o senhor*. Sendo assim, a forma **você** ocuparia uma posição intermediária em relação ao **tu** e a *o senhor*. Reconhece, ainda, que as formas **tu** e **você** parecem não ter o mesmo valor semântico, uma vez que alguns falantes nativos preferem usar a forma **você** com as pessoas desconhecidas. Arduin (2006, p. 186) atribui “ao **tu** um caráter mais íntimo, familiar, rude, informal, coloquial e desrespeitoso e ao **você** um caráter mais distante, bonito, educado, formal, correto, respeitoso, sendo esta a forma mais utilizada com estranhos”.

Tendo desenvolvido seu estudo em Belém (PA), Soares e Leal (1993) mostraram que na capital paraense ocorre uma competição entre as formas **tu** e **você**. As autoras constataram que o **tu** é forma majoritária no tratamento de filho para pai, seguido de *o senhor* e **você**. Já no tratamento de pai para filho, a forma **tu** é mais comum que a forma **você**.

Menon (2000) afirma que, na região Sudeste, mais precisamente em São Paulo, dados do Projeto Estudo da Norma Culta (NURC)¹² mostram que não há ocorrências do pronome **tu** na capital. A mesma autora, pesquisando nas três capitais do sul do país (Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre), conclui que o uso do **tu** e do **você** em Porto Alegre é equilibrado. Em Curitiba, não há ocorrência da forma **tu**; já em Florianópolis é possível o uso alternado das formas **tu** e **você**, porém o **tu** é mais recorrente.

Menon (2000) também realizou estudos sobre os usos dos pronomes de segunda pessoa **tu/você** e *o senhor*, utilizando como *corpus* a tradução brasileira do livro *Vinhas da Ira*, de John Steinbeck (1940). A escolha desse *corpus* se deveu ao fato de a autora acreditar que a referida tradução refletia o dialeto gaúcho daquela época. Os resultados revelaram dados sobre o processo de variação e talvez de mudança nessa variável. A conclusão a que a autora chegou foi de que há certa gradação na mudança de emprego, seja de *o senhor* para **você**, seja de **você** para **tu**. Há ocorrências tanto do pronome **tu** quanto do pronome **você**. A partir dessa constatação, a autora afirma que há uma variação estilística envolvendo as formas de tratamento no dialeto gaúcho. Portanto, não se pode pensar na “substituição do pronome **tu** por **você**” no Rio Grande do Sul como recurso único. Ainda na visão da

¹² O Projeto da Norma Urbana Oral Culta constitui referência nacional para estudos da variante culta da língua portuguesa. Trata-se de entrevistas gravadas nas décadas de 70 e 90 do século XX.

autora, “poderia estar se realizando aí outra tendência possível no PB: a manutenção lexical do pronome **tu**, como marcador de uma identidade e de valores regionais [...]” (2000, p. 159).

Lorengian-Penkal (2004) estudou a variação **tu/você** sob a ótica da comunidade e do indivíduo nas três capitais da região Sul do Brasil: Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. Em Curitiba, é categórico o uso do **você**. Porto Alegre e Florianópolis apresentam semelhanças no uso dos pronomes, visto que o **tu** é categórico em ambas as cidades.

Modesto (2005) analisou as formas **tu** e **você** na fala de nativos da cidade de Santos (SP), sob o enfoque da variação estilística. O objetivo de seu trabalho é comprovar o princípio laboviano de que as diferentes situações interacionais levam os falantes a escolherem uma ou outra forma linguística, que vão da maior informalidade até a maior formalidade. A análise dos dados desse autor levou à constatação de que os falantes de Santos usam o **tu** em situações informais; no entanto, o uso de **você** é muito mais frequente. Vale ressaltar que a forma **você**, desde a análise geral, superou o uso da forma **tu**, deixando claro que as duas formas continuam latentes no falar dos santistas e que existe ruptura, mesmo que sutil, entre uma forma e outra, ou seja, apresentando como resultados 67% de ocorrências para **você** e apenas 32% para **tu**.

Mota (2008) estudou a variação pronominal **tu/você** no português oral do norte de Minas Gerais, especificamente na cidade de São João da Ponte. O objetivo desse trabalho foi o de identificar se havia tendência de mudança na comunidade e qual a razão sócio-histórica desse fenômeno. Apesar da forma de tratamento **você** apresentar o percentual de 75% e a forma **tu** 25%, os resultados revelaram que a forma **tu** prevalece no grau de intimidade. A variação é estável e talvez sua presença se deva ao isolamento sofrido pela região em seu processo de urbanização e desenvolvimento econômico.

Sabe-se que todas as línguas mudam, visto que uma língua é inesgotável¹³ e evolui para adaptar-se às necessidades humanas (HALLIDAY, 1985). Nesse sentido, como dizem Osthopp e Brugmann (apud FARACO, 2005, p. 34), “a língua tem que estar ligada ao indivíduo falante, pois ela existe no indivíduo e

¹³ Para Halliday (1985), não pode haver uma descrição completa da gramática de uma língua. Embora possa somente haver um corpo de texto finito, escrito ou falado, em qualquer língua – o sistema que está por trás do texto é de extensão indefinida.

as mudanças se originam no uso”. Daí surgem as seguintes indagações: Que dimensões socioeconômicas, políticas, culturais e históricas afetam-nas para que isso ocorra? Que traços morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos devem ser levados em consideração na variação de uma língua?

Assim, mesmo percebendo, por meio de vivência diária, ao longo dos anos, seja como simples cidadã, no contato com variadas categorias de sujeitos de diferentes faixas etárias e profissões ou no exercício do magistério, no contato com os alunos, que o **tu** sempre foi mais habitual na cidade de São Luís, mas, ao mesmo tempo, que tal alternância entre o **tu** e o **você** vinha, a cada dia mais, se fazendo presente ou seja, partindo de um dado empírico como o diz Labov (1972), também havia uma série de indagações. Entre elas, se tal alternância, detectada em várias regiões do país por vários pesquisadores, a exemplo de Oliveira e Silva (1974), Guimarães (1979), Soares (1980), Sette (1980), Pitombo (1998), Soares e Leal (1993), Menon (2000) e Lucca (2003), também está, efetivamente, acontecendo na comunidade linguística ludovicense e como vem se manifestando.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Na presente seção, em que se trata da metodologia utilizada na realização da pesquisa, detalham-se os seguintes aspectos: a caracterização do local da pesquisa, com ênfase para as questões histórico-culturais e os pressupostos metodológicos, neles incluídos a dimensão e a estratificação da amostra, o suporte quantitativo, a codificação dos dados, os grupos de fatores controlados (ou seja, as variáveis dependentes e independentes, internas e externas), e a coleta de dados.

3.1 Caracterização do local da pesquisa

3.1.1 Localização geográfica e sùmula histórico-cultural

A cidade de São Luís está localizada a 2º ao sul do Equador e é a capital do Estado do Maranhão, que faz fronteiras, ao norte, com o oceano Atlântico, a sudoeste, com o estado de Tocantins e, a leste e ao oeste, respectivamente, com os estados do Piauí e Pará, o que faz com que o Maranhão, mesmo fazendo parte da região nordeste, se localize mais precisamente no meio-norte do país. Essa localização geográfica coloca São Luís, que se encontra na parte norte do Estado, na prática, de frente para a Europa ou, mais especificamente, de frente para a Península Ibérica. Na realidade, São Luís, em termos de distância, está mais perto de Portugal e da Espanha do que de vários centros urbanos do sudeste e sul do Brasil.

A cidade de São Luís na verdade é uma pequena ilha equatorial, banhada pelas águas do oceano Atlântico e varrida por seus ventos, com 827.141 km², quase um milhão de habitantes e cerca de 400 anos de história (IBGE, 2010). Portanto, a ilha de Upaon-Açu, como a chamavam seus antigos habitantes, os índios, já foi conhecida por diversas denominações, entre elas: ilha de São Luís, nome que recebeu de seus fundadores, os franceses, em homenagem ao rei infante Luis XIII, quando aqui chegaram, em 1612; Cidade de Porcelana ou Cidade dos Azulejos, desde finais do século XVII; Atenas Brasileira, como ficou conhecida no século XIX; Ilha Rebelde, alcunha que recebeu devido aos vários episódios de sanguinárias

greves, como a de 1951¹⁴, que a sacudiram; Ilha dos Amores, como ainda a reconhecem os namorados que marcam encontros na Praça Gonçalves Dias e a conhecidíssima Jamaica Brasileira, mais um dos epítetos pelos quais atualmente é reconhecida em todo o país. É, portanto, uma ilha *sui generis* e, o mais importante, uma das mais antigas cidades do Brasil, ao lado de Salvador, Recife e São Sebastião do Rio de Janeiro. São Luís traz em si todo o peso e a grandeza da História.

Além disso, apenas pelo que sumariamente se expôs acerca de sua localização geográfica e de sua história, crê-se que se torna possível dimensionar a complexidade e a riqueza humana e cultural que caracterizam essa ilha. No que se refere à sua localização, São Luís é uma cidade de certa forma isolada. Ou seja, é uma das últimas capitais do Nordeste brasileiro, para quem sai do sul ou do sudeste, daí ser comum se dizer, entre seus habitantes, que a cidade é “fim de linha” e que até ela só vai quem tenha algo a tratar. Por outro lado, durante o período colonial principalmente, se as dificuldades de contato com os centros administrativos da Colônia, na Bahia e, mais tarde, no Rio de Janeiro, existiam, o contato com a Metrópole, devido à sua localização geográfica de frente para Península Ibérica, era muito mais fácil.

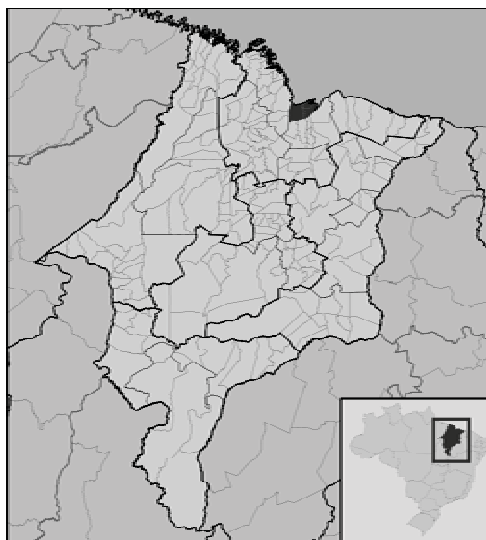


Figura 1 – Mapa do Estado do Maranhão
Fonte:

¹⁴ Greve de 51 é como ficou conhecida, entre a população, a rebelião das oposições, em São Luís, juntamente com o povo, contra a determinação do Governo Federal de que o candidato Eugênio Barros, acusado de fraude, assumisse o governo do Maranhão. Esse movimento mobilizou tropas federais contra o povo, liderado pelos representantes das oposições. A cidade conviveu com barricadas, tiros de metralhadoras, mortos e feridos e chegou-se a cogitar a necessidade de intervenção federal no Estado, ante a gravidade dos fatos. (BUZAR, 1998, p. 137-151).

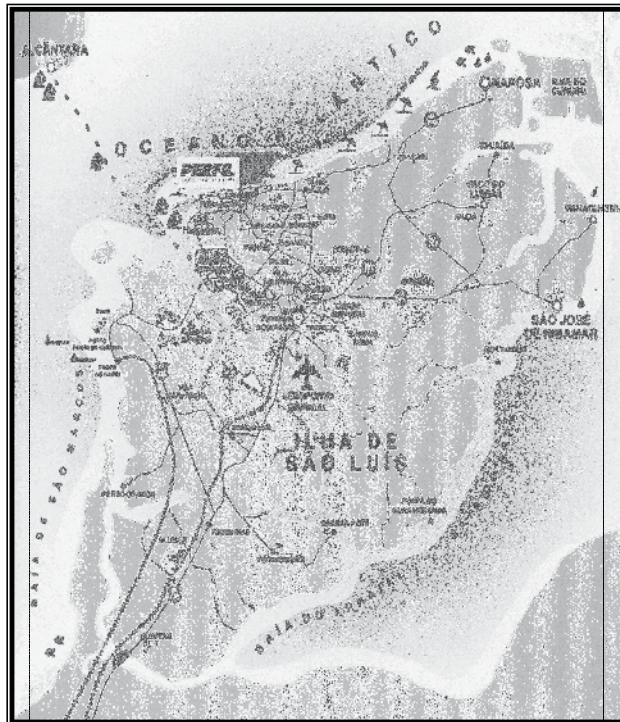


Figura 2 – Mapa da cidade de São Luís do Maranhão

Fonte:

Sem dúvida, o estado do Maranhão, a partir de sua capital São Luís, colocou-se, de início, como um desafio a quem quisesse chegar ao Brasil. Depois da chegada de Cabral, que tomou posse da terra, e depois do já conhecido descaso de trinta anos da Coroa Portuguesa pela terra na qual “em se plantando tudo dá” (já que o brilho dos metais e os lucros das especiarias do Oriente lhe enchiam mais os olhos e os bolsos), com medo de perder tal possessão pela ação de corsários de outros países, finalmente El Rei, D. João III, decidiu povoar o Brasil, por meio do sistema das capitanias hereditárias. O Maranhão coube, na partilha, a uma associação trina composta pelo conhecido historiador João de Barros, além de Aires da Cunha e Fernão Álvares de Andrade. Tentando chegar à capitania por mar, toda sua enorme armada veio a pique, com cerca de dez naus, novecentos homens e cem cavalos, segundo registra Lisboa (1976). Em 1550, nova tentativa foi empreendida, dessa vez com o Maranhão já de posse de outro donatário, Luís de Melo da Silva, cujo resultado foi o mesmo, o naufrágio. Desse modo, ainda segundo as palavras de Lisboa (1976, p. 13), “o êxito deplorável dessas duas expedições parece que desacoroçoou totalmente assim o governo como os particulares, dos

quais não se sabe que formassem ao menos algum novo projeto para a colonização daquela capitania durante os cinquenta anos imediatos”.

No entanto, todo esse tempo de abandono deixou realmente margem para que o Maranhão e, mais especificamente, aquela que mais tarde seria sua capital, a ilha de São Luís, com sua localização bem ao largo do oceano Atlântico se tornasse passagem e pouso de navegantes de outras nações. E foi assim que por meio de um gentil-homem e marinheiro francês, de nome Charles des Vaux, que o rei da França, Henrique IV, veio saber da existência, segundo as palavras deste gentil-homem, de um verdadeiro paraíso terrestre, onde o mesmo habitara durante certo tempo junto a valorosos índios e de que Sua Majestade deveria buscar tomar posse para seu engrandecimento e de toda a cristandade. Daí nasceria o sonho da França Equinocial, que ensejaria a fundação da centenária cidade de São Luís do Maranhão (D'ABEVILLE, 2002).

Em 1612, mais exatamente em 29 de julho, aportava aqui uma expedição francesa, comandada por Daniel de La Touche, Senhor de La Ravardière, nobre da região de Poitou, com o sonho francês de criar em terras brasileiras a França Equinocial (D'ABEVILLE, 2002; PIANZOLA, 1992). Aos oito dias do mês de setembro daquele ano foi erguida a grande cruz, realizada a primeira procissão, os primeiros batismos de nativos e dada a benção ao Forte São Luís, data essa em que, ainda hoje, é comemorada a fundação da cidade (D'ABEVILLE, 2002).

Mas a aventura francesa duraria apenas três anos. Já em 1615, nos informa Meireles (1996), os portugueses expulsariam os franceses, comandados por um mestiço, o capitão-mor Jerônimo de Albuquerque e por Diogo de Campos Moreno, auxiliados pelos sobrinhos do primeiro, os índios inimigos dos Tupinambás. Aquela que ficou conhecida como a “Armada Milagrosa” (pelas terríveis dificuldades por que passou para chegar até São Luís, mesmo partindo bem daí de Pernambuco), e que expulsou a expedição francesa do Maranhão, marca uma dupla face da história social do Maranhão e, em especial, da cidade de São Luís: fundada por franceses, que aqui só ficaram por pouco tempo, as bases que alicerçaram a identidade cultural da cidade são, enraizadamente, lusitanas.

Assim, pode-se concordar com Pianzola (1992, p. 6) de que “a lembrança da aventura francesa permanece viva na cidade”; ao mesmo tempo, é necessário levar em conta as colocações de Lacroix (2008) e Barros (2007) de que, durante cerca de trezentos anos, o que realmente pesou para a identidade cultural do

Maranhão foi a herança lusitana, de tal forma que só a partir de 1912 as autoridades começaram a destacar, durante as festas de comemoração de aniversário da cidade, o fato de ter sido fundada por franceses, num momento em que entrava em decadência o epíteto de Atenas Brasileira que, segundo Soares (2002), estava diretamente ligado ao fenômeno do florescimento literário, comum ao Estado e à cidade, principalmente a partir no século XIX, de grandes escritores que foram estudar na Europa, notadamente em Portugal, e, ainda, ao mito de que no Maranhão se falava o melhor português do Brasil, como decorrência dessa grande quantidade de importantes escritores. É um fato que quem chega a São Luís, e conhece Lisboa, percebe, de imediato, a força da influência portuguesa, o que leva Josué Montello a dizer que a primeira visão que teve de Lisboa foi de que havia encontrado, do outro lado do Atlântico, uma São Luís exagerada, mas que, na verdade, pela ordem natural da precedência histórica, São Luís é que seria a Lisboa em miniatura (MONTELLO, 1983).

Pode-se então entender as palavras de um dos mais importantes estudiosos da cultura Maranhense, Rossini Corrêa, acerca da forte influência da cultura portuguesa, quando afirma:

Saiba-se, desde já, que a síntese da cultura maranhense erudita – e poderia ser de outra forma – foi ibérica, com destaque para a busca do purismo e do castiço, em seu imaginário lusitano tropical. Essa é a fonte remota da relação diferenciada com a língua portuguesa, expressa em nível individual, no escrever bem, e no plano coletivo, no falar melhor. A protoburguesia comercial do Maranhão foi lusitana, e, em São Luís, – que manteve mais intercâmbio com Portugal do que com o restante do Brasil – o epicentro do comércio antigo, situado no bairro da Praia Grande, recebeu a reveladora designação de Rua Portugal (CORRÊA, 2001).

E tudo isso teve grande repercussão na formação da identidade histórico-cultural da cidade, com reflexos inclusive, muito possivelmente, nos usos da língua. Por isso o detalhamento e a ênfase que se está dando a todos estes aspectos.

Se não há como discordar de Rossini Corrêa quanto à força da burguesia portuguesa no comércio ludovicense, quanto à força da literatura maranhense (reconhecida em todo o país), com muitos dos escritores sendo filhos desses comerciantes portugueses (entre eles, o mulato Gonçalves Dias), fica claro, no entanto, que, por certo, esse pesquisador, quando trata dos usos da língua, está se referindo a uma parcela da população: os portugueses e descendentes da burguesia portuguesa que moravam em São Luís.

É legítimo supor que algumas formas de utilização da língua portuguesa por esta classe social tenham se imposto à população, entre elas um uso mais castiço, mais preso à forma de utilização da língua na Metrópole, entre elas o uso do **tu**. Contudo, a sociedade ludovicense não se formava só de portugueses que para cá vieram e de seus descendentes, mas, sobretudo, de uma grande massa de negros e mestiços, frutos do cruzamento das três etnias. Portanto, pode-se aceitar que uma determinada camada da sociedade utilizasse a língua portuguesa com usos mais próximos do que ocorria em Portugal, ou seja, mais castiços. Mas não que isso acontecesse com toda a população, pois, sem dúvida, São Luís, como Salvador na Bahia, passou a constituir uma das áreas mais negras do Brasil e, do mesmo modo, nas áreas norte e meio-norte do Brasil (onde se encontra São Luís) habitaram importantes nações indígenas (ASSUNÇÃO, 1999; FARIA, 2004), cada qual dessas etnias (seja indígena, seja africana) com sua própria língua.

Logo, só a título de ilustração acerca disto, observe-se que o ludovicense Aluizio Azevedo, sabidamente um dos maiores autores brasileiros em termos de descrição da realidade, inclusive, da “fala das coletividades” (PRETI, 1987, p. 114), em seu romance *O Mulato*, que se passa em São Luís, com a maioria das personagens sendo da burguesia de origem portuguesa residente na cidade, registra predominantemente o uso do **tu**, nos diálogos dessas personagens, seja de forma expressa, seja de forma implícita, não obstante algumas ocorrências do **você**. Contudo, na fala dos negros (que pouco falam no romance) registra não o português castiço, não os usos de Portugal – e nem poderia assim ser –, mas a fala do povo, com suas corruptelas:

- *Hê! Já saiu, sinhá!* (fala de Brígida, criada de Ana Rosa, **O Mulato**, 2007, p. 204)

- *Meu Senhô.* (Fala de Gregório, escravo, Id., p. 147)

- *D'es-b'a-noite, branco!* (tio velho, escravo do Cancela, Id. Ibid., p. 155)

Desse modo, tem que se concordar com Bagno (2001) que diz que no Maranhão (leia-se em São Luís, a Atenas Brasileira) falar o melhor português do Brasil é um mito, originário de certa posição de subserviência em relação a Portugal, pois, de fato, pelas circunstâncias históricas, isso nunca poderia valer para a grande maioria da população. Como é sabido que no Maranhão (leia-se, novamente, em São Luís) historicamente sempre se registrou um uso predominante do **tu**, e

comumente com a concordância clássica das gramáticas, com os verbos apresentando a terminação –s (BAGNO, 2001); que a literatura maranhense, ao longo dos séculos, tem forte contribuição no conjunto da história literária brasileira, com muitos dos seus escritores tendo estudado em Portugal; e, ainda, que a burguesia comercial ludovicense tinha vínculos fortíssimos e muito estreitos com a Metrópole, facilitados, inclusive, pela posição geográfica da cidade, como já visto, desse modo, talvez o mais adequado fosse dizer que na cidade de São Luís uma determinada parcela da população falou, durante vários séculos, um português mais castiço, no sentido de mais alinhado aos usos da língua em Portugal, usos e formas estes que, sem dúvida, alguns se pode legitimamente supor que se impuseram ao resto da população, inclusive a predominância do uso da forma pronominal *tu*.

O fato é que a partir de todas essas circunstâncias, o Maranhão e, logicamente, o centro de irradiação de sua cultura, São Luís, sempre teve sua história fortemente ligada à tradição literária – referenciada a partir de Portugal – e ao chamado culto da língua. O maior orador do século XVII, Pe. Antônio Vieira, que viveu em São Luís, escreveu e proferiu alguns dos seus mais extraordinários sermões, garantia, “livraria temos muito boa”, referindo-se às bibliotecas das ordens religiosas (MORAES, 1979, p. 4).

Hoje pode não parecer significativo, mas num país em formação, em que ainda se buscava construir uma cultura cujas bases fossem os livros, na pequena ilha de São Luís pontificaram alguns dos grandes nomes da nascente intelectualidade brasileira, notadamente de meados para finais do século XIX. Nela viveu um dos primeiros estudiosos da língua e da literatura no Brasil, o latinista e helenista Francisco Sotero dos Reis, autor de algumas das primeiras gramáticas e do *Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira*; nela labutou o primeiro tradutor de algumas obras fundadoras da cultura ocidental no Brasil, Manuel Odorico Mendes, que traduziu para o português a *Ilíada* e a *Odisséia*, de Homero, e as *Geórgicas*, as *Bucólicas* e a *Eneida*, de Virgílio, ou seja, a tradição greco-romana; e é ela a fonte inspiradora de uma das poesias mais importantes na formação da nacionalidade brasileira, “A Canção do Exílio” (com seus versos intertextualizados ao Hino Nacional e gestada em Coimbra), porque pelas ruas de São Luís andou o jovem Gonçalves Dias, talvez o mais importante poeta do romantismo brasileiro. Assim, da importância da contribuição maranhense para a literatura brasileira, na maioria dos casos, de filhos de comerciantes portugueses, basta que se dê ouvidos às palavras

de um mestre, Machado de Assis, quando da morte de João Francisco Lisboa, um dos mais importantes jornalistas brasileiros do século XIX:

É inútil dizer o que foi João Francisco Lisboa, uma de nossas glórias nacionais, filho de uma das províncias mais ilustradas do império, que nos deu Gonçalves Dias, Sotero dos Reis, Odorico Mendes e tantos outros. (...) Estas demonstrações honram uma província e fazem amá-la, como uma irmã que compreende o valor das glórias nacionais e sabe honrar, como deve, os seus mortos ilustres (ASSIS, 1989, p. 105).

Logo, não há espanto que, quando da fundação da Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1897, entre fundadores e patronos das cadeiras, constassem nada menos que dez nomes de maranhenses, entre os quarenta membros. E a posição dos maranhenses, como abolicionistas e ao mesmo tempo como filhos de uma sociedade enraizadamente escravocrata; com sua presença na Academia Brasileira de Letras, ou fora dela, contestando-a, são exemplos da tensão em que viveram os maranhenses entre o velho e o novo, a tradição e a renovação.

Com efeito, o maranhense oscilou sempre numa tensão entre o elemento lusitano e o legitimamente brasileiro, entre o arcaico (associado ao que vinha de Portugal) e o novo, entre tradição e renovação. E disso são emblemáticos alguns episódios e aspectos. Ou seja, se quem escreve as obras literárias são jovens brasileiros nascidos no Maranhão, a grande maioria, todavia, teve sua formação na Europa, notadamente em Portugal, e são filhos da anacrônica e preconceituosa burguesia comercial lusitana, estabelecida predominantemente em São Luís, como explica Santos (2003, p. 56), “uma leva de políticos, comerciantes e fazendeiros dispostos a financiar os estudos de seus filhos em universidades consagradas do Brasil e da Europa”. E, com destaque para Coimbra, onde estudou Gonçalves Dias.

Portanto, da mesma forma que Gonçalves Dias é o pai da “Canção do Exílio”, exemplo da musicalidade e da simplicidade de um linguajar bem brasileiro, por outro lado, ele se vê forçado, pelas críticas que viria a sofrer, a demonstrar seu conhecimento das estruturas clássicas da língua portuguesa, para isso publicando um livro em português praticamente arcaico, *As Sextilhas de Frei Antão*¹⁵. E

¹⁵ A respeito deste domínio que Gonçalves Dias tinha da língua, em sua estrutura clássica, escreve um dos mais abalizados críticos literário do Brasil, José Guilherme Merchior: “Clássico é igualmente nele o domínio da língua, apurado na lição dos portugueses antigos (Camões) e modernos (Herculano). Sob o influxo de Herculano e dos medievalistas de Coimbra, Gonçalves Dias cultivou a lira trovadoresca, chegando ao virtuosismo de versejar em português arcaizante nas deliciosas *Sextilhas de Frei Antão*”. (MERQUIOR, 1996, p. 92-93)

Gonçalves Dias, amado pelo Imperador D. Pedro II e com trânsito pleno no Paço Imperial, não gozava de prestígio em São Luís, tanto é assim que nem sua cultura e sua fama fizeram com que obtivesse a mão da jovem descendente de portugueses, Ana Amélia Ferreira do Vale, sua conterrânea, pois não passava de um mulato.

Do mesmo modo, se o romance *O Mulato*, um dos importantes libelos da literatura brasileira contra a escravidão e o preconceito racial foi louvado em toda a corte, em São Luís as críticas foram acérrimas¹⁶; se Odorico Mendes e Celso Magalhães¹⁷ foram, igualmente, paladinos do Abolicionismo, a sociedade ludovicense e, por extensão, a maranhense, era das mais preconceituosas e retrógradas do país, como se pode inferir das palavras de D. Maria Bárbara, personagem de *O Mulato*:

Maria Bárbara tinha grande admiração pelos portugueses, dedicava-lhes um entusiasmo sem limites, preferia-os em tudo aos brasileiros. Quando a filha foi pedida por Manoel Pedro, então principiante no comércio da capital, ela dissera: "Bem! Ao menos tenho a certeza de que é branco" (AZEVEDO, 2007, p. 21).

Os exemplos são muitos: a polêmica entre modernistas e passadistas, em que Graça Aranha, por um lado, deu visibilidade aos modernistas, possibilitando um escândalo em plena sessão da ABL, defendendo a nova corrente literária, e, do outro lado, o romancista Maximiliano Coelho Neto, também maranhense e alvo preferencial dos jovens modernistas, tido como símbolo de uma linguagem retórica, antiquada e prolixa. Esta tensão entre o novo e a tradição era tão grande que, em São Luís do Maranhão, na velha Atenas Brasileira, na prática, venceram os partidários de Coelho Neto, de tal maneira que somente em 1949 se começariam a produzir obras efetivamente de feitiço moderno, e novamente a partir da vinda do filho de um comerciante português que havia ido estudar em Coimbra, José Tribuzi Pinheiro Gomes, mais tarde Bandeira Tribuzi (autor da letra do hino da cidade), amante e profundo conhecedor da modernidade portuguesa, notadamente Mário de Sá Carneiro e

¹⁶ Rossini Corrêa nos informa que, por ter escrito *O Mulato*, Aluísio Azevedo foi tratado, nos jornais de São Luís, de ignorante, estúpido e asno. (CORRÊA, 2001, p. 117).

¹⁷ O Promotor Celso Magalhães conseguiu o prodígio de levar ao banco dos réus, em pleno Segundo Reinado, uma nobre maranhense, D. Ana Rosa Ribeiro, esposa do chefe do Partido Liberal do Maranhão, Dr. Carlos Ribeiro, acusada da morte de dois negros. O fato foi escândalo nacional e dividiu a sociedade maranhense. Este acontecimento ficou conhecido como "O Crime da Baronesa" e foi extraordinariamente descrito por Josué Montello (que possuía os originais do processo) em *A Noite Sobre Alcântara*. (MONTELLO, 1978).

Fernando Pessoa¹⁸. Em uma palavra, a literatura modernista que efetivamente forjou o Modernismo no Maranhão até aqui chegou, sobretudo, em transporte direto do veio português, e não necessariamente do Movimento de 1922, a partir de São Paulo.

Crê-se que todas estas situações podem dar a exata dimensão da influência de Portugal, em sua tensão dialética (para bem ou para mal), na cultura ludovicense e explicar o porquê de o Maranhão ter aceitado a independência do Brasil somente após quase um ano da proclamação, em julho de 1823, e à custa de muitas lutas e negociações (MEIRELES, 1996). O elemento lusitano dominante e incrustado na elite local, com contato direto com a Metrópole, não aceitou com facilidade o rompimento dos laços políticos com Portugal.

Todavia, o que conta, o fato concreto é que, no contexto da Literatura brasileira, o Maranhão, a partir da cidade de São Luís, que ainda é o seu grande centro de irradiação cultural, sempre contribuiu com nomes essenciais à cultura nacional, a exemplo de Arthur Azevedo (teatrólogo que foi um dos pais da arte teatral no país); Gonçalves Dias (um dos maiores poetas do Romantismo brasileiro); Aluísio Azevedo (fundador do Naturalismo no Brasil, com obras extraordinárias, como *O Mulato* e *O Cortiço*); Raimundo Correia (um dos três da grande tríade de poetas parnasianos, ao lado de Bilac e Alberto de Oliveira); Graça Aranha (espírito avançado e contestador, que teve a coragem e a grandeza de emprestar seu nome, então consagrado, à defesa dos primeiros autores modernistas, indo frontalmente contra a Academia Brasileira de Letras, da qual fazia parte¹⁹); Maria Firmina dos Reis (provavelmente autora do primeiro romance abolicionista feminino brasileiro, de

¹⁸ Jomar Moraes, ex-presidente da Academia Maranhense de Letras, na sua apresentação da “Obra Poética” de Bandeira Tribuzi, nos informa das influências literárias do poeta, que morou em Portugal desde os três anos até concluir sua formação superior, e do ambiente literário em São Luís, à época do retorno de Tribuzi: “São Luís, em 1946, tinha grande movimentação cultural (...). Apesar disto, estavam bastante defasados em relação aos avanços estéticos da época. Ia-se vencendo a década de 40, mas São Luís, a bem dizer, ainda nem se dera conta do vendaval de 22. Praticava-se, em larga escala, o sonetão parnasiano e também se insistia em velhos motivos nacionalistas, recorrendo aos velhos motivos românticos, muito utilizados no século passado, notadamente os arroubos de talhe condoreiro”(MORAES, 2002, p. 16-17).

¹⁹ O prestígio que então desfrutava Graça Aranha era tão grande que Manuel Bandeira foi contra a homenagem, prestada a ele pelos modernistas na revista *Klaxon*, pois temia que se passasse a impressão, junto ao grande público, de que o maranhense era o chefe do movimento, o que não era verdade. Mas para deixar clara a importância de Graça Aranha para o movimento, Bandeira transcreve as palavras de Mário de Andrade: “o que ninguém negará é a importância dele pra viabilidade do movimento, e o valor pessoal dele. É lógico: mesmo que o Graça não existisse, nós continuaríamos modernistas e outros viriam atrás de nós, mas ele trouxe mais facilidade e maior rapidez pra nossa implantação”. (BANDEIRA, 1984, p. 71)

título *Úrsula*); Josué Montello (romancista ludovicense, autor de *Os Tambores de São Luís*, romance incluído pela UNESCO na relação das obras representativa da humanidade); Ferreira Gullar (grande poeta da Geração de 45, autor de dois dos mais importantes livros da segunda metade do século XX no Brasil, *A Luta Corporal* e o *Poema Sujo*, agraciado, em 2010, com o Prêmio Camões, o mais importante prêmio literário em Língua Portuguesa).

Portanto, de posse do patrimônio de todos esses nomes que se vem citando e de inúmeros outros que não seria possível referenciar, não se pode deixar de supor que, durante largo tempo, pelo menos entre uma determinada parcela da população, talvez a de maior poder aquisitivo ou a de melhor nível de ensino, houvesse alguma preocupação com os usos da língua.

E, no entanto, toda essa atenção para com a língua talvez não tenha nascido a partir da vinda de portugueses do continente (Lisboa, Coimbra, Porto etc.) para São Luís, mas, sim, de luso-açorianos, que ainda no século XVII, mais exatamente em 20 de março de 1677, emigraram do arquipélago dos Açores com destino ao Estado do Grão Pará e ao Maranhão. Teriam sido os membros de algumas das 50 famílias de açorianos que para cá emigraram aqueles que começaram a edificar a cidade de São Luís, como réplica de Lisboa, inclusive seus azulejos, que iriam mais tarde dar origem ao nome Cidade dos Azulejos (MARTINS, 1999).

Os açorianos fundariam colônias de povoamento também em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde é fortíssimo o uso do pronome *tu* (CORRÊA, 2008). É importante citar que, mesmo não sendo do continente, os açorianos fazem parte do que Silvio Elia, muito propriamente, chama de Lusitânia Antiga, que se compõe das regiões continental e insular, ou seja, Portugal, Ilha da Madeira e Arquipélago dos Açores, e que constituem parte integrante da comunidade luso-europeia, cujo traço sociolinguístico mais importante é que de lá se irradiou a língua-berço (ELIA, 2000). Logo, ainda que possivelmente os colonizadores portugueses do Maranhão não fossem do continente, eles por certo utilizavam a língua-mãe, que, mais tarde, com suas variações e mudanças, originaria o Português Brasileiro.

Tudo isso é perfeitamente plausível, não só porque se tem o registro da chegada desses açorianos em diferentes autores (ainda que com datas diferentes), tais como Berredo (apud LISBOA, 1976), que registra a chegada de 200 casais de

açorianos ao Maranhão, contudo em 1621²⁰, mas, igualmente, porque é de conhecimento geral que o contingente humano de que Portugal dispunha para empregar em suas conquistas era extremamente pequeno.

A partir das décadas de 1970 e 1980, novos fatos socioeconômicos viriam impactar a história do estado do Maranhão, notadamente sua capital. Foi nesse período, a partir de 1974, intensificando-se em 1985, que em São Luís foi iniciada a agricultura intensiva de soja no sul do Estado, mais especificamente em Imperatriz e Balsas, com muitas pessoas vindas de outras regiões do país passando a morar em São Luís ou estando em trânsito mais constante e contínuo na cidade, para resolver seus negócios (CARVALHO, 2010; BOTELHO 2008). A partir de 1974, se inicia o processo de implantação da Companhia Vale do Rio Doce, com a empresa recebendo do Governo do Estado 300 hectares de terra para sua instalação em São Luís, o que viria a acontecer em 1978 e, em 1984, entra em funcionamento, na Velha cidade dos Azulejos, o Consórcio ALUMAR (Alumínios do Maranhão), empresa transnacional, que, no início de seu funcionamento, em vista da escassez de mão-de-obra especializada, teve que atraí-la de diferentes regiões do país (BOTELHO, 2008; GOMES; CARNEIRO, 2010). Portanto, a partir desse momento, a cidade de São Luís passa a estabelecer um contato muito mais intenso e mais constante com aspectos culturais vindos dos centros atualmente tidos como mais avançados econômica e culturalmente, entre eles, inclusive, os seus padrões de uso linguístico.

Em 1997, toda a força cultural da pequena ilha, da velha Cidade dos Azulejos, possivelmente erguida pelos laboriosos açorianos, foi reconhecida. Com um acervo arquitetônico avaliado em cerca de 3500 prédios, grande parte deles sobradões de estilo colonial, encimados por seus mirantes e revestidos de azulejos lusitanos, a UNESCO concedeu à cidade de São Luís o ambicionado título de Patrimônio Cultural da Humanidade.

Claro que a cultura do Maranhão e, em especial, a de São Luís não se compõe apenas de sua face erudita, de uma herança vinda de homens de letras, o que ensejou o epíteto de Atenas Maranhense, a cidade também possui uma

²⁰ Isso, inclusive, se coaduna com as afirmações de Lacroix de que quem fundou e erigiu São Luís foram, efetivamente, os portugueses, a partir da planta traçada pelo engenheiro militar Francisco de Frias Mesquita, que para cá veio com Alexandre de Moura. É desse período em diante que Jerônimo de Albuquerque está levando a efeito as recomendações de fundar uma cidade no recém-criado Estado do Maranhão (Carta Régia de 4 de maio de 1617). (LACROIX, 2008)

fortíssima cultura popular, São Luís também é a terra do bumba-meu-boi, do tambor de crioula e de tantas outras grandiosas manifestações artísticas, contudo, muito antes de os pandeirões e matracas de bois se firmarem como uma das faces mais fundamentais da identidade cultural brasileira, já ecoavam, desde o longínquo século XIX, os inesquecíveis versos do poeta Gonçalves Dias. As primeiras águas em que se batizou a cultura maranhense e ludovicense foram as da língua e da literatura.

3.2 Os pressupostos metodológicos

Os pressupostos teórico-metodológicos se orientam pela abordagem da Sociolinguística laboviana (1972), de caráter quantitativo, uma vez que, para a análise do corpus, se operou com números e tratamento estatístico dos dados da língua falada, recolhidos em situações cotidianas reais de interação.

A língua pode ser concebida sob diferentes abordagens teóricas. A Sociolinguística, sob o enfoque da teoria variacionista, desenvolvida pelos linguistas Weinreich, Labov e Herzog (2006), tem como componentes essenciais o social e a relação língua/heterogeneidade. Considera a importância social da linguagem, como também incorpora a ideia de variação sistemática motivada por pressões sociais que *continuamente operam sobre a língua, não devendo, pois, ser estudada fora do contexto social* (Labov, 1972, p. 3).

Conforme Labov (1972), o modelo teórico-metodológico variacionista tem como meta principal explicar e descrever a língua, estabelecendo uma relação entre os contextos sociais e linguísticos. Assim, consciente da importância da relação entre língua e sociedade, Labov (1972) desenvolveu um modelo de análise linguística (sociolinguística quantitativa), que se apresenta como reação ao modelo gerativo que não enfatiza o componente social. Já a Teoria Variacionista prioriza a variabilidade da língua e tem por objetivo explicar o processo de mudança linguística, levando em consideração fatores linguísticos (variáveis internas da língua) e fatores sociais (variáveis relacionadas ao falante). Essas variações atuam de forma probabilística na variação da língua, dando possibilidade para definir quais ambientes linguísticos condicionam a frequência de uma variante ou outra, como também quais contextos linguísticos e sociais são importantes para a ocorrência do fenômeno estudado. Naro (2003, p. 13) diz que

(...) na língua, variantes podem estar em competição, no sentido de que ora pode ocorrer uma, ora pode ocorrer outra. Porém, dado o pressuposto básico, deve ser possível identificar uma série de categorias independentes que influem neste uso. Estas categorias podem ser internas ao sistema linguístico ou externas a ele.

Dessa forma, não se pode entender o mecanismo da variação linguística sem que se faça um apanhado dos fatores sociais que motivam a evolução linguística. Como exemplo, Labov (1972), em seu primeiro estudo sobre a neutralização do núcleo do ditongo / aw / (como nas palavras “now”, “agora”; “out”, “fora”; “round”, “redondo”), na Ilha de Martha’s Vineyard, no Estado de Massachusetts (EUA), pôde constatar que a língua pode ser fator importantíssimo na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais numa sociedade.

3.2.1 A dimensão e a estratificação da amostra

A pesquisa foi composta por um *corpus* linguístico representante de uma variedade linguística do PB, a saber, de São Luís (MA), na modalidade oral, coletado de agosto de 2008 a fevereiro do ano seguinte, totalizando 96 entrevistas com 277 ocorrências da alternância do **tu/você**.

Para uma amostra representativa da diversidade da comunidade linguística ludovicense, visto que, em termos de sociolinguística variacionista, sabe-se que não se faz necessário um número extenso para compor o universo da amostra, seguiu-se o que recomenda Monteiro (2000), a partir de Labov. Este pesquisador mostra que havendo cinco informantes em cada célula da pesquisa, e produzindo, cada um, cinco a dez ocorrências da variável em estudo, é suficiente para a garantia da representatividade do *corpus* da pesquisa. Ou, conforme Berlinck (2010), que as células representam, cada uma, distinções que podem se combinar, formando distinções mais complexas. O quadro que segue representa a estratificação da amostra examinada.

Tabela 1 - Estratificação da Amostra Examinada

Faixa etária	Gênero	Escolaridade	Nº. de informantes
15 a 25 anos	Masculino	Fundamental	05
		Médio	05
		Superior	05
	Feminino	Fundamental	05
		Médio	05
		Superior	05
26 a 55 anos	Masculino	Fundamental	05
		Médio	05
		Superior	05
	Feminino	Fundamental	05
		Médio	05
		Superior	05
Acima de 55 anos	Masculino	Fundamental	05
		Médio	05
		Superior	05
	Feminino	Fundamental	05
		Médio	05
		Superior	05

Fonte:

Portanto, em síntese, tem-se:

1) Gênero

Masculino: 45

Feminino: 45

2) Faixa etária

a) 15 a 25 anos - 15 (mulheres) e 15 (homens) = 30

b) 26 a 55 anos - 15 (mulheres) e 15 (homens) = 30

c) Acima de 55 anos - 15 (mulheres) e 15 (homens) = 30

3.2.2 O suporte quantitativo

Pelo fato de esta pesquisa analisar o comportamento de um fenômeno variável e considerar que os fatores internos (linguísticos) e externos (sociais) poderão condicioná-lo, assume-se a posição de que essa variação não é aleatória.

Sendo assim, é aceita a argumentação de Naro (2003, p. 15), segundo a qual “o pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade linguística, tal qual a homogeneidade, não é aleatória, mas regulada, governada por um conjunto de regras”. Daí surge a noção de regra variável, onde a frequência de uso da regra se torna previsível, sujeita à interferência de fatores linguísticos ou sociais, que passam a integrar sua descrição estrutural. Essa perspectiva, que permitiria o conhecimento do uso da língua em seu contexto social, seria denominada de Sociolinguística ou Sociolinguística Variacionista.

Na visão de Labov (1972), para que se possa formular esquemas de regras, é preciso que se apresentem uma metodologia adequada e rigorosos métodos de análise quantitativa. Alguns desses métodos foram introduzidos pelo próprio Labov (1969) e refinados por Cedergren e Sankoff (1974). Trata-se, fundamentalmente, de tentar quantificar fatores, em número relativamente pequeno, que devem ser capazes de representar a realidade lingüística de um determinado grupo ou comunidade.

Assim, a Sociolinguística Laboviana ou Sociolinguística Variacionista apresenta como uma de suas principais características a quantificação das ocorrências de cada variante cruzando-se os diferentes tipos de variáveis, internas e externas, dependentes e independentes. É preciso, porém, que, nas estatísticas efetuadas, consiga-se diminuir e/ou anular o efeito negativo provocado por inúmeras interferências, por exemplo, o gravador, a própria presença do pesquisador, entre outros, evitando, assim, a interferência na naturalidade no ato da comunicação: “queremos observar a fala do falante quando ele não é observado. Isso significa: 1) que o falante deve falar espontaneamente; 2) que ele não deve se sentir observado, sob pena de não falar naturalmente” (SILVA, 2003, p. 125).

Em 1974, Henrietta Cedergren e David Sankoff introduziram nos estudos variacionistas os modelos probabilísticos, que têm a função de calcular o efeito relativo dos diversos fatores com base em frequências observadas. Eles, já em 1978, apresentaram o novo modelo denominado de misto ou logístico. Este é mais adequado para a análise de fenômenos variáveis. Atualmente, muitos pesquisadores utilizam-no com êxito. Esse modelo foi implementado com o programa VARBRUL 25 e já existem novas versões do programa no mercado.

Para este estudo, foi feito uso do programa computacional GoldVarb X (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001), que é uma adaptação para o sistema Windows do programa Varbrul 25 (PINTZUK, 1988). Para quantificar os dados, é necessário codificá-los segundo os grupos de fatores. Assim, cada elemento dentro de cada um dos grupos de fatores internos (linguísticos) e externos (sociais) recebeu um código. Após codificá-los, foi obtida a frequência de cada variante em cada um dos grupos de fatores.

Após essa etapa, as variantes foram reduzidas a uma oposição binária (*tu/você*; ignorando os valores nulos) para poder calcular o peso relativo dos fatores.

3.2.3 A codificação dos dados

Conforme exigido pelo programa estatístico, a primeira atitude foi estabelecer códigos para a variável dependente e para as variáveis independentes escolhidas para a análise em questão, conforme Apêndice 1.

O programa gerou as frequências absolutas e relativas de ocorrência da variável dependente para cada grupo de fatores escolhido; deu tratamento estatístico aos dados linguísticos e variáveis e fez uma avaliação do efeito de atuação de cada fator, como também possibilitou isolar e medir individualmente o efeito de cada fator e a interação entre eles.

3.2.4 Grupos de fatores controlados

Como estão sendo analisadas as formas de tratamento do português falado pelo ludovicense, a variável dependente a ser analisada é a alternância das formas de tratamento *tu/você* na variedade em questão. Os grupos de fatores são, portanto, peça importante em estudos que tem como primazia o método laboviano, uma vez que é por meio deles que se pode analisar o fenômeno linguístico observado e definir que limites serão estabelecidos para a pesquisa. Ou seja, é na comparação de fatores linguísticos e sociais que se pode observar de que forma se dá o fenômeno da variação que é o objeto deste estudo.

Elencam-se abaixo os grupos de fatores linguísticos que correspondem às variáveis independentes internas:

- a) Concordância sujeito/verbo;
- b) Função sintática;
- c) Pronome complemento/possessivo;
- d) Tempo verbal;
- e) Modo verbal;
- f) Tipos de Oração;
- g) Referencialidade.

Entre os grupos de fatores sociais, que correspondem às variáveis independentes externas, foram escolhidos para a análise os seguintes:

- a) Faixa etária;
- b) Escolaridade;
- c) Sexo do falante;
- d) Classe social;
- e) Contexto;
- f) Posicionamento hierárquico.

Algumas observações devem ser mencionadas em relação à escolha desses grupos. O grupo de fatores classe social foi considerado de acordo com os critérios de classificação das classes sociais utilizados pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em 2008, constante do Manual do Candidato do Vestibular daquele mesmo ano (Anexo 1). Quanto às situações de interlocução, ou seja, ao contexto, foram considerados três: totalmente informais (TI), relativamente informais (RI) e totalmente formais (TF), sempre levando em conta, concomitantemente, os sujeitos e os ambientes e/ou situações em que se deram as elocuções das formas pronominais em estudo. Quanto ao posicionamento hierárquico, foram expressos especificamente os vínculos que entre si estabeleciam os falantes, se parentes, se amigos, patrão e empregado, professor e aluno etc.

3.2.4.1 As variáveis dependentes

O objetivo desta pesquisa é investigar que fatores linguísticos e sociais condicionam a variação **tu/você** no português falado do ludovicense. Para o estudo,

foram selecionadas como Variável Dependente as variantes utilizadas pelos ludovicenses na realização das formas de tratamento: **tu/você**. Vejam-se os exemplos abaixo²¹:

(1) **TU**

01: se **tu** faltasse sempre ele ia ficar com o pé atrás...

32: **tu** vais pra onde depois daqui?

(2) **VOCÊ**

29: **você** é bem grandinha e já sabe discernir o certo do errado

A seguir, justifica-se e detalha-se a escolha dos fatores representantes das variáveis independentes, que foi feita tendo em vista a variação entre os usos das duas formas pronominais.

3.2.4.2 As variáveis independentes

3.2.4.2.1 As variáveis independentes internas

Foram selecionados para a análise os seguintes fatores linguísticos: a concordância sujeito/verbo, a função sintática das formas de tratamento **tu/você**, o pronome complemento/possessivo que acompanha o sujeito, o tipo de oração, o tempo verbal, o modo verbal, o tipo de oração em que ocorreu o pronome e a referencialidade.

a) Concordância sujeito/verbo

Buscou-se, com a seleção desse grupo de fatores, verificar a possibilidade de a forma **tu** concordar com o verbo na segunda pessoa do singular ou com o paradigma flexional número-pessoa do verbo em terceira pessoa do singular. Esse grupo de fatores não inclui a forma **você**, pelo fato de o verbo concordar sempre com esse pronome. Já o fator **não se aplica** foi considerado nos

²¹ Os números correspondem ao controle da transcrição da qual foram tirados esses trechos para exemplificação.

casos em que uma das formas variantes assumiu uma função sintática que não a de sujeito.

Conforme a Gramática Normativa, quanto ao pronome **tu**, há duas possibilidades de flexão número-pessoal do verbo, uma que emprega o verbo na segunda pessoa e outra que emprega o verbo na terceira pessoa do singular. O referido fator é ilustrado nos exemplos abaixo:

1) Concorda

43: ela perguntou se **tu** preferes comer logo.

2) Não concorda

06: **tu** recebe duas cartas

3) Não se aplica

02: e não vai pegar mal pra **você**

As variantes independentes internas que seguem dizem respeito a funções sintáticas desempenhadas pelos pronomes **tu** e **você**, a saber, sujeito e complemento (objetos direto, indireto e predicativo do sujeito), além do tempo e do modo verbal em que ocorrem, em que tipos de orações e qual o tipo de referencialidade utilizada, conforme exemplificado abaixo:

b) Sujeito e Complementos

03: **Tu** prossegue em frente um prédio (sujeito)

04: **Você** fica sentada lá (sujeito)

10: porque eu confundo **tu** com outra cumade (objeto direto)

76: na hora que eu tiver certeza aviso pra **você** (objeto indireto)

173: Muleque, se fosse **tu** pensava melhor, saca? (predicativo do sujeito)

c) Pronome Complemento/possessivo que acompanha o sujeito

O grupo de fatores pronome complemento/possessivo que acompanha o sujeito foi baseado no estudo de Monteiro (1991) que o nomeia como pronomes pessoais adjuntos e que muitos gramáticos classificam como possessivos. Na visão

do pesquisador, os possessivos nada mais são do que as formas adjetivas dos pronomes pessoais, estes sempre substantivos.

1) Tu/ teu

06: **tu** tem que usar duas **tua**

2) Você/ seu

31: é só dá a **sua** identidade eu vou só anotar o **seu** nome aqui (...) **cê** vem aqui nove horas pegar a senha

3) Não se aplica (ausência do possessivo)

75: é por todos nós que **tu** tem que lutar

c) Tempos Verbais

1) Presente

59: Ronaldo quando quer jogar **tu** sabe que ele joga)).

2) Pretérito Perfeito

48: **Tu** já morou aqui?

3) Pretérito Imperfeito

01: se **tu** faltasse sempre ele ia ficar com o pé atrás

4) Futuro presente

17: se não tiver, **você** vai ter que pegar um outro...

5) Futuro do pretérito

29: **você** poderia me informar onde eu pago a taxa de renovação do meu carro?

Quanto ao tempo verbal a que o pronome se refere, formas compostas (gerúndio, particípio passado e infinitivo) não serão consideradas, excetuando o caso do futuro que não ocorre na forma simples. As linguistas Odette Campos e Ângela Rodrigues (2002), em observações feitas a respeito da flexão verbal no material do NURC/Brasil, afirmam que:

Para a expressão de futuridade no verbo os informantes preferem usar perífrases formadas do auxiliar temporal ir no presente do indicativo + infinitivo do verbo-base... a estratégia utilizada para a caracterização do verbo ir auxiliar temporal foi a da substituição da forma composta pelo futuro simples (CAMPOS; RODRIGUES, 2002, p. 416-418).

d) Modos Verbais

1) Indicativo

22: **você** travessa o rio

2) Subjuntivo

21: se **você** não perceber que esse texto é todo penumbriado

3) Não se aplica

17: eu entendi **tu** dizer mãe

e) Tipos de Oração

1) Oração Absoluta

13: **Tu** não mora mais aqui não?

2) Oração Coordenada

01: Se **tu** faltasse sempre ele ia ficar com o pé atrás mas como **tu** num falta...

3) Oração Principal

10: **Tu** sabe que aqui no centro era só casa

4) Oração Subordinada

07: Sete horas eu te ligo pra saber onde **tu** estas, tá?

5) Oração Subordinada Reduzida de infinitivo

94: Eu to afinzona de ouvir **você** falar

As orações incompletas, nos inquéritos, não foram consideradas.

f) Referencialidade

Tal fator foi selecionado com o objetivo de verificar o traço semântico determinado [- genérico], tendo o falante utilizado a referência à segunda pessoa para designar seu interlocutor, ou indeterminado [+ genérico], tendo o falante utilizado a referência à segunda pessoa para designar qualquer pessoa. Dessa forma, pretende-se verificar qual deles favorece a alternância das formas **tu/você**, uma vez que nos dados analisados, aparecem trechos como:

1) Determinada (- genérico).

27: no começo de abril **tu** passa aqui.

2) Indeterminada (+ genérico)

23: o essencial é **você** entender a arquitetura desse texto

3.2.4.2.2 As variáveis independentes externas

É de fundamental importância a consideração de fatores sociais na busca por melhores esclarecimentos a respeito do fenômeno variável a que determinado estudo se propõe. Isso porque, segundo argumenta Labov (1972), o desenvolvimento da mudança e da variação linguística não pode ser entendido fora da vida social, da comunidade em que ocorre. Em outras palavras, quer dizer que a língua passa por pressões sociais, não só com relação ao passado (o processo da mudança), como também de uma força social que atua no presente (resultando na variação).

Nesse sentido, para a presente pesquisa foram considerados, como fatores extralinguísticos, faixa etária, escolaridade, sexo/gênero e classe social dos informantes, com os quais se estabeleceram cruzamentos com as formas variantes do pronome **tu**.

a) Faixa Etária

O grupo de fatores faixa etária apresenta relevância nos estudos variacionistas, isto porque sempre se pode tentar evidenciar se entre a regra variável e a faixa etária dos informantes houve ou não qualquer tipo de correlação. Se o uso da variante inovadora for mais frequente entre os jovens, decrescente em relação à idade dos outros informantes, haverá assim um indício de uma situação de mudança em progresso. Mediante isso, é possível os jovens, por serem mais adeptos às mudanças, apresentarem maior grau de variação, já os adultos (conservadores) tenderiam à preservação do fenômeno. Sabe-se que a análise dessa variável, em relação ao fenômeno estudado, poderá indicar as seguintes direções: a implementação de uma mudança lingüística, a constatação de que o fenômeno consiste numa variação própria da gradação etária ou, ainda, uma variação estável, em combinação com os outros fatores sociais. Conforme Labov apud Monteiro

(2000, p.77), “toda mudança pressupõe variação, mas a recíproca nem sempre é verdadeira. Ou seja: há fenômenos de variação que não resultam em mudança”. As seguintes frases retiradas do *corpus* exemplificam essa variável:

1) Faixa etária: 15 a 25 anos

26: Eu tô, **tu** quer?

2) Faixa etária: 26 a 55 anos

30: **Você** vem de onde?

3) Faixa etária: acima de 55 anos

33: O que **tu** queres que ele diga?

b) Escolaridade

Optou-se por controlar tal variável, por entender-se que a escolaridade dos informantes influencia na alternância da forma de tratamento **tu**, pois, em princípio, uma variável sociolinguística estável está linearmente correlacionada à classe socioeconômica alta, uma vez que, de modo geral, apresenta níveis de escolaridade mais elevados, como também tendem a não usar a variante estigmatizada. Em outras palavras, informantes menos escolarizados tenderiam a usar a variante desprestigiada. Assim, será observado o grau de correlação entre o fator escolaridade e o fenômeno estudado. Abaixo, alguns exemplos ilustrativos retirados do *corpus*:

1) Nível Fundamental

70: Porque **tu** num me disse a cor que **tu** queria

04: **Você** pega uma senha bem ali, **cê** tá vendo a plaquinha

85: **Tu** trabalha com venda

2) Ensino Médio

66: **Tu** num vai por causa do serviço?

71: **Tu** só quer que eu procure

3) Superior

01: Eu to lhe dizendo que se **você** pedir eles lhe liberam

69: **Tu** fizeste muito bem

c) Sexo dos Falantes

Inúmeros estudos demonstram que há uma tendência de as mulheres usarem a variedade linguística de prestígio, ou chegarem perto dela, com mais frequência do que os homens. Segundo Labov (2008), em caso de variação estável, as mulheres preferem as formas de prestígio e, em casos de mudanças linguísticas, as mulheres exercem o papel de inovadoras. Isso está relacionado ao fato de as mulheres serem mais efetivas na atuação normalizadora do ambiente escolar e também pelo fato de as mulheres sofrerem mais pressão em relação ao comportamento. Portanto, é importante analisar essa variável e verificar sua força. Nos dados analisados, encontram-se trechos que exemplificam esse grupo de fatores como:

1) Masculino

01: Eu tô lhe dizendo que se **você** pedir eles lhe liberam

35: **Tu** foi lá, perguntou o negócio pra mulher lá?

2) Feminino

05: **Você** ligou pra Viana?

37: **Tu** tá sumida.

d) Classe Social

O grupo de fatores classe social foi escolhido por considerar possível que ele exerça influência na alternância de uso das formas de tratamento. Portanto, para avaliar a relevância desse grupo de fatores, foram selecionados os seguintes indicadores socioeconômicos: profissão/ocupação.

Segundo Labov (2008), certas escolhas linguísticas que o falante faz numa dada situação interacional dependem do tipo de relacionamento social que esse falante estabelece com o seu interlocutor. Assim, as relações de poder, solidariedade, intimidade, polidez, distanciamento e respeito podem indicar as formas de tratamento a serem usadas de acordo com a ocupação/profissão do falante. Alguns trechos retirados do *corpus* exemplificam a identificação de tal estatuto:

1) Média alta

01: Eu tô lhe dizendo que se **você** pedir eles lhe liberam.

2) Média

49: **Tu** me liga a hora que tiver o resultado em mãos.

3) Média baixa

38: **Você** sobe por aqui, acompanha até o final.

4) Baixa

39: **Tu** além de ser preto é saliente

e) Contexto e Posicionamento Hierárquico

As variáveis independentes externas, a saber, contexto e posicionamento hierárquico, que dizem respeito às situações de interlocução, por serem mais complexas e somente poderem ser tratadas em conjunto, ficarão para serem exemplificadas mais detalhadamente, a seguir, na apresentação e análise dos resultados

3.3 A coleta dos dados

A primeira preocupação no período da coleta de dados foi tentar resolver a questão do “paradoxo do observador”, isto é, coletar dados da linguagem em contexto natural de participação direta da interação com os falantes sem que as falas perdessem a espontaneidade (LABOV, 1972). Então, as gravações foram secretas e espontâneas, feitas com gravadores digitais, perfazendo o total de 7 horas e 78 minutos. Tais gravações são aqui consideradas secretas pelo fato de que, no momento em que tinha sua fala gravada, o informante não estava consciente de tal procedimento. No entanto, logo após a efetivação da gravação, o informante era comunicado que sua fala havia sido registrada no gravador, sendo, então, solicitada sua autorização para que o material fosse utilizado como fonte de pesquisa linguística. A coleta de dados foi feita em grande parte em balcões de informação de órgãos públicos (DETRAN, Viva Cidadão, Hospital Aldenora Belo); diálogos entre amigos e familiares; pedido de informação em vários pontos da cidade; aulas e reuniões de trabalho etc.

Após a coleta dos dados, foi feita a transcrição das entrevistas adotando-se uma série de convenções de transcrição (Anexo 2) para manter a fidelidade e a qualidade da produção oral. Em seguida, foi feita a codificação dos dados que foram, então, submetidos ao pacote computacional GoldVarb (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001).

Assim, feito o detalhamento da metodologia utilizada, passa-se à apresentação e análise dos resultados.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Conforme tratado na metodologia, os dados que delineiam os resultados da pesquisa de campo serão apresentados sempre considerando as variáveis dependentes (as formas pronominais **tu** e **você**) em correlação com as variáveis independentes. As variáveis dependentes são assim denominadas por considerar-se que sua análise necessariamente tem que levar em conta a influência das variáveis independentes, ou seja, que a opção por seu uso, que os aspectos e características de sua ocorrência só podem ser realmente entendidos em relação às variáveis independentes. Isso corresponde à perspectiva de Labov (1972) de que uma teoria da linguagem deveria levar em conta esses dois aspectos, ou seja, que só pode servir para explicar e descrever os fenômenos da língua quando as variáveis dependentes forem consideradas tanto em relação aos contextos lingüísticos quanto aos sociais.

Desse modo, as variáveis independentes têm, obrigatoriamente, que se compor tanto de fatores internos à estrutura da língua quanto de fatores externos a ela. Sendo assim, as variáveis independentes são consideradas internas quando dizem respeito à estrutura da língua (sintáticas, morfológicas, fonéticas, enunciativas etc.). Quando dizem respeito aos aspectos contextuais de ocorrência ou ao perfil do falante (situações de interlocução, ambiente, sexo, classe social, idade etc.), as variáveis independentes são denominadas de externas. O presente trabalho, conforme referido na Metodologia, contempla tanto variáveis internas quanto externas, com o propósito de ser fiel à visão de Labov (1972), segundo o qual qualquer variação sistemática é motivada por pressões sociais, não se devendo nunca estudar a língua fora de seu contexto social.

Logo, para que se estabelecessem os parâmetros que comporiam a base de cálculo dos resultados a serem apresentados, primeiramente consolidou-se o conjunto da amostra das variáveis dependentes (as formas **tu** e **você**) e o total da amostra. A partir desses parâmetros é que foram quantificadas as demais variáveis (independentes).

Dessa forma, o conjunto da amostra das variáveis dependentes (*d*) se compôs de 192 ocorrências para a forma **tu** e de 85 ocorrências para a forma **você**, perfazendo 277 ocorrências, que representam o total da amostra (*t*). Os cálculos, para as variáveis independentes (*i*), se farão sempre em relação ao conjunto da

amostra das variáveis dependentes (*d*), logo (*i/d*), e ao total da amostra, logo (*i/t*). Visto isso, de imediato, acerca destas ocorrências que comporão a amostra, pode-se dizer que diferiram um pouco de algumas pesquisas realizadas no país, fundamentadas na Sociolinguística Variacionista, que entendem, como é o caso de Wilhem (1979, p. 30), que o pronome de tratamento **você** substituiu efetivamente a forma de tratamento **tu** no Português Brasileiro (PB): “para a esmagadora maioria dos brasileiros só há duas formas de tratamento relativamente vivas, você e senhor”.

De fato, não se pode negar que a forma de tratamento **você** vem expandindo seu uso e que, talvez, no futuro venha, cada dia mais, a ocupar a posição de pronome de tratamento dominante no território brasileiro, modificando o sistema pronominal oficial vigente, algo que vem sendo constatado por Monteiro, a partir do projeto Norma Urbana Culta (NURC) e por outros autores (MONTEIRO, 1991, MENON, 1998, 2002; LORENGIA-PENKAL, 2004). Contudo, ainda não se pode afirmar, taxativamente, que a forma de tratamento **tu** já esteja morta e que tenha sido substituída pelas formas **você** ou senhor, em quase todo território nacional (Cunha, 1982). Esse foi o foco da presente pesquisa, com suas 192 ocorrências da forma **tu**.

Mais adequado é dizer que a forma **tu**, mesmo que com certa desvantagem, ainda vive um momento de competição com a forma **você**, conforme é possível perceber em diversos estudos que tratam da questão, em diferentes estados e regiões do Brasil. A título de ilustração acerca do que se está afirmando, segue uma breve súmula dos resultados de alguns estudos sobre o tema, realizados nos últimos trinta anos. Na tabela, especificam-se os locais, autores e anos das pesquisas e o panorama da opção de uso entre as formas **tu** e **você** apurado por esses estudos.

Tabela 2 - Panorama da opção de uso entre as formas **tu** e **você** no Brasil

LOCAL DO ESTUDO/AUTOR/ANO	PRONOMES/OPÇÃO DE USO	
	Tu	Você
Belém/PA (SOARES; LEAL, 1993)	competem	competem
Fortaleza/CE (SOARES, 1980)	28%	72%
Recife/PE (SETTE, 1980)	maior uso	menor uso
Santos/SP (MODESTO, 2005)	33%	67%
São João da Ponte /MG (MOTA, 2008)	25%	75%
São Paulo/SP (MENON, 2000)	sem ocorrência	uso generalizado

Curitiba/PR (MENON, 2000)	sem ocorrência	uso generalizado
Curitiba /PR (LORENGIAN-PENKAL, 2004)	sem ocorrência	uso generalizado
Florianópolis/SC (MENON, 2000)	menor uso	maior uso
Florianópolis/SC (LORENGIAN-PENKAL, 2004)	maior uso	menor uso
Florianópolis/SC (RAMOS, 1989)	competem	competem
Porto Alegre /RS (GUIMARÃES, 1979)	49,17%	50,83%
Porto Alegre/RS (LORENGIAN-PENKAL, 2004)	maior uso	menor uso
Porto Alegre/RS (MENON, 2000)	competem	competem

Fonte: Organizado pela pesquisadora, com base na bibliografia disponível.

Assim, mesmo que tenham sido registrados dados em que a forma **tu** se acha, na prática, substituída ou em franca desvantagem em relação à forma **você**, como é o caso de São Paulo e Curitiba (sem ocorrência x uso generalizado, respectivamente), Fortaleza (28% x 72%) e Santos (33% x 67%); também há casos em que se constata competição ou maior uso da forma **tu**, como detectado em Belém, Porto Alegre e Florianópolis. Tais casos, inclusive, merecem bastante atenção, notadamente Florianópolis, pois, se em Porto Alegre/RS se encontram duas tendências de equilíbrio, Menon (2000) e Guimarães (1979), com 49,17% x 50,83, em Florianópolis, todavia, ocorrem significativas discrepâncias. Isto porque Ramos, em 1989, apura que as formas **tu** e **você** encontram-se competindo entre si, em 2000, Menon apura que a forma **tu** tem menor uso e, em 2004, Lorengia-Penkall apura que a forma **tu** tem maior uso.

Logo, mesmo que tais resultados se estendam num período de 15 anos, o que explicaria tais diferenças, ainda assim colocam em pauta algumas reflexões. Entre elas, a questão do tamanho da amostra. Ainda que se respeite a lição de Labov (1972), de que, pelo seu modelo, não há necessidade de se coletar uma grande quantidade de dados para descrever um quadro representativo de um fenômeno linguístico, mesmo assim a obrigação dos pesquisadores é estar atentos aos dados quantitativos utilizados que venham a dar representatividade aos estudos.

Outra questão diz respeito à própria dinâmica da língua e aos aspectos metodológicos a que se deve estar atento, pois, se não devidamente consideradas, não se pode efetivamente detectar se o dado apurado se coloca como uma tendência que se firmou ou vem se firmando ou se é apenas um dado circunstancial e/ou momentâneo, comum à dinâmica da língua, o que traduz, enfim, o pressuposto referido por Monteiro (2000, p. 77) de que “toda mudança pressupõe variação,

mas a recíproca nem sempre é verdadeira. Ou seja: há fenômenos de variação que não resultam em mudança”. Enfim, tais discrepâncias podem estar apenas espelhando esse ambiente de competição, com momentos de alternância entre uma forma e outra.

Todavia, cabe enfatizar que o tema é complexo e de difícil tratamento, de tal forma que não se pode considerá-lo apenas na sua dimensão quantitativa, mas também numa perspectiva histórica, sociocultural e pragmática. Desse modo, não se deve perder de vista que, também em outras línguas de origem latina, existem formas equivalentes ao **tu** e ao **você**. Na língua francesa, por exemplo, tem-se o “tu” e o “vous” que, conforme Dias (2007), são amplamente utilizados, o primeiro pelos mais jovens, com seu uso diminuindo na transição da juventude para a fase adulta, fenômeno que se justificaria pelas relações profissionais. Segundo a autora, o “tu” é também usado entre membros da família e amigos próximos ou no tratamento de pessoas de mesma classe social que já se conhecem há certo tempo.

Nessa perspectiva, esses aspectos, no caso da língua francesa, põem em relevo questões socioeconômicas e de pragmática. Ou seja, tudo isso influencia na escolha da forma a ser utilizada, notadamente a situação de interlocução. É o caso citado por dois advogados que, fora da audiência, se tratam por “tu”, mas que, durante a audiência, passam, reciprocamente, a utilizar o “vous” (DIAS, 2007).

Já no italiano e no espanhol, tem-se, respectivamente, os pares “tu”/“voi” e “tú”/“usted”. No italiano, o “tu” também é mais utilizado associado a situações de informalidade que o “voi”, utilizado principalmente entre pessoas que não têm muita intimidade ou que respeitam um determinado tipo de hierarquia (idade, classe social, cargo etc.). No espanhol, igualmente, a forma “tú” tende a ser utilizada em situações mais informais e/ou íntimas que a forma “usted” (DIAS, 2007).

Desse modo, ciente da existência de tais aspectos é que, na presente pesquisa, também serão consideradas as questões socioeconômicas e as situações de ocorrência, ou seja, o contexto de interlocução em que foram utilizadas as formas **tu** e **você**, o que implica na premissa de Labov (1972) de que as variações não são aleatórias, mas motivadas e controladas por fatores linguísticos e extralinguísticos, tornando-se possível analisar e descrever tais variações.

No entanto, mesmo nessa primeira etapa da análise dos resultados, a composição do conjunto da amostra deixa claro que, conforme afirma Naro (2003, p. 15), “na língua, variantes podem estar em competição, no sentido de que ora pode

ocorrer uma, ora pode ocorrer outra” e que, entre os falantes de São Luís, há essa simultaneidade de usos, mas ainda com uma grande predominância do uso da forma **tu** sobre a forma **você**, conforme se pode observar na tabela abaixo:

Tabela 3 - Composição do conjunto da amostra e total da amostra das ocorrências das formas **tu** e **você**, entre os falantes ludovicenses

Variáveis Dependentes	Quant.	%
Tu	192/277	69,31
Você	85/277	30,69
Totais Gerais	277/277	100,00

Fonte: Pesquisa de campo.

Portanto, pelos dados auferidos acerca da realidade linguística da cidade de São Luís, vê-se que estes relativizam a afirmação de estudos que entendem que o pronome pessoal **tu** já tenha sido substituído em todo o PB. Pelos dados da tabela, de imediato, pode-se ver que houve um percentual significativamente maior de ocorrências da forma **tu** (69,31%) que da forma **você** (30,69%), em relação ao total da amostra. Dessa forma, de agora em diante, será a partir dessa base de cálculos que serão apresentados os resultados apurados, considerando as variáveis independentes em relação ao conjunto da amostra das variáveis dependentes (192 ocorrências da forma **tu** e 85 da forma **você**) e ao total da amostra (277 ocorrências).

Visto isso, a apresentação se fará sempre analisando as ocorrências das variáveis independentes (*i*) em relação ao conjunto da amostra das variáveis dependentes (*d*), isto é (*i/d*), com 192 ocorrências para o **tu**, logo *i/192*, e 85 ocorrências para a forma **você**, logo *i/85*, a partir desses números se geram os devidos percentuais, ou seja, a partir deles permite-se mapear especificamente as ocorrências mais relevantes no conjunto das amostras dos pronomes **tu** e **você**, após os falantes optarem por uma ou por outra forma pronominal. Em seguida, na mesma tabela, são expostas as ocorrências das variáveis independentes (*i*) em relação ao total da amostra (*t*), logo *i/t*, em que *t* = 277, do qual se geram os devidos percentuais, ou seja, as tendências gerais de opção uso entre um ou outro pronome entre os ludovicenses.

Assim, esse tipo de apresentação permitirá que, ao mesmo tempo em que são expostas as tendências gerais de uso dos falantes ludovicenses, se possa, com

a análise do conjunto da amostra, mapear, detalhar e relativizar alguns resultados (após feita a opção pelo falante por um ou pelo outro pronome), que costumam passar despercebidos na obrigatória apresentação das tendências gerais, feita em relação ao total da amostra. Em síntese, se poderá demonstrar se, após a opção, se mantêm as tendências gerais ou se o falante tende a utilizar mais da forma pronominal escolhida em relação a uma outra estrutura linguística, diferente da geral.

4.1 Das ocorrências no contexto das variáveis independentes internas

Tendo em vista as definições expostas anteriormente, neste ponto, portanto, o interesse se voltou para a apresentação e análise das ocorrências das formas **tu** e **você** na sua relação com determinadas funções, no contexto da estrutura interna da língua (sintaxe, concordância, morfologia, tipos de oração e referencialidade). Na essência, uma tentativa de abordagem de cunho morfossintático e textual

Tabela 4 - Ocorrência das formas **tu/você**, nas funções sujeito e complemento (objeto direto, objeto indireto e predicativo do sujeito), entre os falantes ludovicenses

Função Gramatical	Em Relação ao Conjunto da Amostra				Em Relação ao Total da Amostra			
	Tu		Você		Tu		Você	
	N	%	N	%	N	%	N	%
sujeito	187/192	97,40	83/85	97,65	187/277	67,51	83/277	29,97
complemento (objeto direto, objeto indireto, predicativo do sujeito)	5/192	2,60	2/85	2,35	5/277	1,80	2/277	0,72
Totais Gerais	192/192	100,00	85/85	100,00	192/277	69,31	85/277	30,69

Fonte: Pesquisa de campo.

Conforme os resultados coletados, pôde-se detectar um dado simples, isto é, que seja no caso da forma **tu** ou da forma **você**, há uma predominância de uso dessas formas na função sujeito, com 187 ocorrências para a forma **tu**, de um total de 192 (97,40%); e de 83 (97,65%), para a forma **você**, de um total de 85 ocorrências. Considerando-se o total das ocorrências (total da amostra), mantém-se a predominância da função sujeito, no caso da forma **tu**, que ficou demonstrada em 67,51% do total das ocorrências contra 29,97% de ocorrências da forma **você**,

refletindo, portanto, o peso da preferência pela forma **tu**, entre os falantes ludovicenses, conforme já visto anteriormente.

Com relação às formas **tu** e **você** na função de complemento, os percentuais das ocorrências foram recebidos como naturais e, mesmo, esperados. De fato, acerca dessa predominância de uso dos pronomes **tu** e **você** na função sujeito e do apagamento das funções complemento, na modalidade oral culta do PB, Monteiro (1994, p. 24) já havia constatado que essa predominância “não se enquadra no parâmetro das línguas de sujeito nulo, sendo a tendência dominante a da presença e não a da ausência dos pronomes retos” e, ainda, que o apagamento das funções objeto (complemento) “passa a tornar-se um dos traços singularizantes do português no Brasil, que por isso tende a ser uma língua de objeto nulo”. Portanto, as ocorrências da ordem de 2,60% e de 1,80% da forma **tu**, em relação ao conjunto da amostra e ao total da amostra, respectivamente, e de 2,35% e 0,72%, também respectivamente, da forma **você**, ambas na função de complemento, na verdade já corresponderiam a uma tendência geral de uso em todo o Brasil.

Como a função de complemento (em razão das limitações do programa utilizado e do baixo número de ocorrências) agrupa, na presente pesquisa, as funções de objeto direto, objeto indireto e predicativo do sujeito, cabe registrar que, como complemento, todas as 5 (cinco) ocorrências da forma **tu** se deram na função de objeto direto, enquanto as funções de objeto indireto e predicativo do sujeito aconteceram, uma cada vez, para as 2 (duas) ocorrências da forma **você**.

A partir da predominância da forma **tu**, funcionando como sujeito, torna-se, então, possível e relevante analisar seus padrões de concordância em relação ao verbo. Como nas gramáticas tradicionais o padrão é que a forma **tu** concorde com o verbo apresentando morfema verbal –s (a conhecida desinência número-pessoal), exatamente o indicativo da 2ª pessoa do singular, nessa tabela foram consideradas três variáveis independentes em relação à concordância clássica das gramáticas tradicionais: “concorda” (quando a concordância do **tu** ocorre com o verbo apresentando o morfema –s em sua terminação); “não concorda” (quando a concordância do **tu** não ocorre, com o verbo, conseqüentemente não apresentando o morfema –s em sua terminação); e “não se aplica” (quando a forma **tu** não desempenha a função de sujeito ou quando foi utilizada a forma **você**, que, no PB, apresenta concordância com verbo sem uma marca explícita, isto é, com o morfema [ø]).

Tabela 5 - Concordância das formas **tu/você**, na função sujeito, com o verbo na 2ª pessoa do singular, entre os falantes ludovicenses

Concordância Verbal com a 2ª p.s.	Em Relação ao Conjunto da Amostra				Em Relação ao Total da Amostra			
	Tu		Você		Tu		Você	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Concorda	11/192	5,73	0/85	0,00	11/277	3,97	0/277	0,00
Não concorda	176/192	91,67	0/85	0,00	176/277	63,54	0/277	0,00
Não se aplica	5/192	2,60	85/85	100,00	5/277	1,80	85/277	30,69
Totais Gerais	192/192	100,00	85/85	100,00	192/277	69,31	85/277	30,69

Fonte: Pesquisa de campo.

Assim, pelos dados constantes na tabela, nota-se que, entre os falantes ludovicenses, a tendência predominante de concordância da forma **tu** (funcionando como sujeito) é a de não concordar com o verbo, isto é, é a de não apresentar o morfema –s em sua terminação, ocorrência que se dá em 63,54 % dos casos, quando considerado o total da amostra, e em 91,67% dos casos, em relação ao conjunto da amostra.

Tal fato demonstra a ocorrência de um tipo de concordância que vai contra o padrão da língua tido como culto, pois o que predomina não é a clássica concordância preconizada pela gramática tradicional, mas a concordância típica de 3ª pessoa do discurso (**você**, ele, ela), com verbo sem o morfema –s, ou seja, com desinência número-pessoal [Ø]. As ocorrências com o pronome **tu** que se deram com a concordância apresentando o morfema –s são de apenas 3,97 %, em relação ao total da amostra, e de 5,73%, em relação ao conjunto da amostra.

Há uma grande quantidade de pesquisas tratando da variação da concordância do pronome de tratamento **tu** em relação ao verbo. Nessas pesquisas, pode-se notar uma percepção quase consensual dos diversos autores de que, por certo, vem se dando uma alteração dos paradigmas da concordância desta forma pronominal no PB. No entanto, ainda não há um consenso e uma convicção acerca dos fatores que estariam por trás desta modificação.

Entre as diversas pesquisas, podem-se citar, por exemplo, duas, de pontos bem distanciados do país, isto é, a de Biderman (1972) que, já naquela década, detectou que, não obstante o uso corrente do pronome **tu** no Rio Grande do Sul quase sempre vinha acompanhado de formas verbais sem o morfema flexional –s. O mesmo fenômeno estaria presente em Maceió/AL, onde Tenório, já em 2002,

apura que, quando se utiliza do pronome **tu**, a população usa mais frequentemente a concordância com a forma verbal correspondente à 3ª pessoa do singular (ou seja, com verbo sem o morfema –s em sua terminação). Tais ocorrências têm levado alguns autores, a exemplo de Silva (1988), a afirmarem que o paradigma da 2ª pessoa do singular está penetrando paulatinamente no de 3ª pessoa do singular.

Quanto às diversas hipóteses teóricas levantadas para explicar o fenômeno, Monteiro (1991, p. 219) entende que houve uma simplificação pronominal ao lado de uma simplificação da desinência número-pessoal dos verbos: “É de se supor que as alterações sofridas sejam causa ou efeito da simplificação por que passa o esquema de conjugação verbal”. Essa afirmação advém de seus estudos, realizados através do Projeto Norma Urbana Culta (NURC), em diversas cidades brasileiras, entre elas Recife, Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, em que constatou, por exemplo, que a forma “vós” foi substituída, efetivamente, pela forma “vocês” e que o pronome **tu** vem sendo, na prática, substituído na maior parte das capitais brasileiras. Corroborando essa explicação, é importante destacar que tal simplificação vem sendo observada em relação à 1ª pessoa do plural, pois já é detectada forte alternância entre as formas “nós” e a forma “a gente”, em todo o país, conforme referido por Lopes (2003).

Por seu turno, Menon (1995) aponta uma outra direção para o assunto. Para essa autora, estaria ocorrendo uma reestruturação do paradigma verbal da língua portuguesa, devido à modificação do pronome sujeito (PSUJ). Sua proposição teórica se apoia na perspectiva histórica, ou seja, na perspectiva de que tal fenômeno de reestruturação seria semelhante ao que já ocorreu antes na Língua Portuguesa. Com isso, ela quer dizer que a Língua Portuguesa, que herdou seu sistema pronominal do latim, já abandonou a forma “vos” pela forma **tu**, numa simplificação no sentido da informalidade, e que isso pode estar novamente ocorrendo.

No latim, a forma “vos” era usada tanto para um único interlocutor (formal) quanto para mais de um interlocutor (mais formal). Já a forma **tu** era utilizada apenas para um interlocutor, sendo muito menos formal. Em resumo, no latim, o “vos” era sempre uma forma polida de se dirigir ao interlocutor ou a interlocutores, um tratamento respeitoso, com valor honorífico, cerimonioso, sempre formal; enquanto a forma **tu** era reservada para os iguais (notadamente em situações de informalidade) ou, ainda, de um superior para um inferior ou subordinado. Na

perspectiva dessa autora, portanto, tal simplificação dos paradigmas verbais e pronominais, que já se deu antes, estaria acontecendo de novo no PB, com as formas **tu** e **você**.

Tem-se, ainda, a proposição teórica de Vandresen (2001), que entende que a difusão da variante sem a concordância clássica da 2ª pessoa do singular esteja associada a três fatores: o empobrecimento da flexão verbal no PB; a introdução de novas formas pronominais de tratamento com concordância em 3ª pessoa, tais como “a gente”, “você”; a tendência de queda ou mudança nas vogais átonas finais no PB. O fenômeno, de fato, é complexo e a única coisa efetivamente certa é que se vive um momento de competição entre diferentes formas pronominais, com uma tendência de alterações no sistema, inclusive em relação aos paradigmas de conjugação verbal.

Muito recentemente, em sua dissertação de Mestrado intitulada “O Uso do Tu e do Você no Português Falado no Maranhão”, Alves (2010) mapeou a situação de concordância do pronome de tratamento **tu**. Nesse estudo, a autora registrou 126 ocorrências dessa forma pronominal, sendo 14 seguidas da concordância clássica de 2ª pessoa e 112 com a concordância na 3ª pessoa do singular. Como sua amostra compreendeu as cidades de São Luís, Pinheiro, Bacabal, Tuntum e Alto Parnaíba, permite, numa abordagem comparativa à nossa, perceber uma situação digna de nota.

No presente estudo, compreendendo ocorrências apenas na cidade de São Luís, observou-se franca predominância da utilização de concordância da forma pronominal **tu**, com verbo sem o morfema –s em sua terminação, e muito poucas ocorrências da utilização da concordância gramatical clássica da 2ª pessoa do singular (apenas 5,73%, quando considerado o total da amostra). No entanto, quando se analisa os resultados da pesquisa de Alves, apresenta-se um dado significativo. Isto é, que não obstante também em seu estudo essa autora detectou uma maior predominância da concordância da forma pronominal **tu** com verbo sem o morfema –s em sua terminação, ela refere o fato de que, entre as ocorrências da concordância gramatical clássica da 2ª pessoa do singular, nas diferentes cidades, o maior percentual se deu exatamente em São Luís.

Tal constatação põe em relevo diversas indagações, entre elas: (i) a questão dos fatores socioculturais, notadamente a escolaridade, haja vista São Luís ser a capital do Estado, em tese com possibilidades de oferecer um melhor ensino,

numa região ainda muito carente; (ii) a própria questão do mito de, na cidade São Luís, já se ter dito outrora que se falava o melhor português do Brasil; (iii) até onde vão as fortíssimas influências portuguesas, ao longo da história, no ambiente linguístico dessa quase quatrocentona cidade?; e (iv) em São Luís, outrora chamada de Atenas Brasileira, não sealaria o melhor (no sentido de mais castigo e de um maior alinhamento) português de Portugal, em terras brasileiras, daí restarem ainda resquícios dessa influência entre os falantes da cidade, entre elas o emprego da forma **tu**, marcante entre os portugueses? Tais indagações, sem dúvida, só podem ser analisadas considerando-se os fatores históricos, socioculturais e contextuais.

Tabela 6 - Ocorrência das formas **tu/você**, na função sujeito, em sua correspondência com os respectivos pronomes possessivos, entre os falantes ludovicenses

Pronomes Possessivos	Em Relação ao Conjunto da Amostra				Em Relação ao Total da Amostra			
	Tu		Você		Tu		Você	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Teu	5/192	2,60	0/85	0,00	5/277	1,80	0/277	0,00
Seu	0/192	0,00	4/85	4,70	0/277	0,00	4/277	1,44
Não se aplica	187/192	97,40	81/85	95,30	187/277	67,51	81/277	29,25
Totais Gerais	192/192	100,00	85/85	100,00	5/277	69,31	4/277	30,69

Fonte: Pesquisa de campo.

Como se pode observar, neste item buscou-se investigar uma relação sintática em correspondência com uma relação morfológica ou, mais especificamente, os aspectos morfossintáticos referentes ao uso das formas **tu** e **você**, na sua função sujeito, em correlação com os pronomes possessivos (pronomes adjetivos) a eles referentes.

Os dados mais significativos dizem respeito ao fato de que, em relação ao total da amostra, as formas **tu** e **você**, vistas nessa condição morfossintática, ocorreram apenas 9 vezes, sendo 5 vezes (1,80%) para o pronome **tu** e 4 vezes (1,44%) para o pronome **você**. A partir dessas constatações, observou-se que a forma **tu**, na função sujeito, somente ocorreu em correspondência com o pronome possessivo “teu”, não acontecendo correspondência com o pronome possessivo “seu” (0,00%). Por seu lado, a forma **você** somente ocorreu em correspondência com o pronome possessivo “seu”, não tendo sido apurada a correspondência com o pronome possessivo “teu” (0,00%).

Em relação ao conjunto da amostra, a forma **você** apresenta, proporcionalmente, um percentual mais elevado de ocorrências, 4,70% contra 2,60% da forma **tu**. Ou seja, o falante ludovicense tende a optar por usar mais a forma **tu** na correspondência com os possessivos, como tendência geral; mas, quando já optou, quando já está utilizando a forma **você**, a correspondência simétrica com os possessivos se mantém, porém inverte-se a tendência de predomínio do **tu**, passando, em termos proporcionais, a predominar a forma **você**. Deve-se, no entanto, destacar que os valores absolutos dessas ocorrências são baixíssimos, não obstante deixarem perceber sempre uma simetria no uso, pelos ludovicenses, das formas **tu** e **você**, gerando sempre os pares **tu**/teu e **você**/seu. Mas, tendo em vista os valores muito baixos, tal simetria que compõe essa variável exigiria estudo específico, visando confirmar se, efetivamente, se trata de um fenômeno homogêneo no falar ludovicense.

Existem diversas pesquisas que tratam da variação dos pronomes possessivos, entre estes Arduin e Coelho (2006), Menon e Lorengian-Penkal (2002), Leão (2003), Oliveira e Silva (1998), Areta Neta (2004). Porém, crê-se que, para a presente tese, o estudo mais importante é o de Herênio (2006), já que é um estudo que trata dos pronomes de tratamento **tu** e **você** em regiões diferentes do país, quais sejam, a Sudeste, mais especificamente Uberlândia (MG), e a Nordeste, em Imperatriz (MA), esta última localizada exatamente no estado onde se desenvolveu a esta pesquisa, o que permite uma rica perspectiva comparativa.

No seu estudo, Herênio(ano) observou que em Uberlândia os pronomes possessivos “seu”/“sua”, quando usados em correspondência com a forma **tu**, tiveram ocorrência de apenas 1%. Os outros 99,00% das ocorrências desses pronomes possessivos se deram em correspondência à forma **você**. Já na cidade de Imperatriz, no Maranhão, a situação apurada é de assimetria. Herênio(ano) constatou frequências de 37,5%, na correspondência entre os pronomes possessivos “seu”/“sua” com a forma **você**, e 0,8% de correspondência com a forma **tu**. Já os pronomes “teu”/“tua” apresentaram correspondência com a forma **tu** da ordem 56,2% e com a forma **você**, de 18,7%.

Percebe-se, portanto, que, comparativamente com os resultados obtidos por nós, mesmo a cidade de Imperatriz, localizada no mesmo estado que São Luís, apresenta uma tendência de uso bem diversa. Resta apurar se essa diferença está

relacionada efetivamente a fatores históricos, culturais, pragmáticos ou, o mais provável, à concorrência de todos estes.

Na tabela que segue, passa-se a analisar as ocorrências das formas **tu/você** no que concerne ao seu emprego em correlação com os tempos verbais. Foram utilizadas como variantes independentes apenas as sabidamente de uso mais comum (mais recorrentes) no uso diário do Português no Brasil, quais sejam: o presente, o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito, o futuro do presente e o futuro do pretérito. A variável “não se aplica” diz respeito às ocorrências das formas **tu** e **você**, quando correlacionadas às formas nominais do verbo no gerúndio, infinito e particípio, que não foram incluídas nesta pesquisa.

Tabela 7 - Ocorrência das formas **tu/você**, em correlação com os tempos verbais, entre os falantes ludovicenses

Tempos Verbais	Em Relação ao Conjunto da Amostra				Em Relação ao Total da Amostra			
	Tu		Você		Tu		Você	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Presente	112/192	58,33	44/85	51,76	112/277	40,43	44/277	15,89
Pret. Perfeito	28/192	14,59	9/85	10,59	28/277	10,11	9/277	3,25
Pret. Imperfeito	10/192	5,21	2/85	2,35	10/277	3,61	2/277	0,72
Fut. do Presente	26/192	13,54	15/85	17,65	26/277	9,39	15/277	5,41
Fut. do Pretérito	1/192	0,52	1/85	1,18	1/277	0,36	1/277	0,36
Não se aplica	15/192	7,81	14/85	16,47	15/277	5,41	14/277	5,06
Totais Gerais	192/192	100,00	85/85	100,00	192/277	69,31	85/277	30,69

Fonte: Pesquisa de campo.

No que se refere à classificação gramatical dos tempos verbais, observa-se, como tendência geral, uma predominância do emprego da forma **tu** quando da utilização dos principais tempos verbais, ou seja, daqueles que são mais usados, em seu cotidiano, pelas pessoas no PB. Assim, o mais importante a destacar é que, no que concerne aos usos dos tempos verbais, o falante ludovicense tende, geralmente, a privilegiar o pronome **tu**. Desse modo, a partir da análise do total da amostra, obtém-se, pela ordem, a seguinte tendência de predominância do uso desta forma pronominal com verbos nos tempos: presente (40,43%), pretérito perfeito (10,11%), futuro do presente (9,39%) e pretérito imperfeito (3,61%).

Quando considerado o conjunto da amostra, observa-se que a tendência geral se mantém para quase todos os casos, com o ludovicense utilizando, igualmente, muito mais a forma **tu** que a forma **você** com verbos nos tempos presente (58,33%), pretérito perfeito (14,59%) e pretérito imperfeito (5,21%). No entanto, é possível perceber uma diferença em relação ao futuro do presente. Isto é, após optar pelo uso do pronome **você**, o falante ludovicense o utiliza, proporcionalmente, muito mais no futuro do presente (17,65%) que quando opta pelo uso do pronome **tu** (13,54%). Deve-se não perder de vista, especificamente neste caso, que este tempo verbal é um pouco mais sofisticado e menos usual, na medida em que suas conjugações tendem a ser substituídas por locuções verbais, ou seja, no lugar de “eu buscarei” é comum utilizar-se “eu vou buscar”, e assim por diante, como se o falante optasse pelo que acha mais fácil, ou menos rebuscado, em sua visão.

Em resumo, acerca dos usos dos pronomes **tu** e **você** com os tempos verbais, entre os ludovicenses, observa-se que sua tendência é utilizar predominante a forma **tu**, fato observado tanto na análise das tendências gerais (total da amostra) quanto após feita a opção por um dos pronomes (conjunto da amostra). Logo, mesmo após feita a opção por um dos pronomes, os falantes ludovicenses utilizam mais o **tu** que o **você**, nos tempos presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito, com a única exceção ficando por conta dos casos em que o ludovicense, após feita a opção de uso, utiliza muito mais o **você** que o **tu** no futuro do presente. O tempo futuro do pretérito é numericamente pouco representado, razão pela qual não será analisado, podendo-se, assim, passar à análise dos modos verbais.

Tabela 8 - Ocorrência das formas **tu/você**, em correlação com os modos verbais, entre os falantes ludovicenses

Modos Verbais	Em Relação ao Conjunto da Amostra				Em relação ao Total da Amostra			
	Tu		Você		Tu		Você	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Indicativo	162/192	84,38	63/85	74,12	162/277	58,49	63/277	22,75
Subjuntivo	15/192	7,81	8/85	9,41	15/277	5,41	8/277	2,89
Não se aplica	15/192	7,81	14/85	16,47	15/277	5,41	14/277	5,05
Totais Gerais	192/192	100,00	85/85	100,00	192/277	69,31	85/277	30,69

Fonte: Pesquisa de campo.

Quanto à ocorrência das formas **tu** e **você** na utilização dos modos verbais, também foi observada certa tendência de predominância do uso da forma **tu**, entre os falantes ludovicenses. Ao ser feita a análise em relação ao total da amostra, faz-se notar

essa tendência geral, numa correlação de 58,49% para a forma **tu** contra 22,75%, para a forma **você**, no que diz respeito ao indicativo; e de 5,41%, para a forma **tu**, e 2,89%, para a forma **você**, no que diz respeito ao subjuntivo.

No que tange ao conjunto da amostra, essa tendência geral de predominância do uso da forma **tu** se mantém no modo indicativo, com percentuais de 84,38% e 74,12%, respectivamente, para as formas **tu** e **você**. No entanto, o conjunto da amostra torna possível perceber um dado significativo, ou seja, esse conjunto possibilita a observação de que após optar por se utilizar o pronome **você**, o falante ludovicense o utiliza mais (9,41%) que o **tu** (7,81%), no modo subjuntivo.

Esse uso da forma **você** mais forte no subjuntivo, no conjunto da amostra, se comparado ao que ocorre com a forma **tu**, permite formular a hipótese de que isso aponte para uma tendência que esteja se apresentando ainda que de forma subliminar entre os ludovicenses, a tendência de assimilar o **você** como forma mais erudita ou mais sofisticada, por ser mais privilegiada por outros centros urbanos, tidos como mais avançados, por pessoas deles advindas, pela mídia que de lá se irradia, passando a usá-la, portanto, ligada a um modo verbal mais sofisticada e menos usual, como é o caso do subjuntivo.

Todavia, com exceção dessa situação específica, a forma **tu** ainda é a predominante no dia-a-dia dos falantes da comunidade linguística ludovicense, pois, como se viu, a tendência geral ainda é a de que os ludovicenses optem, em primeira instância, por se utilizarem dela. A variável “não se aplica” compreende as ocorrências apuradas das formas **tu** e **você** correlacionadas ao modo imperativo, que não está incluído na presente pesquisa.

Tabela 9 - Ocorrência das formas **tu/você**, de acordo com os tipos de oração, entre os falantes ludovicenses

Tipos de Oração	Em Relação ao Conjunto da Amostra				Em Relação ao Total da Amostra			
	Tu		Você		Tu		Você	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Absoluta	91/192	47,39	38/85	44,71	91/277	32,85	38/277	13,72
Coordenada	20/192	10,42	8/85	9,41	20/277	7,22	8/277	2,89
Principal	43/192	22,40	15/85	17,65	43/277	15,52	15/277	5,41
Subordinada desenvolvida	35/192	18,23	19/85	22,35	35/277	12,64	19/277	6,87
Subordinada reduzida	3/192	1,56	5/85	5,88	3/277	1,08	5/277	1,80
Totais Gerais	192/192	100,00	85/85	100,00	192/277	69,31	85/277	30,69

Fonte: Pesquisa de Campo.

Com relação aos tipos de oração, estas são classificadas, pela gramática tradicional, conforme o tipo de período: simples ou composto. Disso, como se sabe, decorre a clássica divisão em orações absolutas, coordenadas e subordinadas, com as duas últimas classificações subdividindo-se em diversos tipos: conforme a conjunção com que se iniciam (coordenadas) ou conforme a função sintática que exercem em relação à oração principal (no caso das subordinadas). Ademais, no caso das subordinadas, estas podem exercer funções sintáticas próprias dos substantivos (orações subordinadas substantivas), dos adjetivos (orações subordinadas adjetivas) e, ainda, dos advérbios (orações subordinadas adverbiais). Por fim, tais tipos de orações subordinadas, quando introduzidas por verbos no gerúndio, particípio e infinitivo, são chamadas de reduzidas e, caso isso não ocorra, são consideradas desenvolvidas.

Neste trabalho, optou-se por apresentar os dados da ocorrência dos pronomes de tratamento **tu** e **você** considerando a classificação das orações em absoluta, coordenada, principal, subordinada desenvolvida e subordinada reduzida, por entender-se que assim seria possível apresentar um bom panorama dos usos dos pronomes em escopo, tanto dentro do período simples quanto do composto.

Na análise dessa variável, em relação ao total da amostra, salta aos olhos a ampla predominância da forma **tu** sobre a forma **você**, para quase todos os tipos de oração. No caso das orações absolutas, tem-se um percentual de 32,85% de ocorrências da forma **tu** contra 13,72% para a forma **você**; no caso das orações principais, tem-se 15,52% para forma **tu** contra 5,41% para a forma **você**. Nas ocorrências de orações coordenadas, os percentuais são 7,22% para a forma **tu** e 2,89%, para a forma **você**. Quanto às orações subordinadas desenvolvidas, apresentam percentuais de 12,64% e 6,87%, respectivamente, para as formas **tu** e **você**. A única exceção, com vantagem para a forma **você**, no que se refere às tendências gerais, diz respeito às orações subordinadas reduzidas, mas com ocorrências pouco relevantes, pouco significativas, que dispensam análise.

Quando considerado o conjunto da amostra, observa-se que é mantida a tendência de uma maior utilização do pronome **tu**. Assim, essa forma pronominal predomina sobre a forma **você**, com diferenças percentuais não muito grandes, nas orações absolutas (47,39% contra 44,71%), nas orações principais (22,40% contra 17,65%) e nas orações coordenadas (10,42% contra 9,41%). Contudo, nesta análise pode-se observar que, após optar por uma das formas pronominais, o falante

ludovicense utiliza mais o pronome **você** (22,35%) que o **tu** (18,23%), em orações subordinadas desenvolvidas. Portanto, depois de feita a opção por um dos pronomes, quando se utiliza da forma **tu**, o ludovicense privilegia, pela ordem, seu uso em: orações absolutas, principais, subordinadas desenvolvidas e coordenadas; quando opta pelo **você**, privilegia, pela ordem, sua utilização em: orações absolutas, subordinadas desenvolvidas, principais e coordenadas. Observa-se, então, no caso de **você** um uso maior nas orações subordinadas desenvolvidas em relação ao **tu**, apresentando uso semelhante nos outros casos. Devido ao pequeno número de ocorrências das orações subordinadas reduzidas, não serão aqui analisadas.

Em suma, constata-se que a tendência geral do falante ludovicense ainda é utilizar, predominantemente, a forma pronominal **tu**, em quase todos os tipos de orações, mas, quando faz uso de orações com estrutura frasal considerada um pouco mais sofisticada (caso das subordinadas desenvolvidas), o refinamento dos resultados, feito através do conjunto da amostra faz notar que os ludovicenses tendem a utilizá-las mais com a forma **você**. Além disso, nunca é demais reiterar que a oração subordinada do tipo desenvolvida, exatamente por ter uma estrutura considerada mais sofisticada, tende a ocorrer, proporcionalmente, menos na fala do dia-a-dia das pessoas, exatamente o que se constatou na pesquisa.

Tabela 10 - Ocorrência das formas **tu/você**, de acordo com a referencialidade, entre os falantes ludovicenses.

Tipos de Referencialidade	Em Relação ao Conjunto da Amostra				Em Relação ao Total da Amostra			
	Tu		Você		Tu		Você	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Determinada	192/192	100,00	75/85	88,23	192/277	69,31	75/277	27,08
Indeterminada	0/192	00,00	10/85	11,77	0/277	0,00	10/277	3,61
Totais Gerais	192/192	100,00	85/85	100,00	192/277	69,31	85/277	30,69

Fonte: Pesquisa de Campo.

A referencialidade, como se sabe, diz respeito ao âmbito do “com quem se fala” ou ao âmbito do “de quem ou de que se fala”, que, na perspectiva das gramáticas tradicionais, correspondem às 2ª e 3ª pessoas do discurso (no singular ou plural). No caso presente, buscou-se investigar as situações em que o emissor se utilizou das formas **tu** (2ª p.s) ou **você** (3ª p.s.) para se dirigir a um único indivíduo,

isto é, de modo determinado, ou quando as utilizou para se dirigir a mais de um indivíduo (geralmente um grupo de pessoas), isto é, de modo indeterminado.

De forma bem simples, o que se quer dizer é que, neste tópico, a pesquisa se volta para investigar as situações em que o falante se utiliza dos pronomes de tratamento **tu** e **você** em frases tais como “Se **você** pensa que pode comprar uma obra de Flaubert aqui, está enganado”, dirigindo-se a uma única pessoa ou, por exemplo, a mesma frase (seja utilizando o **tu**, seja o **você**), dirigindo-se a mais de uma pessoa, a um grupo de pessoas, a uma plateia, a uma sala de aula etc.

A codificação utilizada foi a seguinte: quando o falante usou as formas **tu** ou **você** para se dirigir a uma única pessoa, essa opção foi considerada um ato de elocução com referencialidade determinada; quando o falante utilizou as formas **tu** ou **você** para se dirigir a mais de uma pessoa, a um grupo de pessoas, essa opção foi considerada um ato de elocução com referencialidade indeterminada.

Visto isso, com base nos dados da tabela, o primeiro resultado significativo que se apresenta é que o pronome de tratamento **tu** se apresentou na totalidade de suas ocorrências (seja em relação ao conjunto da amostra ou ao total da amostra) com referencialidade do tipo determinada. A referencialidade determinada, entre os falantes ludovicenses, também se mostrou predominante no caso da forma **você**, ou seja, com 27,08%, para a determinada contra 3,61%, para o **você**. Todavia, no caso desta forma, foram registradas ocorrências de referencialidade indeterminada, 10 ocorrências (em termos absolutos), que corresponderam a 11,77%, se considerado o conjunto da amostra.

4.2 Das ocorrências no contexto das variáveis independentes externas

A partir deste ponto, passa-se à análise das ocorrências das formas **tu** e **você**, considerando as variáveis escolaridade, sexo, idade e classe social, que constituem tipos de variáveis externas. Em seguida, nesta mesma seção, será feita uma análise das situações de interlocução em que se deram as ocorrências que se mostraram mais significativas no contexto das variáveis sociais (independentes externas) e das variáveis independentes internas.

4.2.1 Das ocorrências segundo a escolaridade, a faixa etária, a classe social e o sexo dos falantes

Tabela 11 - Distribuição das ocorrências das formas **tu/você**, conforme a Escolaridade, entre os falantes ludovicenses

Nível de Escolaridade	Em Relação ao Conjunto da Amostra				Em Relação ao Total da Amostra			
	Tu		Você		Tu		Você	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Fundamental	72/192	37,50	26/85	30,58	72/277	26,00	26/277	9,38
Médio	71/192	36,98	13/85	15,30	71/277	25,63	13/277	4,70
Superior	49/192	25,52	46/85	54,12	49/277	17,68	46/277	16,61
Totais Gerais	192/192	100,00	85/85	100,00	192/277	69,31	85/277	30,69

Fonte: Pesquisa de Campo.

O resultado que, de imediato, torna-se relevante destacar nesta tabela é que predomina a tendência de pessoas dos diferentes níveis de escolaridade privilegiarem a forma **tu**. A partir do total da amostra, isso pode ser observado nos casos do nível fundamental (26,00% para o **tu** e 9,38% para o **você**), do nível médio (25,63% contra 4,70%) e, também, no caso do nível superior (17,68% contra 16,61%), mas com uma diferença, na prática, insignificante, isto é, irrelevante em termos de proporcionalidade.

Quando se considera o conjunto da amostra, observa-se que se mantém, para quase todos os casos, a predominância do pronome **tu**, com esses resultados se traduzindo, proporcionalmente, nos seguintes percentuais: nível fundamental (37,50% para o **tu** e 30,58%, para o **você**); nível médio (39,98% para o **tu**, contra 15,30% para o **você**). A exceção, no conjunto da amostra, se dá exatamente no nível superior, o que permite confirmar que, sem dúvida, já existe forte predominância da utilização da forma **você** por pessoas com esse nível (54,12%, para o **você** contra 25,52%, para o **tu**). Ou seja, os falantes ludovicenses com nível superior, proporcionalmente, privilegiam mais a utilização do pronome **você**.

Crê-se que tal resultado permite detectar que o pronome **tu** ainda predomina entre falantes de quase todos os níveis de escolaridade, mas que, no caso do pronome **você**, ele vem tendendo a ser mais utilizado pelas pessoas com maior escolaridade. De fato, como já destacado, pode ser que estas pessoas tenham entrado na escola utilizando **tu**, que sempre foi predominante em São Luís

(BAGNO, 2001), mas que à proporção que foram galgando níveis mais altos de escolaridade estejam passando a usar mais a forma **você**, que como já dito, pode estar sendo entendida como forma de maior prestígio e mais culta. Fenômenos desse tipo já foram destacados por diversos autores, a exemplo de Silva (2004) que considera que é comum que os falantes entrem na escola oscilando entre um grande e um pequeno uso da variante padrão e que, ao longo do processo de escolarização, o uso da variante não-padrão (normalmente a de menor prestígio) vá sendo substituído pela padrão ou, ainda, pela de maior prestígio ou mais utilizada e mais aceita pelo grupo. No caso de São Luís, conforme já dito, a forma que se firmou com de prestígio, historicamente, foi o **tu**, esta substituição (caso efetivamente esta variação venha a se consolidar como mudança) pode sinalizar que o **você** vem tendendo a ocupar este *status* na cidade.

Todavia, no caso dos falantes de São Luís, mesmo tendo em vista que possam existir fatores externos que venham pressionando por uma maior opção pelo uso da forma **você**, entre pessoas com nível mais alto de escolaridade, pode-se aventar a possibilidade de que esteja havendo uma variação, mas não que já esteja ocorrendo mudança, mesmo porque a tendência geral dos ludovicenses, como se viu, ainda é usar predominantemente o pronome **tu**, aspecto este que não pode deixar de ser considerado, levando-se em conta a herança linguística da cultura luso-açoriana, ou seja, do Português Europeu (PE), já anteriormente mencionada, que utilizava predominantemente este pronome nos seus atos de fala, algo presente, também, em outras regiões do país, tais como o Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Já no que concerne aos usos das formas **tu** e **você**, distribuídos conforme a faixa etária dos sujeitos da pesquisa, foram obtidos os seguintes resultados:

Tabela 12 - Distribuição das Ocorrências das formas *tu/você*, conforme a Faixa Etária, entre os falantes ludovicenses

Faixa Etária	Em Relação ao Conjunto da Amostra				Em Relação ao Total da Amostra			
	Tu		Você		Tu		Você	
	N	%	N	%	N	%	N	%
15 a 25 anos	62/192	32,29	14/85	16,47	62/277	22,38	14/277	5,05
26 a 55 anos	93/192	48,44	57/85	67,06	93/277	33,57	57/277	20,59
Acima de 55 anos	37/192	19,27	14/85	16,47	37/277	13,36	14/277	5,05
Totais Gerais	192/192	100,00	85/85	100,00	192/277	69,31	85/277	30,69

Fonte: Pesquisa de Campo.

Considerando-se três conjuntos de faixas etárias, os dois primeiros em espaços de dez em dez anos, partindo dos 15 até os 25 anos, dos 26 aos 55 anos e o terceiro compreendendo o grupo de falantes com idade acima de 55 anos, a atenção se voltou principalmente para as ocorrências entre os falantes mais jovens, pois, como se sabe, no contexto da sociolinguística variacionista, elas podem vir a ser um fator importante quando se pretende investigar se está ocorrendo ou não um processo de mudança nos usos da língua em determinada comunidade. A esse respeito, diz Monteiro (2000), comentando a análise da mudança em tempo aparente laboviana, que os falantes mais jovens podem apresentar uma tendência de maior uso da variação inovadora, tendência esta que, caso decresça entre os mais velhos, poderia indicar uma situação de mudança em progresso. É importante ressaltar que Labov (ano), em momento nenhum, afirma isto de forma categórica, mas apenas como mais aspecto, entre outros, que deve ser considerado.

A partir da tabela acima, pode-se constatar que a tendência que predomina é a de os falantes optarem, preferencialmente, pelo pronome **tu**. Isso pode ser observado, acentuadamente, a partir do total da amostra, nos casos da faixa entre 15 e 25 anos (22,38% para **tu** e 5,05%, para o **você**), na faixa dos 26 aos 55 anos (33,57% para o **tu** e 20,59%, para o **você**) e na faixa acima dos 55 anos (13,36% para o **tu** e 5,05%, para o **você**).

Resta ver se esta tendência se confirma para todos os casos, na análise do conjunto da amostra. Dessa forma, no conjunto da amostra, observa-se que a tendência geral se mantém apenas para as faixas etárias de 15 a 25 anos (com 32,29% e 16,47% para as formas **tu** e **você**, respectivamente) e de mais de 55 anos (com 19,27% para o **tu** contra 16,47%, para o **você**). Na faixa intermediária, isto é, dos 26 aos 55 anos, a tendência se modifica, permitindo observar que, em São Luís, as pessoas nesta faixa de idade, proporcionalmente, privilegiam mais a utilização do pronome **você** (67,06 para o **você**, contra 48,44%, para o **tu**)

Se, conforme Monteiro (2000), os mais jovens usam mais frequentemente variantes inovadoras (no caso desta pesquisa, o **você**), não deixa de chamar atenção o fato de que o único momento em que a forma **você** predomina significativamente sobre o **tu**, em toda a Tabela 12, seja na faixa entre os 26 e os 55 anos, no refinamento do conjunto da amostra, ou seja, entre pessoas jovens e, ao mesmo tempo, já maduras. Isto ainda que não indique mudança é um fato interessante, desde que analisado em relação a outros dados, que poderiam indicar

algum tipo de pressão do pronome **você** sobre a atual configuração de uso dos pronomes de tratamento em São Luís. Mas uma mudança desta natureza só poderia ser efetivamente constatada em outra pesquisa, daqui há mais alguns anos.. O certo é que, em relação à variável externa faixa etária, ainda se tem uma forte predominância do pronome **tu**, ou seja, a tendência predominante entre os ludovicenses é a de optar pelo uso do **tu**.

Afora isto, a concordar-se com o que propõe Labov, no primeiro volume de seu *Principles of Linguistic Change* (1994), em que ocorrem mudanças meramente de cunho de gradação etária, nas quais os indivíduos modificam seu padrão de uso da língua à proporção que se tornam mais velhos, essa mais acentuada opção pelo **você**, entre os falantes ludovicenses mais jovens (e menos entre os mais velhos) pode ser apenas uma variação estável, de modo que não esteja havendo nenhuma alteração na comunidade linguística ludovicense, pelo menos não de forma expressiva e categórica. Contudo, a quebra da tendência geral, no conjunto da amostra, com os falantes mais jovens e mais maduros utilizando bem mais a forma **você** não deixa de ser um dado a que se deva estar atento, pois poderia vir a se colocar como um indício, ainda pouco acentuado, subterrâneo, de deslocamento do pronome **você** no sentido de ocupar o espaço do pronome **tu** como forma predominante em São Luís, com o passar dos anos.

No que se refere à próxima variável independente externa a ser tratada, ou seja, a classe social, os critérios para a classificação dos sujeitos da pesquisa nas diferentes classes que compõem a sociedade ludovicense, como já referido, foram os mesmos usados pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA para o seu vestibular (Anexo 1). Dessa forma, como na presente pesquisa não se conseguiu fazer registros de uso dos pronomes **tu** e **você** com sujeitos considerados de classe alta, foram registradas, portanto, somente ocorrências nas classes baixa, média baixa, média e média alta, com os seguintes resultados:

Tabela 13 - Distribuição das Ocorrências das formas **tu/você**, de acordo com a Classe Social, entre os falantes ludovicenses

Classe Social	Em Relação ao Conjunto da Amostra				Em Relação ao Total da Amostra			
	Tu		Você		Tu		Você	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Média alta	17/192	8,85	15/85	17,65	17/277	6,14	15/277	5,42
Média	45/192	23,44	37/85	43,53	45/277	16,24	37/277	13,36
Média baixa	59/192	30,73	19/85	22,35	59/277	21,30	19/277	6,86
Baixa	71/192	36,98	14/85	16,47	71/277	25,63	14/277	5,05
Totais Gerais	192/192	100,00	85/85	100,00	192/277	69,31	85/277	30,69

Fonte: Pesquisa de Campo.

A partir dos resultados expostos na tabela acima, a tendência geral de predominância do pronome **tu** como principal opção de uso entre os falantes ludovicenses se mantém para todos os casos, como já se deu com outras variáveis. Portanto, a partir do total da amostra, pôde-se constatar essa tendência geral de predominância do pronome **tu** para todas as classes sociais: baixa (25,63% para o **tu** contra 5,05%, para o **você**), média baixa (21,30% contra 6,86%), média (16,24% contra 13,36%) e média alta (6,14% contra 5,42%). Neste primeiro momento da análise, o que de imediato se pode perceber é que as diferenças são bastante acentuadas a favor do **tu** nas classes baixa e média baixa. E, ainda, que as diferenças a favor do **tu** são bem menores, quase irrelevantes, no caso das classes média e média alta, o que pode ser um indicativo de quebra da tendência geral quando feito o refinamento da análise, obtido a partir do conjunto da amostra.

Assim, no conjunto da amostra, a tendência geral se mantém com o uso do **tu** prevalecendo em relação ao uso do **você** entre a classe baixa (36,98% para **tu** contra 16,47%, para o **você**) e a classe média baixa (30,73% para o **tu** contra 22,35%, para o **você**). Já entre as classes média e média alta, os números se traduzem em percentuais que demonstram que, proporcionalmente, os ludovicenses pertencentes a estas classes privilegiam mais a utilização do **você** que do **tu**. Visto isso, entre a classe média tem-se 45,53%, para o **você**, e 23,44% para o **tu** e, entre a classe média alta, tem-se 17,65%, para o **você**, e 8,85% para o pronome **tu**, o que configura, inclusive, em termos proporcionais, diferenças bastante acentuadas.

Sendo assim, a partir desses resultados, pode-se notar certa correlação entre a opção de uso dos pronomes de tratamento **tu** e **você** e as classes sociais.

Observa-se que o **tu** predomina fortemente entre as classes baixa e média baixa, no total da amostra, com acentuadas diferenças em relação ao pronome **você**, tendência esta que se mantém no conjunto da amostra. Por outro lado, na análise das classes média e média alta, no conjunto da amostra, a tendência geral se quebra. O percentual de pessoas da classe média alta que optam por utilizar o **você** é, na prática, igual ao das pessoas da classe baixa que também optam por utilizá-lo (16,47%, entre pessoas da classe baixa, e 17,65%, entre pessoas da classe média alta). Mas, se entre a classe baixa mantém-se a opção de privilegiar o **tu**, como tendência geral predominante, com 36,98% contra os 16,47% da forma **você**, entre a classe média alta, destaca-se a tendência das pessoas desta classe de privilegiar muito mais o **você** que o **tu**, com diferenças bastantes significativas (17,65% para o **você** contra 8,85% para o **tu**) o mesmo ocorre entre pessoas da classe média (43,53% para o **você** contra 23,44%, para o **tu**).

Logo, pelos resultados, pode-se afirmar que os falantes das classes baixa e média baixa da comunidade linguística ludovicense privilegiam o uso da forma **tu** e que a classe média e média alta privilegiam a forma **você**. Como, em geral, são as pessoas das classes alta, média alta e média que têm maior acesso aos bens culturais e chegam ao ensino superior, pode-se supor que as classes média e média alta ludovicenses tenham uma maior preferência de uso pela forma **você** que pela forma **tu** devido a essa condição, já que este resultado se correlaciona com os resultados obtidos na tabela 11, em que os percentuais mais altos de uso do pronome de tratamento **você** se dá exatamente entre as pessoas que possuem o nível superior e que, portanto, mantém maior contato com as influências que pressionam o uso dessa forma pronominal, conforme já referido anteriormente.

De fato, em artigo de 2003, Labov volta a reiterar que as mesmas variáveis que são usadas para distinguir mudanças estilísticas podem ser usadas para distinguir níveis sociais ou culturais, ocorrendo, no caso de sua pesquisa, acerca do uso da variável “th”, da língua inglesa, em Nova York, que quanto mais baixa a classe social maior o uso da variante não-padrão, a desprestigiada. No caso de São Luís, em que talvez esteja havendo uma pressão no sentido de atribuir ao pronome **você** o estatuto de variante prestigiada (enquanto marca de um tipo de *status* qualquer) e que vem de fora, que vem se impondo, através da mídia, através da vinda de pessoas com maior poder aquisitivo de outros centros do país, a mais utilizada pelas pessoas consideradas cultas em cidades vistas como mais

avanzadas, acredita-se que tais resultados podem ser interpretados, ainda que não categoricamente, nesta direção.

No que concerne à distribuição das ocorrências dos pronomes de tratamento **tu** e **você**, conforme o sexo dos falantes, foram obtidos os seguintes resultados.

Tabela 14 - Distribuição das Ocorrências das formas **tu/você**, entre os falantes ludovicenses, segundo o Sexo

Classe Social	Em Relação ao Conjunto da Amostra				Em Relação ao Total da Amostra			
	Tu		Você		Tu		Você	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Feminino	116/192	60,42	48/85	56,47	116/277	41,88	48/277	17,33
Masculino	76/192	39,58	37/85	43,53	76/277	27,43	37/277	13,36
Totais Gerais	192/192	100,00	85/85	100,00	192/277	69,31	85/277	30,69

Fonte: Pesquisa de Campo.

Como se pode observar, o resultado mais significativo, no que diz respeito à variável sexo, é que há uma tendência geral de privilegiar o uso de ambos os pronomes pelo sexo feminino, predominando em relação ao sexo masculino, em quase todos os casos, bem como com as pessoas deste sexo tendendo a utilizar mais o **tu** que o **você**, no total da amostra (41,88% para o pronome **tu** contra 17,33% para o pronome **você**). O sexo masculino também tende a utilizar mais o **tu** que o **você**, analisando-se o total da amostra, (27,43% para o **tu**, contra 13,36%, para o pronome **você**).

Essa tendência de utilização do pronome **tu**, como opção predominante, pelo sexo feminino se mantém, no conjunto da amostra, com 60,42% contra 56,47%, para o pronome **você**. A observação a ser feita é que o conjunto da amostra deixa notar que a diferença, proporcionalmente, na verdade não é tão acentuada, tão significativa, no que se refere à utilização do pronome **tu** pelo sexo feminino.

No caso do sexo masculino, na análise feita a partir do conjunto da amostra, a tendência geral de maior utilização do pronome **tu** pelo sexo masculino se altera, observando-se que, proporcionalmente, os ludovicenses do sexo masculino tendem a utilizar mais o **você** (43,53%) que o **tu** (39,58%). Também aqui se observa que a diferença dos percentuais não é significativa.

Assim, como o refinamento dos resultados obtidos, no conjunto da amostra, não demonstra uma diferença acentuada de utilização, pelo sexo feminino, do pronome **tu** (60,42%) em relação ao pronome **você** (56,47%), mantendo-se esta pequena predominância do primeiro, a variável sexo não aponta nenhum aspecto de maior relevância a considerar. Apenas a constatação de que as ludovicenses continuam fazendo maior uso (seja considerado o total da amostra, seja o conjunto da amostra) da forma de prestígio, que, no caso de São Luís, é o **tu**. Desta forma, como a variável inovadora, neste *locus*, é o **você**, não se pode considerar o que Labov (1972), com base em Gauchat, viria a afirmar, ou seja, que é muito mais frequente a ocorrência das formas inovadoras entre as mulheres do que entre os homens. Até mesmo porque Labov não é, de forma nenhuma, categórico ao afirmar esta tendência do sexo feminino. O que se constata, a partir a análise do conjunto da amostra, é que não há uma diferença acentuada de uso entre os dois pronomes em estudo, mantendo-se ainda, sem maiores implicações para análise, a tendência de um maior uso do **tu**, que historicamente sempre predominou e foi a variante de prestígio na cidade.

Quanto ao sexo masculino, não obstante no conjunto da amostra a tendência se inverter, passando a predominar o uso da forma **você**, as diferenças também são pouco significativas para que se possa afirmar qualquer coisa, em se tratando de uma variável (sexo) sobre a qual alguns dos mestres da Sociolinguística Variacionista, entre eles o próprio Labov, são muito reticentes.

Assim, após o refinamento propiciado pelo conjunto da amostra, o que os resultados mostram é, na verdade, um relativo equilíbrio dos usos, pois, seja quando se manteve a tendência geral de um maior uso do **tu** pelo sexo feminino que do **você**, ou quando a tendência geral se alterou, com o sexo masculino utilizando, proporcionalmente, mais o pronome **você** que o **tu**, as diferenças percentuais que se obtiveram não foram acentuadas, significativas. Logo, tendo em vista esta situação, que faz com que os resultados não apontem um maior uso pelo sexo feminino da forma inovadora, além de não se dever olvidar que o próprio Labov afirma que isto, caso ocorra, não pode ser tomado, absolutamente, como princípio geral, haja vista os resultados que ele mesmo apurou em sua pesquisa na ilha de Martha's Vineyard, onde os homens se encontravam à frente dos processos de mudança, no caso de São Luís, em suma, pode-se dizer que a análise da variável sexo, neste momento, não permite afirmar que esteja havendo qualquer tipo de

pressão no sentido de que o pronome **você** possa estar pressionando o sistema pronominal, entre os ludovicenses, ganhando o espaço do pronome **tu**.

4.2.2 Das situações de interlocução

Neste item, como será necessária uma análise mais detalhada, exigirá uma nova forma de tabular os dados, para que se possa cruzar quatro diferentes aspectos. Assim, a apresentação e análise das situações de interlocução considerarão, concomitantemente, quatro variáveis: escolaridade, faixa etária, contexto e posicionamento hierárquico. Ou seja, a partir de uma determinada variável independente interna, será feito o cruzamento com essas variáveis independentes externas.

A variável escolaridade segue o padrão já apresentado, considerando-se os níveis superior, médio e fundamental de ensino. A variável faixa etária também segue o padrão já apresentado, considerando-se as faixas de 15 a 25 anos, 26 a 55 anos e mais de 55 anos. Não serão apresentados dados da análise envolvendo a sexo, pois se apurou que as diferenças de percentuais detectadas não foram significativas, com o sistema pronominal, provavelmente, se encontrando em situação de equilíbrio no que tange a esta variável.

Já quanto aos contextos das situações de interlocução, estes foram divididos em três: totalmente informais (TI), relativamente informais (RI) e totalmente formais (TF). Foram considerados como ocorrências totalmente informais (TI) apenas aquelas que, indubitavelmente, aconteceram entre pessoas sem grandes diferenças hierárquicas (vizinhos, amigos, parentes, conhecidos) e em ambientes e situações que, via de regra, não exigissem nenhum tipo de convenção ou, porventura, implicassem algum tipo de atenção ou cuidado com a forma de se expressar.

Os contextos relativamente informais (RI) foram assim definidos quando as ocorrências se deram entre pessoas com algum tipo de diferença hierárquica entre si ou cujo diálogo envolvia algum tipo de interesse e que, portanto, tende a não se apresentar de forma realmente espontânea (são, basicamente, diálogos entre funcionários e clientes, líderes e comandados e professores e alunos). Foram considerados diálogos entre líderes e comandados todos os que se deram entre empregado e empregador, chefe e subordinado (já que nem sempre o chefe

imediatos é o empregador), coordenadores e membros de equipe e similares. Os diálogos entre professor e aluno, não obstante ser uma relação entre líder e comandado, foram considerados em legenda específica porque se entende que é uma relação muito própria, significativamente diferente das demais citadas.

Os contextos totalmente formais (TF) foram assim definidos estritamente em relação ao ambiente e à situação, ou seja, só foram considerados totalmente formais quando as elocuções ocorreram em locais e situações em que sempre, inevitavelmente, se impõe certo padrão no linguajar (devido às relações hierárquicas ou de poder) ou determinadas convenções de comportamento durante o diálogo. São casos de conversas entre líderes e comandados, como em casos de pedidos de emprego (de empregado para empregador e outros casos), em reuniões de trabalho entre chefes e subordinados, coordenadores e membros de suas equipes, diálogos entre responsáveis de alunos e diretores ou coordenadores pedagógicos ou, ainda, em diálogos entre professores e alunos, em que os primeiros tentam estabelecer a disciplina.

Quanto ao posicionamento hierárquico foram classificadas as seguintes categorias de sujeitos, no contexto das situações de interlocução: amigos, vizinhos (que nem sempre são suficientemente íntimos para serem classificados como amigos), conhecidos (quando, pelo contexto, sabia-se não havia vínculo de amizade mais próximo, principalmente em termos de proximidade e de tempo de convívio), desconhecidos (pessoas que estavam conversando pela primeira vez ou que não têm vínculos de amizade e apenas se vêm esporadicamente por alguma circunstância), líderes e comandados (já detalhado acima), professores e alunos, parentes, funcionários e clientes (aqui incluídos funcionários públicos e privados, vendedores, sejam eles parentes ou não etc.). Sempre que se entendeu útil, foram citadas as profissões dos falantes em interlocução, na análise do posicionamento hierárquico.

Por fim, tendo em vista que, para essa análise, só interessarão os resultados mais significativos, conforme extraídos da análise das variáveis independentes internas, não serão apresentados, sempre, todos os percentuais. Aqueles considerados irrelevantes não constarão, para que a análise fique mais sintética e se trate apenas de aspectos que porventura possam, de fato, ter alguma significação no padrão de uso dos pronomes de tratamento **tu** e **você** pelos ludovicenses. As tabelas sempre apresentarão, no título, a base de cálculo para os

percentuais, que é sempre a quantidade de elocuições (não se devendo confundir com número de pessoas) e os percentuais são apresentados sempre à direita da respectiva legenda.

4.2.2.1 Das situações em que os pronomes **tu** e **você** ocorreram na função sujeito

Tabela 15 - Ocorrências do pronome **tu**, funcionando como sujeito, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 187 ocorrências)

ESCOLARIDADE	%	F.ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	19,25	15 a 25	33,16	TI	75,00	Amigos	47,22
Médio	36,36	26 a 55	52,94	RI	16,67	líder/comandado	11,11
Fund.	44,39	mais 55	13,90	TF	8,33	funcionário/cliente	1,11

Fonte: Pesquisa de Campo.

Neste primeiro resultado apurado entre as variáveis independentes internas viu-se, anteriormente, que entre os falantes de São Luís há total dominância da função sujeito sobre a função complemento (Tabela 4), tanto quando utilizado o pronome **tu**, tanto quando utilizado o pronome **você**. Pela tabela acima, pode-se perceber que o maior número de ocorrências destes casos se deu entre pessoas com nível fundamental (44,44%), o que se explica pela própria predominância do pronome **tu** no total da amostra da pesquisa. Mas há um relativo equilíbrio em relação ao percentual para o nível médio (36,11%). Pode-se notar ainda que a faixa de idade dos falantes em que mais foi utilizado este tipo de construção sintática está entre os 26 e os 55 anos. O mais importante a destacar é que, apesar de predominar em contextos de total informalidade (75%), estas ocorrências também acontecem em contextos de total formalidade (TF), inclusive entre líderes e comandados.

Em contextos totalmente informais, tem-se exemplos como uma conversa na porta de casa entre vizinhos, a emissora, 53 anos, ensino fundamental, costureira: “*Umbora, lá tem gente que **tu** conhece*”. Ou numa conversa na praça, entre dois amigos, o primeiro (o emissor), atendente de locadora, com nível médio, 20 anos, e o outro (receptor), estudante, 16 anos: “***Tu**, Emmerson como estás?*”. Ou ainda, entre duas amigas, a primeira (a emissora), professora, nível superior, com 46 anos, e a segunda, recepcionista, 26 anos, nível médio: “*Eu entendi **tu** dizer mãe...*”

Em contextos mais formais, tem-se, por exemplo, a conversa entre uma senhora, 36 anos, faxineira, com nível fundamental (a emissora), com a secretária de uma igreja, 34 anos, ensino médio, encomendando uma missa: *“Pra **tu** colocar aí, pela saúde de Maria da Paixão”*. Ou na conversa entre um coletor de dados e um entrevistado, sendo a emissora a jovem entrevistada, de 26 anos, recepcionista, ensino médio: *“Pra que horas **tu** queres?”*. Ou, por fim, numa conversa entre líder e comandado, em que o assunto é um pedido de emprego, a emissora tendo 37 anos, doméstica, possuindo o ensino médio, e o receptor, empresário, com nível superior, 26 anos: *“**Tu** tem a vaga que eu pedi?”*.

No caso da forma **você**, como se poderá ver na tabela a seguir, esse padrão de uso dos pronomes funcionando como sujeito, tanto em situações formais quanto em informais, se mantém.

Tabela 16 - Ocorrências do pronome **você**, funcionando como sujeito, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 83 ocorrências)

ESCOLARIDADE	%	F.ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	45,00	15 a 25	35,00	TI	40,00	amigos	30,00
Médio	40,00	26 a 55	40,00	RI	55,00	funcionário/cliente	30,00
Fund.	15,00	mais 55	25,00	TF	5,00	professor/aluno	15,00
-	-	-	-	-	-	líder/comandado	10,00

Fonte: Pesquisa de Campo.

No caso do **você**, tem-se certo equilíbrio entre o percentual de ocorrências para nível superior (45%), que predomina, e para o nível médio (40,00%). A faixa etária dos falantes em que predomina esta forma continua sendo dos 26 aos 55 anos. No entanto, o contexto das interlocuções se modifica, com as ocorrências se dando em percentual significativo em situações de relativa informalidade (55,00%), que predomina, mas com pequena diferença percentual em relação à elocuições ocorridas em situações de total informalidade (40,00%). Ou seja, predomina o contexto relativamente informal, diferentemente do que acontece com a forma **tu**, na tabela anterior. As ocorrências em contextos totalmente formais apresentaram percentuais irrelevantes e não serão analisadas. Logo, tendo em vista tais resultados, as elocuições acontecem principalmente em diálogos entre líderes e comandados ou, ainda, entre amigos, funcionários e clientes e professores e alunos. Portanto, os exemplos típicos da ocorrência do pronome **você** funcionando como sujeito são os seguintes.

Em contextos relativamente informais (TI), os exemplos típicos desta ocorrência foram como na conversa entre líder e comandado, falando da grade de

aulas, sendo o comandado o emissor, professor, 57 anos, nível superior, e a receptora, a diretora da escola, nível superior, 50 anos: *“E tem esse outro que **você** não tem grade de nada”*. Ou no diálogo, também entre líder e comandado, sendo o emissor o líder, 25 anos, com nível superior, engenheiro, e o comandado, com nível médio, assistente técnico, 22 anos: *“**Você** sabe que o projeto tá errado?”*. Ou, ainda, num pedido de informações, no DETRAN de São Luís, o emissor com 21 anos, nível fundamental e profissão de montador: *“**Você** pode me dar uma informação.”*

Em contextos totalmente informais, tem-se a conversa entre dois clientes, numa banca de revista, o primeiro (o emissor), 59 anos, nível superior, engenheiro civil, comentando sobre Paulo Coelho: *“Aí ele falou de Paulo Coelho, que ele é um grande plagiador e **você** também falou aí...”*. A receptora, de 43 anos, nível superior, é uma escritora. Ou um diálogo entre amigos, falando sobre o São João, o primeiro (o emissor), 61 anos, nível médio, policial, o segundo, 59 anos, padreiro: *“Perdi a vontade, a violência é muita – **você** sabe como é...”*.

Em síntese, observou-se uma tendência em utilizar o pronome **você** em contextos menos informais, neste caso RI (relativamente informais), e crê-se que, de um modo geral, o uso das formas **tu** e **você**, funcionando como sujeito, está disseminado em todos os estratos da sociedade ludovicense, seja em situações de formalidade ou de informalidade ou entre falantes com diferentes posições hierárquicas, haja vista que o PB é uma língua em que, quase sempre, o sujeito expresso.

Crê-se, ainda, que foi possível perceber a alternância de tipos de concordância do pronome **tu**, na função sujeito, com o verbo, algo que, como se percebe, não pode ocorrer com o pronome **você**, uma vez que a própria estrutura morfossintática da língua no PB não permite essa alternância, pois morfema de terceira pessoa do singular é [ø]. Destes casos é que se passará a tratar a seguir.

4.2.2.2 Das situações em que o pronome **tu** ocorre, na função sujeito, concordando com o verbo apresentando a desinência –s (2ª p.s.) e das situações em que a concordância não apresenta a desinência –s (3ª p.s.)

Mesmo tendo sido poucas as ocorrências do pronome **tu**, na função sujeito, concordando com verbo na 2ª pessoa do singular, o que configura a concordância gramatical clássica (verbo com a desinência de número –s), optou-se por caracterizar as situações de interlocução em que aconteceram, pois, além de

acreditar-se que as mesmas possam ser entendidas como resquício da influência lusitana, em São Luís, no que tange à utilização do **tu** (conforme se analisa na Tabela 5), crê-se, ainda, que podem auxiliar, por oposição, no entendimento das ocorrências em que tal concordância não ocorreu.

Tabela 17 - Ocorrências do pronome **tu**, na função sujeito, concordando com verbo apresentando a desinência de número –s (2ª p.s.), entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 11 ocorrências)

ESCOLARIDADE	%	F.ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	63,64	15 a 25	18,18	TI	63,64	amigos	36,36
Médio	36,36	26 a 55	63,64	RI	36,36	parentes	27,27
Fundamental	-	mais 55	18,18	TF	-	líder/comandado	9,09
						funcionário/cliente	9,09

Fonte: Pesquisa de Campo.

Conforme a tabela acima, observa-se que as elocuções em que se apresentou este tipo de concordância foram feitas somente por pessoas com nível de ensino superior (63,64%) ou médio (36,36%), a maioria com idades entre os 26 e os 55 anos, quase sempre em contextos de total informalidade, entre amigos e parentes.

Os exemplos típicos desta ocorrência, na sua maioria, foram como a conversa de duas amigas, professoras, ambas com nível superior, a emissora com 50 anos e a receptora com 29: “*Sete horas eu te ligo pra saber onde **tu estás**, tá?*”. Ou, numa outra conversa, entre duas amigas, a primeira (a emissora), com nível superior, professora, 42 anos, e a segunda, também com nível superior, escritora, com 43 anos: “***Tu vais** pra onde depois daqui?*”. Em ambos os casos os interlocutores pertencem à classe média alta.

Mas tais ocorrências aconteceram também, como se disse, entre pessoas possuidoras de nível médio, da classe média baixa, como nesta conversa entre dois amigos, em situação relativamente informal (ambiente de trabalho), a receptora com 26 anos: “***Tu vens** pegar a ficha às onze horas.*”. É importante acrescentar que a profissão mais comum entre falantes que se utilizaram deste tipo de concordância foi a de professor, com 45,45% das ocorrências.

Assim, considerando-se estes contextos, é significativo que não haja ocorrências deste tipo de concordância, considerado padrão pelas gramáticas, entre pessoas com nível fundamental de ensino, havendo predominância de pessoas com

nível superior. Isso poderia levar a crer que este seja um fator determinante para tal padrão de uso, entre os falantes ludovicenses. Todavia, como se verá na próxima tabela, não é isso o que ocorre.

Tabela 18 - Ocorrências do pronome **tu**, na função sujeito, com verbo sem a presença da desinência de número –s, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 176 ocorrências)

ESCOLARIDADE	%	F.ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	16,48	15 a 25	32,35	TI	79,41	amigos	61,77
Médio	36,36	26 a 55	52,94	RI	14,71	funcionários/clientes	11,77
Fundamental	47,16	mais 55	14,71	TF	5,88	vizinhos	8,82

Fonte: Pesquisa de Campo.

Como já referido na Tabela 4, é predominante a concordância divergente da Gramática tradicional para o pronome **tu**, na função sujeito, com verbo sem a desinência -s, configurando a concordância típica da 3ª pessoa do singular (CUNHA, 1982), entre os falantes maranhenses (91,67% das ocorrências se referiram a este caso, no conjunto da amostra do pronome **tu**, conforme se viu). Quanto às situações de interlocução, pode-se constatar que a predominância das ocorrências deste tipo divergente de concordância aconteceu entre pessoas com nível fundamental (47,16%). No entanto, o percentual de 16,48% desta concordância divergente para o nível superior corresponde a 29 elocuições, tendo-se, então, com isso mais que o triplo das elocuições da concordância clássica, feitas por pessoas com superior, cujo percentual, 63,64%, (Tabela 17) corresponde a apenas 7 elocuições.

Além disso, tanto a concordância clássica quanto a divergente foram utilizadas, predominantemente, em contextos de total informalidade, tudo isso revelando um padrão bem diversificado de padrões clássicos de uso preconizados pela gramática tradicional.

Logo, opondo os resultados desta tabela aos da anterior, pode-se afirmar que, entre os falantes ludovicenses, a forma **tu** se mantém presente, mesmo entre pessoas de nível superior, seja utilizando a concordância típica da 2ª pessoa do singular (caso da tabela 17), seja utilizando a concordância sem desinência de número –s, usada para os pronomes **você**, ele, ela, que predominaram.

Portanto, pelo panorama aqui exposto, pode-se aceitar que, provavelmente, a comunidade linguística ludovicense está sob influência externa e com seu sistema pronominal começando a ficar sob pressão entre o uso do **tu** e do

você, mesmo que ainda sob forte predominância da forma **tu**. É importante ainda ressaltar que tal tipo de concordância mesmo tendo ocorrido, quase sempre, em situações de total informalidade (79,41%), elas também aconteceram em contextos mais formais, em que os interlocutores eram funcionários e clientes ou líderes e comandados.

Por outro lado, se na tabela 17 predominaram, entre as ocorrências, elocuições de professores, no caso deste tipo divergente de concordância do pronome **tu**, ainda que estejam presentes elocuições de docentes e de vários outros profissionais de nível superior, este grupo de ocorrências, pela sua própria amplitude (176 casos), é bem mais diversificado, constando de elocuições de diversas modalidades de profissionais, tais como cozinheira, domésticas, policial civil, porteiro, costureira, atendente administrativo, músico ambulante, atendente de *lan house*, recepcionista de locadora, estudantes, manicure etc.

Enfim, no que diz respeito ao contexto geral da concordância do pronome **tu** com o verbo, fica claro que, entre os falantes ludovicenses, a esmagadora maioria se utiliza da concordância com o verbo sem a presença da desinência de número –s (divergindo da concordância clássica preconizada pelas gramáticas), mas que, proporcionalmente, este tipo de concordância não ocorre apenas entre pessoas com menor grau de escolaridade, e sim em todos os estratos da população, sendo utilizada tanto em situações de total informalidade quanto de relativa informalidade.

Assim, puderam-se presenciar diálogos como o da avó, aposentada, 63 anos, perguntando a um amigo de sua neta: “**Tu** vai acordar ela?” Ou na conversa informal, numa fila de votação, entre duas amigas, ambas professoras, com nível superior, a emissora com 42 anos, a receptora, com 50: “**Tu** não mora mais aqui?”. Ou, ainda, num contexto mais formal, o diálogo entre a diretora da escola (a emissora), nível superior, 48 anos, e o porteiro, nível fundamental, 23 anos, acerca de ele, nos últimos tempos, estar sempre doente: “**Tu** tem que procurar um médico, sabia?”

Então, feita essa análise, pode-se passar à contextualização de outro significativo aspecto morfosintático apurado na pesquisa: a correspondência entre os pronomes **tu** e **você** com os pronomes complemento possessivos (teu, tua, seu, sua), que se apresenta no item a seguir.

4.2.2.3 Das situações de correspondência dos pronomes **tu** e **você** com os pronomes complemento possessivos teu/tua e seu/sua

Conforme referido na tabela 5, chamou atenção o fato de que, mesmo ocorrendo poucas situações gravadas durante a pesquisa que envolveram os pronomes **tu** e **você** em correspondência com pronomes complemento possessivos, todas as ocorrências foram, integralmente, simétricas para ambas as formas, ou seja, o **tu** sempre em correspondência com as formas “teu” e “tua”, e o **você** sempre em correspondência com as formas “seu” e “sua”. Observe-se, agora, uma visão das situações de ocorrência destes casos.

Tabela 19 - Ocorrências do pronome **tu**, em correspondência com pronomes complemento possessivos, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 5 ocorrências)

ESCOLARIDADE	%	F.ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	80,00	15 a 25	20,00	TI	40,00	amigos	40,00
Médio	20,00	26 a 55	40,00	RI	40,00	funcionários/clientes	40,00
Fundamental	20,00	mais de 55	40,00	TF	20,00	líder/comandado	20,00

Fonte: Pesquisa de Campo.

Tabela 20 - Ocorrências do pronome **você**, em correspondência com os pronomes complemento possessivos, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 4 ocorrências)

ESCOLARIDADE	%	F.ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	80,00	15 a 25	20,00	TI	40,00	Amigos	40,00
Médio	-	26 a 55	40,00	RI	40,00	funcionários/clientes	40,00
Fundamental	20,00	mais de 55	40,00	TF	20,00	s líder/comandado	20,00

Fonte: Pesquisa de Campo.

O que se pode perceber, a partir das duas tabelas acima, é que há uma predominância de ocorrências envolvendo o nível superior para ambos os pronomes, mas que, nas únicas que ocorreram envolvendo pessoas com nível fundamental ou com nível médio, a simetria foi mantida, seja para o pronome **tu**, seja para o pronome **você**. No que tange às ocorrências quanto à faixa etária, ocorre um equilíbrio entre a faixa entre 26 e 55 anos e a de mais de 55 anos, no caso do pronome **tu**, o mesmo ocorrendo com o pronome **você**. No que refere ao contexto, percebe-se que, para ambos os pronomes, as ocorrências se deram, na sua maioria, em contextos de total informalidade (40%) ou de relativa informalidade (40%), ou seja, entre amigos e entre funcionários e clientes, respectivamente.

Todavia, as únicas ocorrências que se deram em contextos de total formalidade também apresentaram a mesma simetria.

Logo, diferentemente da situação de assimetria apurada por Herênio (2006), na cidade maranhense de Imperatriz, conforme visto anteriormente, os dados apurados na presente pesquisa indicam uma tendência de simetria na correspondência entre os pronomes **tu** e **você** e os pronomes complemento possessivos, gerando sempre os pares **tu**/teu (ou tua) e **você**/seu (ou sua), conforme a Tabela 5, e, além disso, no que diz respeito ao contexto, com os casos ocorrendo de modo significativo praticamente entre pessoas de todos os níveis de ensino, de todas as faixas etárias (com predominância das faixas entre 25 e 55 anos e de mais de 55 anos) e nos mais diversos contextos, sejam eles informais ou formais, entre pessoas em diferentes situações hierárquicas, isto é, entre amigos, entre clientes e funcionários ou entre líderes e comandados.

São ocorrências como na conversa entre o regente e a cantora do coral, o primeiro sendo o emissor, 36 anos, nível superior, e a receptora, 33 anos, também com nível superior: *“E o que **tu** vai fazer em Teresina? Eu pago **tua** passagem...”*. Ou como na conversa, na sala da diretoria de uma escola, entre a pedagoga (emissora), nível superior, 38 anos, e a mãe de um aluno, 34 anos, lavadeira, nível fundamental, sobre o comportamento do filho desta mãe: *“Se **tu** e **teu** marido não pararem de brigar, aí sim”*. Ou, no caso do pronome **você**, na conversa entre vizinhos, a emissora com nível fundamental, 53 anos, costureira, na porta de um comércio se dirigindo a um dos vizinhos que ali se achava: *“Se **você** quiser **você** já pega o **seu** tecido pra levar pra fazer **sua** farda”*. Este exemplo, inclusive, a nosso ver, é ilustrativo, demonstrando que a simetria acontece, com naturalidade, mesmo entre pessoas com menor nível de escolaridade, e não só entre pessoas com nível de ensino mais alto, como acontece na conversa entre a diretora de uma escola (a emissora), numa reunião de trabalho, e o professor, este com 32 anos, nível superior, e ela, também com nível superior, 50 anos: *“Eu coloco isso em **suas** mãos pra **você** fazer aí”*.

Tais casos, conforme já dito, pediriam uma pesquisa específica, detalhando-os (o que não é o caso do presente estudo) com uma amostra mais significativa. Contudo, deixa-se aqui a ideia para outros estudiosos, como uma tentativa de contribuição ao assunto. Passa-se agora a fazer a contextualização das

ocorrências mais significativas envolvendo os pronomes **tu** e **você** em sua articulação com os tempos verbais.

4.2.2.4 Das situações em que os pronomes **tu** e **você** foram utilizados com verbo no presente do indicativo

Tabela 21 - Ocorrências do pronome **tu** utilizado com verbo no presente do indicativo, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 112 ocorrências)

ESCOLARIDADE	%	F. ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	8,00	15 a 25	32,00	TI	76,00	amigos	60,00
Médio	48,00	26 a 55	60,00	RI	20,00	líder/comandado	16,00
Fundamental	44,00	mais de 55	8,00	TF	4,00	-	-

Fonte: Pesquisa de Campo.

Pela tabela, no que diz respeito à utilização do pronome **tu**, constata-se certo equilíbrio de elocuções feitas por pessoas com nível médio (48,00%) e com nível fundamental (44,00%). Com relação à faixa etária, mantém-se a predominância mais comum durante toda a pesquisa, ou seja, as elocuções foram feitas, principalmente, por pessoas com idades entre 26 e 55 anos (60,00%). Quanto ao contexto, a grande maioria das elocuções foi feita em situações totalmente informais (76,00%), predominantemente entre amigos (60,00%). Daí os diálogos mais comuns deste tipo de ocorrência serem como a conversa entre o policial (emissor), nível médio, 36 anos, e um pintor, nível fundamental, também 36 anos: *“Tu sabe onde é o correio”*. Ou a conversa informal entre as duas amigas, ambas com nível superior, a primeira (a emissora), professora, 45 anos, e a segunda, também professora, 50 anos: *“Quem é que tu tá esperando?”*.

Tabela 22 - Ocorrências do pronome **você** utilizado com verbo no presente do indicativo (Base de cálculo: 44 ocorrências)

ESCOLARIDADE	%	F. ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	50,00	15 a 25	18,18	TI	36,36	professor/aluno	27,27
Médio	22,73	26 a 55	63,64	RI	54,54	funcionário/cliente	18,18
Fundamental	27,27	mais de 55	18,18	TF	9,10	amigos	18,18
-	-	-	-	-	-	líder/comandado	13,63

Fonte: Pesquisa de Campo.

No caso do pronome **você**, no que se refere à escolaridade, ocorre forte predominância de elocuções realizadas por pessoas de nível superior (50,00%), ou seja, não ocorrendo o equilíbrio detectado no caso do pronome **tu**. No caso da faixa

etária, como ocorreu com a forma **tu**, no caso da forma **você**, também há predominância de ocorrências na faixa entre os 26 e 55 anos. Quanto ao contexto, a mudança é bastante significativa, pois a maioria das elocuições ocorreu em contextos de relativa informalidade (54,54%), predominantemente entre professores e alunos (27,27%) e funcionários e clientes (18,18%). Logo, os exemplos mais característicos destas ocorrências são como na conversa entre líder e comandado, em reunião de trabalho, a emissora, diretora, nível superior, 50 anos: “**Você vem de onde?**”. Ou entre o professor e sua aluna, na sala, antes de começar a aula, ambos com nível superior, ambos professores, ele (o emissor), com 45 anos, ela com 39: “**Você mora aqui?**”

Em síntese, no que se refere à escolaridade, a maioria das elocuições do pronome **tu** com verbo no presente do indicativo foi feita por pessoas com nível médio, ocorrendo, porém, que a diferença de percentual em relação ao seu uso por pessoas com nível fundamental é muito pequena, constatando-se, portanto, na prática, uma situação de equilíbrio entre estes dois níveis, no uso da forma **tu**, com este tempo verbal, e seu menor uso por pessoas com nível superior. No caso da forma **você**, observou-se acentuada predominância de uso deste tempo verbal entre pessoas com nível superior.

No que tange à faixa etária, para ambos os pronomes predominaram elocuições feitas por pessoas com idades entre 26 e 55 anos. No que diz respeito ao contexto, houve significativa diferença. No caso do pronome **tu**, as elocuições na maioria aconteceram em contextos de total informalidade, principalmente entre amigos. No caso do pronome **você**, a predominância ocorreu em contextos de relativa informalidade, acontecendo, em geral, entre professores e alunos e entre funcionários e clientes. Em seguida, passa-se a analisar as ocorrências dos pronomes em cotejo quando utilizados com verbos no pretérito perfeito.

Tabela 23 - Ocorrências do pronome **tu** utilizado com verbo no pretérito perfeito, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 28 ocorrências)

ESCOLARIDADE	%	F. ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	14,28	15 a 25	17,86	TI	82,14	Amigos	53,57
Médio	67,86	26 a 55	71,43	RI	17,86	Vizinhos	21,43
Fund.	17,86	mais de 55	10,71	TF	-	Parentes	17,86

Fonte: Pesquisa de Campo.

Como se vê na tabela acima, as elocuições do pronome **tu** com verbo no tempo pretérito perfeito se mostram com resultados muito semelhantes aos que foram apurados para este pronome com verbo no presente do indicativo. Ou seja, com exceção de uma predominância acentuada de elocuições efetuadas por pessoas com nível médio (67,86%), enquanto que no caso do indicativo, como se viu, havia certo equilíbrio entre os níveis superior e médio, os demais resultados se assemelham. No uso do pronome **tu** com verbo no pretérito perfeito, também as elocuições foram feitas, na sua maioria, por pessoas com faixa etária entre 26 e 55 anos (71,43%), em contextos de total informalidade (82,14%), ocorrendo normalmente em conversas entre amigos (53,57%), vizinhos (21,43%) ou parentes (17,86%). Logo, são conversas como a em que dois amigos, ambos com nível médio, o primeiro (o emissor), vigia, 38 anos, e o segundo, montador, 43 anos, falam sobre um casamento: “*Pra quando **tu** marcou o casamento?*”. Ou entre uma mãe e um filho, ela (a emissora), com 36 anos, representante comercial, nível médio, e o filho, estudante, 16 anos: “***Tu** procurou se ela queria vender o computador?*”

Quanto ao caso do pronome **você**, utilizado com verbo no pretérito perfeito, as ocorrências foram poucas, mas optou-se por analisá-las, conforme exposto na tabela abaixo:

Tabela 24 - Ocorrências do pronome **você** utilizado com verbo no pretérito perfeito, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 09 ocorrências)

ESCOLARIDADE	%	F.ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	66,67	15 a 25	11,11	TI	22,22	funcionário/cliente	33,33
Médio	33,33	26 a 55	22,22	RI	66,67	líderes/comandados	22,22
Fundamental	-	mais de 55	66,67	TF	11,11	Amigos	22,22

Fonte: Pesquisa de Campo.

Nesta tabela, observa-se que há uma ampla predominância de elocuições feitas por pessoas com nível superior (66,67%) e com isso, mesmo sendo poucas as ocorrências, volta a se apresentar a tendência de a forma **você** ser um pouco mais utilizada pelas pessoas com nível superior, conforme já visto e analisado em outras tabelas. Houve também uma significativa maioria de elocuições feitas por pessoas com idades superiores a 55 anos (66,67%), elocuições estas que se deram, principalmente, em contextos relativamente informais (66,67%) e mesmo em contextos totalmente formais (11,11%), diferindo, também, do que aconteceu no caso do pronome **tu**. Desse modo, tais elocuições se deram, sobretudo, entre,

funcionários e clientes (33,33%), líderes e comandados (22,22%) e, em contextos mais informais, entre amigos (22,22%). Portanto, são diálogos como o que ocorre entre chefe e subordinada, em reunião de trabalho, a chefe (a emissora), diretora da escola, nível superior, 50 anos, e a subordinada, também professora e com nível superior, 32 anos: **“Você ligou para Viana?”**. Ou no diálogo entre a funcionária do DETRAN de São Luís, 39, anos, nível médio e um cliente: **“Você já deu entrada?”**.

4.2.2.5 Das situações em que os pronomes **tu** e **você** foram utilizados com verbo no futuro do presente

Tabela 25 – Ocorrências do pronome **tu** utilizado com verbo no futuro do presente, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 26 ocorrências)

ESCOLARIDADE	%	F.ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	30,76	15 a 25	29,92	TI	80,77	Amigos	65,39
Médio	34,62	26 a 55	26,92	RI	15,39	Parentes	15,39
Fundamental	34,62	mais de 55	46,16	TF	3,84	funcionário/cliente	11,54

Fonte: Pesquisa de Campo.

No caso futuro do presente, constatou-se equilíbrio da utilização do pronome **tu** por pessoas com nível fundamental (34,62%), médio (34,62%) e superior (30,76%). Em relação à faixa etária, a maioria das elocuições aconteceu entre pessoas com mais de 55 anos (46,16%). Os contextos em que aconteceram essas elocuições foram, na maioria, de total informalidade (80,77%), ou seja, predominantemente conversas entre amigos (65,39%) e parentes (15,39%). São diálogos como entre um amigo, nível superior, 36 anos, que é o emissor, tratando de uma viagem com sua amiga, 33 anos, também universitária: **“Tu vai marcar a data?”**. Ou entre duas amigas, uma dona de casa (a emissora), 76 anos, ensino médio, e sua amiga, manicure, 45 anos, também ensino médio: **“Tu vai sair?”**. Ou, ainda, a conversa entre a aposentada, 63 anos, nível fundamental e um conhecido, amigo de seu neto, 20 anos, estudante: **“Tu vai passar o carnaval aqui?”**.

Tabela 26 - Ocorrências do pronome **você** utilizado com verbo no futuro do presente, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 15 ocorrências)

ESCOARIDADE	%	F. ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	53,34	15 a 25	6,67	TI	33,33	professor/aluno	33,33
Médio	13,33	26 a 55	66,67	RI	60,00	Amigos	26,66
Fundamental	33,33	mais de 55	26,66	TF	6,67	funcionário/cliente	20,00
-	-	-	-	-	-	líder/comandado	16,67

Fonte: Pesquisa de Campo.

Quanto às elocuições em que o pronome **você** foi utilizado com verbo no futuro do presente, houve predominância entre pessoas com nível superior (53,34%), no que concerne à escolaridade. No que diz respeito à faixa etária, a grande maioria das elocuições aconteceu entre pessoas com idades entre 26 e 55 anos. Quanto ao contexto, apesar de acontecerem elocuições em contextos de total informalidade (33,33%), a grande maioria ocorreu em situações de relativa informalidade (60,00), normalmente diálogos entre professores e alunos (33,33%), funcionários e clientes (20,00%). Houve ainda ocorrências em situações de total formalidade (6,67%) e entre líderes e comandados (16,67%).

Portanto, em resumo, no que se refere à escolaridade, no caso das elocuições dos pronomes **tu** e **você** com verbo no futuro do presente, constatou-se que, na prática, há equilíbrio de uso por pessoas com nível fundamental, médio e superior, no caso do pronome **tu**; enquanto no caso do pronome **você** há predominância de uso por pessoas com nível superior. Com relação à faixa etária, no caso da utilização do pronome **tu**, as elocuições se deram, na maioria, entre pessoas com mais de 55 anos, enquanto que, no caso do pronome **você**, a maioria das elocuições aconteceu entre pessoas com 26 e 55 anos. No que tange ao contexto, enquanto a forma **tu** foi utilizada, predominantemente, em situações de total informalidade por amigos e parentes, o pronome **você**, por seu lado, ocorreu, na maioria, em situações de relativa informalidade, entre professores e alunos, funcionários e clientes.

4.2.2.6 Das situações em que os pronomes **tu** e **você** são utilizados com verbo nos modos indicativo e subjuntivo

No que diz respeito às ocorrências dos pronomes **tu** e **você** usados com verbo nos modos indicativo e subjuntivo, constatou-se uma ampla predominância, para ambos os pronomes, do uso no indicativo (conforme visto na tabela 7). Observem-se, agora, as situações de interlocução desta e, também, das ocorrências no modo subjuntivo.

Tabela 27 - Ocorrências do pronome **tu** utilizado com verbo no modo indicativo, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 162 ocorrências)

ESCOLARIDADE	%	F. ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	19,45	15 a 25	30,64	TI	72,22	Amigos	50,00
Médio	33,33	26 a 55	52,47	RI	22,22	Parentes	40,00
Fundamental	47,22	mais de 55	16,89	TF	5,56	líder/comandado	11,11
-	-	-	-	-	-	funcionário/cliente	11,11

Fonte: Pesquisa de Campo.

Tabela 28 - Ocorrências do pronome **você**, utilizado com verbo no modo indicativo, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 63 ocorrências)

ESCOLARIDADE	%	F.ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	43,33	15 a 25	20,00	TI	43,33	funcionário/cliente	33,33
Médio	36,67	26 a 55	26,67	RI	46,67	Amigos	26,67
Fundamental	20,00	mais de 55	53,33	TF	10,00	líder/comandado	13,33
-	-	-	-	-	-	Desconhecidos	13,33

Fonte: Pesquisa de Campo.

Pelas tabelas 27 e 28, pode-se constatar que, no caso da forma **tu**, as ocorrências se deram em maior percentagem entre pessoas com nível fundamental, 47,22%, e, no caso da forma **você**, entre pessoas com nível superior, 43,33%. No que se refere à faixa etária, ocorre uma diferença. As ocorrências do pronome **tu** aconteceram predominantemente na faixa entre os 26 e 55 anos (52,47%), enquanto as ocorrências do pronome **você** se deram, na sua maioria, na faixa das pessoas mais velhas, ou seja, com idades acima de 55 anos, correspondendo a um percentual de 53,33%.

Quanto ao contexto, no caso do pronome **tu**, a maioria das elocuições ocorreu, predominantemente, em situações de total informalidade (72,22%), normalmente entre amigos (50,00%) e parentes (40,00%). Já no caso do pronome **você**, o quadro se modifica um pouco, havendo certo equilíbrio das ocorrências em contextos totalmente informais e relativamente informais, com leve vantagem para este último (46,67%), contra 43,33% do primeiro. Logo, as elocuições do pronome **você** com verbo no modo indicativo ocorreram significativamente entre amigos (26,67%), mas, igualmente (inclusive com percentuais um pouco mais altos), entre funcionários e clientes (33,33%), ou, num percentual menor, entre líderes e comandados (13,33%), o que implica dizer em situações menos informais.

Assim, exemplo típico da ocorrência do pronome **tu** com verbo no modo indicativo é como acontece na conversa, em contexto totalmente informal, entre o mecânico, nível fundamental, 19 anos, e sua amiga, nível médio: **“Tu foi lá?**

Perguntou o negócio pra mulher, lá? Neste caso, pode-se perceber, novamente, a ocorrência da concordância divergindo da considerada padrão. Já os exemplos típicos das ocorrências da forma **você** com verbo no modo indicativo foram como no diálogo entre um enfermeiro (o emissor), 58 anos, nível superior, e uma médica, nível superior, 56 anos, comentando sobre um paciente, no seu ambiente de trabalho: *“Como **você** se virou com aquele louco?”*. Ou, ainda, num contexto relativamente informal, o pedido de informação de uma bibliotecária, nível superior, 23 anos (a emissora), feito a uma funcionária do DETRAN de São Luís, a receptora, possuindo nível médio e tendo 26 anos: *“**Você** poderia me informar onde eu pago a taxa de renovação do meu carro?”* Ou, por último, num contexto totalmente informal, um estudante do ensino médio, conversando com um grupo de amigos: *“Aí ela se virou e disse assim: **Você** pensa o que?”*

Em síntese, acerca das situações de interlocução em que foram utilizados os pronomes, tem-se forte predominância de elocuições do pronome **tu** utilizado no modo indicativo por pessoas com nível fundamental, e, em seguida, por pessoas com nível médio e, no caso do pronome **você** predominância de elocuições feitas por pessoas com nível superior. Quanto à faixa etária dos falantes, as elocuições com a forma **você** aconteceram em maior percentagem na faixa de pessoas com mais idade (acima de 55 anos), enquanto as elocuições com a forma **tu** se deram mais na faixa de idade entre os 26 e os 55 anos. O pronome **tu** ocorreu predominantemente em contextos de total informalidade, entre amigos e parentes, enquanto a forma **você** aparece com leve predominância em contextos relativamente informais, acontecendo significativamente seja entre funcionários e clientes quanto entre amigos (situações totalmente informais).

Logo, pelo exposto, crê-se que se pode inferir que os falantes ludovicenses dão preferência pela forma **tu** em situações menos formais, e pela forma **você**, em situações um pouco mais formais, o que pode ser até corroborado pelo fato de as ocorrências da forma **você** terem acontecido com percentuais significativamente maiores na faixa de idade das pessoas mais velhas, que, em geral, tendem a fazer uso da língua de modo menos inovador, mais convencional.

Já quanto às ocorrências dos pronomes **tu** e **você** no modo subjuntivo, tem-se o seguinte *corpus* de análise das suas situações de interlocução:

Tabela 29 - Ocorrências do pronome **tu**, utilizado com verbo no modo subjuntivo, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 15 ocorrências)

ESCOLARIDADE	%	F.ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	40,00	15 a 25	26,67	TI	66,67	Amigos	60,00
Médio	33,33	26 a 55	33,33	RI	26,67	líder/comandado	20,00
Fundamental	26,67	mais de 55	40,00	TF	6,66	funcionário/cliente	13,34

Fonte: Pesquisa de Campo.

Tabela 30 - Ocorrências do pronome **você**, utilizado com verbo no modo subjuntivo, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 08 ocorrências)

ESCOLARIDADE	%	F.ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	75,00	15 a 25	0,00	TI	62,50	Amigos	37,50
Médio	12,50	26 a 55	62,50	RI	37,50	professor/aluno	37,50
Fundamental	12,50	mais de 55	37,50	TF	00,00	-	-

Fonte: Pesquisa de Campo.

Como se pode observar nas tabelas acima, novamente as elocuções foram principalmente de pessoas com nível superior. No caso do pronome **você**, constata-se uma significativa predominância de uso neste nível, com um percentual da ordem de 75%. Porém, no caso do pronome **tu**, a relação é mais equilibrada, pois o nível superior apresenta percentual de 40,00%, não tão distante assim dos percentuais do nível médio 33,33% e do nível fundamental 26,67%.

No que diz respeito à faixa etária, enquanto as ocorrências para o pronome **você** aconteceram num percentual significativamente mais alto entre pessoas com 26 a 55 anos (62,50%), no caso do pronome **tu**, houve apenas leve predominância da faixa etária das pessoas com mais de 55 anos (40,00%), logo, ocorrendo certo equilíbrio em relação às outras duas faixas de idade, 15 a 25 e 26 a 55 anos, com percentuais de 26,67% e 33,33%, respectivamente. Acerca das situações de interlocução, as ocorrências, para ambos os pronomes, se deram predominantemente em contextos totalmente informais, 66,67%, no caso da forma **tu**, e 62,50%, no caso da forma **você**. São, sobretudo, conversas entre amigos. Todavia, observa-se que, no caso do pronome **você**, o percentual para as situações relativamente informais (37,50%) é um pouco maior que no caso do pronome **tu** (26,67%), quase sempre diálogos entre professores e alunos, numa diferença de quase dez pontos percentuais.

Logo, apresenta-se aqui, de novo, um caráter mais formal de uso do pronome **você**, entre os falantes ludovicenses. Pois mesmo que se considere que a

única elocução que se deu em situação totalmente formal ocorreu com utilização da forma **tu**, este ainda é um número irrelevante e apenas demonstra que o uso do pronome **tu** de fato está disseminado fortemente entre os falantes ludovicenses, seja em termos de idade, faixa etária ou contexto de interlocução.

Assim, em resumo, os exemplos típicos da ocorrência do pronome **tu** com verbo no modo subjuntivo são como no caso da conversa entre um músico (o emissor), nível superior, 36 anos, com sua amiga, 33 anos, gerente de uma empresa, nível superior, trocando ideia sobre a necessidade de ela pedir folga no trabalho, para poder viajar: *“Se **tu** faltasse sempre ele ia ficar com o pé atrás”*. Ou num diálogo entre líder e comandada, coordenadora e tesoureira de um grupo de igreja, a coordenadora (emissora), de 21 anos, nível médio, e a tesoureira, 20 anos, também nível médio: *“Espero que **tu** tenha o suficiente pra passar”*.

Já no caso do pronome **você**, o exemplo típico de ocorrência é como o diálogo na sala de aula entre um professor, 44 anos, nível superior e seus alunos, também de nível superior: *“Se **você** não perceber que esse texto é todo penumbrista...”*. Ou, ainda, na conversa entre dois desconhecidos, na banca de revista, o emissor, engenheiro, 59 anos, nível superior, a receptora, escritora, nível superior, 43 anos: *“Se **você** pegar alguns livros, eu não sei de outros, mas esse eu tenho certeza que eu tenho traduzido”*.

Portanto, passando a análise das situações de interlocução das ocorrências dos pronomes **tu** e **você** com verbo nos modos indicativo e subjuntivo, constatou-se que, em ambos os modos, predominaram elocuições feitas por pessoas com nível superior, sendo, porém, esta predominância mais pronunciada no caso do pronome **você**, enquanto no caso do pronome **tu** ela ocorre, mas não com diferença tão grande, havendo certo equilíbrio em relação aos níveis de ensino médio e fundamental. No que tange à faixa etária, a predominância se deu entre pessoas de 26 a 55 anos, nas elocuições com o pronome **tu** no modo indicativo, e com pronome **você**, no subjuntivo. Houve ainda pequena predominância na faixa etária de pessoas com mais de 55 anos, no caso do pronome **você**, no indicativo, e do **tu**, no subjuntivo, porém com diferença não tão grande em relação às outras duas faixas de idade, sendo assim, constatando-se um maior equilíbrio.

Quanto ao contexto, as elocuições se deram, na sua maioria, em contextos de total informalidade quando utilizado o pronome **tu**, seja no indicativo ou no subjuntivo, e também quando usado o pronome **você** no subjuntivo. Os contextos

relativamente informais somente predominaram quando foi utilizado o pronome **você** no indicativo, todavia, com diferença não muito grande em relação aos contextos totalmente informais.

Passa-se, agora, à análise das situações de ocorrência dos pronomes **tu** e **você** quando utilizados nos diferentes tipos de orações.

4.2.2.7 Das situações de ocorrência dos pronomes **tu** e **você** nos períodos simples e compostos (oração absoluta, oração principal e oração subordinada desenvolvida)

Conforme os tipos de orações analisadas neste estudo, a saber, orações absolutas, orações coordenadas, orações principais, orações subordinadas desenvolvidas e orações subordinadas reduzidas, os resultados mais relevantes e que pedem a análise do contexto em que as elocuções aconteceram foram, conforme se viu na Tabela 8, as absolutas, as principais e as subordinadas desenvolvidas. Desse modo, no caso das ocorrências dos pronomes **tu** e **você** em oração absoluta, foram obtidos os seguintes resultados no que concerne às situações em que se deram as elocuções:

Tabela 31 - Ocorrências do pronome **tu**, utilizado em orações absolutas, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 91 ocorrências)

ESCOLARIDADE	%	F.ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	6,67	15 a 25	13,33	TI	80,00	Amigos	60,00
Médio	30,00	26 a 55	70,00	RI	20,00	vizinhos	16,67
Fundamental	63,33	mais de 55	6,67	TF	00,00	funcionários/clientes	13,33
-	-	-	-	-	-	parentes	10,00

Fonte: Pesquisa de Campo.

De acordo com a tabela, pode-se observar que as elocuções dos ludovicenses utilizando o pronome **tu** em orações absolutas foram feitas predominantemente por pessoas com nível fundamental (63,33%), que se encontram na faixa etária entre os 26 e os 55 anos (70,00%), em contextos de total informalidade (80,00%), normalmente conversas entre amigos ou entre vizinhos (60,00% e 16,67%, respectivamente).

Tabela 32 - Ocorrências do pronome **você**, utilizado em orações absolutas, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 38 ocorrências)

ESCOLARIDADE	%	F.ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	26,67	15 a 25	6,67	TI	20,00	funcionários/clientes	46,67
Médio	33,33	26 a 55	73,33	RI	80,00	professor/aluno	40,00
Fundamental	40,00	mais de 55	20,00	TF	00,00	amigos	13,33

Fonte: Pesquisa de Campo.

Nas elocuções em que foi utilizado o pronome **você** em orações absolutas, a predominância no que diz respeito à escolaridade se dá também entre as pessoas com nível fundamental (40,00%) e, no que se refere à faixa etária, predominam, igualmente, elocuções feitas por pessoas com idades entre os 26 e 55 anos (73,33%). Observa-se, contudo, que, no caso do **você**, pode-se considerar que há certo equilíbrio de uso por pessoas com nível fundamental e com nível médio, posto que a diferença de percentual é pequena.

No entanto, a grande alteração que se observa diz respeito ao fato de que os níveis de informalidade se invertem, pois, no caso do **você**, as elocuções ocorrem, principalmente, em contextos relativamente informais (80,00%), ou seja, diálogos entre funcionários e clientes (46,67%) e entre professores e alunos (40,00%), enquanto, no caso do **tu**, elas ocorreram, na sua maioria, em situações de total informalidade (80,00%).

Desse modo, os exemplos típicos da ocorrência do pronome **tu**, entre os falantes ludovicenses, em orações absolutas, são como a conversa informal no encontro entre duas pessoas a primeira (a emissora), 36 anos, nível fundamental, a segunda, recepcionista, nível médio, 23 anos: “**Tu** tá sumida?”. Ou entre duas irmãs, a mais nova (a emissora), enfermeira, nível superior, 53 anos, e a mais velha, dona de casa, com nível fundamental, 75 anos, numa conversa informal nas dependências do hospital: “**Tu** é que acreditou naquele malvado.”

Já os exemplos típicos das elocuções com o pronome **você** ocorrem em situações menos informais, como no diálogo entre uma recepcionista do DETRAN de São Luís e um borracheiro que solicita informações, ela (a emissora), 26 anos, possuindo ensino médio, e ele, 21 anos, possuindo ensino fundamental: “**Você** vai na sala cento e oito.” Ou na conversa entre a professora e uma aluna da 4ª série, a professora (a emissora) com 42 anos, possuindo nível superior: “**Você** vai ficar sem nota de matemática”.

Assim, de um modo geral, a utilização dos pronomes **tu** e **você** em orações absolutas pelos falantes ludovicenses ocorreu, para ambas as formas, predominantemente entre pessoas com 26 a 55 anos. As elocuções da forma **tu** foram feitas principalmente por pessoas com fundamental, enquanto as da forma **você** apresentaram maior equilíbrio entre os diferentes níveis de ensino, mas também com pequena vantagem para o nível fundamental. O pronome **tu** foi utilizado, sobretudo, em situações de total informalidade, enquanto as elocuções da forma **você**, na sua maioria, aconteceram, em situações de relatividade informalidade, o que reforça a percepção de que os ludovicenses tendem a usar o pronome **você** em situações menos informais.

Quanto às elocuções dos pronomes **tu** e **você** em períodos um pouco mais complexos, ou seja, envolvendo orações principais e subordinadas, tem-se, no caso das orações principais, os seguintes contextos de ocorrência.

Tabela 33 - Ocorrências do pronome **tu**, utilizado em orações principais, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 43 ocorrências)

ESCOLARIDADE	%	F.ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	42,86	15 a 25	37,71	TI	71,42	amigos	54,14
Médio	28,57	26 a 55	42,86	RI	14,29	líder/comandado	21,43
Fund.	28,57	mais de 55	21,43	TF	14,29	parentes	14,29

Fonte: Pesquisa de Campo.

Tabela 34 - Ocorrências do pronome **você**, utilizado em orações principais, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 15 ocorrências)

ESCOLARIDADE	%	F.ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	60,00	15 a 25	33,33	TI	40,00	funcionário/cliente	26,67
Médio	26,67	26 a 55	60,00	RI	60,00	líder/comandado	20,00
Fund.	13,33	mais de 55	6,67	TF	-	desconhecidos	20,00
-	-	-	-	-	-	amigos	13,33

Fonte: Pesquisa de Campo.

Observando-se as duas tabelas, constata-se que as elocuções, para ambos os pronomes, foram feitas, na sua maioria, por pessoas com nível superior, 42,86% para o pronome **tu**, e 60,00% para o pronome **você**. Mas, afora esta diferença em relação à análise feita para as orações absolutas, deve-se enfatizar que, nas ocorrências em orações principais, se repetem praticamente todos os fenômenos que aconteceram para as orações absolutas. Ou seja, em termos de faixa etária, a predominância, para ambos os pronomes, se deu na faixa de idade entre os 26 e 55 anos (42,86%, para a forma **tu**, e 60,00%, para a forma **você**). No

que diz respeito ao contexto em que ocorreram as elocuções, o pronome **tu** foi utilizado predominantemente em situações totalmente informais (71,42%), notadamente em conversas entre amigos, enquanto o pronome **você**, inversamente, foi utilizado, na sua maioria, em situações de relativa informalidade (60,00%), com destaque para diálogos entre funcionários e clientes (26,67%) e líderes e comandados (20,00%).

Portanto, um exemplo típico dessas ocorrência é, no caso do pronome **tu**, a conversa entre dois amigos, o primeiro (o emissor), 25 anos, nível superior, advogado, o segundo, 21 anos, segurança, com nível fundamental: *“Tu não saca porque tu é advogado.”* E, no caso do **você**, o diálogo entre a advogada, 59 anos, nível superior (a emissora), trabalhando como mesária e dando orientações a um eleitor desconhecido, num dia de votação: *“Se não tiver, você vai ter que pegar um outro.”* Logo, pelo exposto, o quadro de análise e os exemplos correspondem às situações de ocorrência encontradas nas orações absolutas que apontam para um padrão de uso em contextos de maior informalidade para o pronome **tu**, e de maior formalidade para o pronome **você**.

Quanto às situações de ocorrência dos pronomes **tu** e **você**, nas orações subordinadas desenvolvidas, tem-se o seguinte *corpus* para a análise:

Tabela 35 – Ocorrências do Pronome **tu**, utilizado em orações subordinadas desenvolvidas, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 35 ocorrências)

ESCOLARIDADE	%	F.ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	51,43	15 a 25	28,57	TI	71,43	amigos	51,43
Médio	20,00	26 a 55	51,43	RI	25,71	funcionário/cliente	22,86
Fundamental	28,57	mais de 55	20,00	TF	2,86	líder/comandado	11,43
-	-	-	-	-	-	vizinhos	8,56

Fonte: Pesquisa de Campo.

Pela Tabela acima, observa-se que a maioria das elocuções do pronome **tu** foram feitas por pessoas com nível superior (51,43%), mas com uma distribuição relativamente equitativa das demais ocorrências entre pessoas com nível médio e fundamental. O mesmo ocorre em relação à faixa etária, em que a maioria das elocuções se dá entre pessoas com 26 a 55 anos. Com relação às situações em o pronome **tu** foi utilizado em orações subordinadas desenvolvidas, a maioria das ocorrências se deu em contextos de total informalidade (71,43%), principalmente em conversas entre amigos. São diálogos como o que ocorre entre dois amigos, a

professora, nível superior, 22 anos, e seu amigo, 20 anos, estudante, nível superior, com ela (a emissora), querendo saber se ele quer almoçar logo: *“ela perguntou se **tu** prefere comer logo”*. Ou a conversa entre a dona de casa (a emissora), 76 anos, ensino médio, e a manicure, sua amiga, também com ensino médio, 45 anos: *“Por que se **tu** não for, eu vou te avisar na hora que chegar”*.

Tabela 36 - Ocorrências do pronome **você**, utilizado em orações subordinadas desenvolvidas, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 19 ocorrências)

ESCOLARIDADE	%	F.ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	78,95	15 a 25	5,26	TI	57,89	professor/aluno	36,84
Médio	15,79	26 a 55	52,63	RI	31,58	amigos	26,33
Fundamental	5,26	mais de 55	42,11	TF	10,53	desconhecidos	21,05

Fonte: Pesquisa de Campo.

No caso do pronome **você**, observa-se que as ocorrências se apresentam mais concentradas entre as pessoas com nível superior (78,95%). No caso da faixa etária, há certo equilíbrio de uso por pessoas com idades entre 26 e 55 anos (52,63%) e de mais de 55 anos (42,11%). E, no que tange às situações de interlocução em que o pronome **você** foi utilizado, observa-se que aconteceram, na sua maioria, em contextos de total informalidade (57,89%), a exemplo do que se constatou no caso do **tu**, mas com percentual significativo também para contextos de relativa informalidade (31,58%). Dessa forma, enquanto para o **tu**, predominaram as ocorrências em conversas entre amigos; no caso do **você**, predominaram diálogos entre professores e alunos (36,84%). São diálogos como entre o enfermeiro e a médica, amigos de trabalho, ele (o emissor), 58 anos, nível superior, ela, 56 anos, também com nível superior: *“Se **você** quer saber, não quero mais nem falar disso”*. Ou entre o professor, 44 anos, nível superior e seus alunos de pós-graduação, em sala de aula: *“Quando **você** for ler um Gustavo Adolfo Becquer...”*

Assim, de um modo geral, os padrões de uso dos pronomes **tu** e **você** em orações subordinadas desenvolvidas foram semelhantes. Ambas as formas foram utilizadas, na sua maioria, por pessoas com nível superior, mas com o detalhe de que, no caso do pronome **tu**, a diferença não é tão grande em relação aos outros níveis de ensino, a diferença não é tão pronunciada, como acontece com a forma **você**, que apresenta diferença bastante acentuada em relação aos outros níveis (78,89%). Em relação à faixa etária, a predominância das ocorrências se dá entre

falantes com idades entre 26 e 55 anos, para ambas as formas, mas, com a diferença não sendo tão pronunciada agora no caso do pronome **você**, podendo-se mesmo considerar que existe certo equilíbrio em relação à faixa de idade de mais de 55 anos. Por fim, no que diz respeito ao contexto e ao posicionamento hierárquico dos falantes, as elocuções aconteceram, na sua maioria, para ambos os pronomes, em situações de total informalidade. No caso do pronome **tu**, principalmente em conversas entre amigos e, no caso do pronome **você**, entre professores e alunos e também entre amigos, ocorrendo, porém, que, nesse caso do pronome **você**, há um número mais significativo de ocorrências em contextos de relativa informalidade.

4.2.2.8 Das situações em que os pronomes **tu** e **você** foram utilizados em elocuções com referencialidade determinada ou indeterminada

A referencialidade determinada, como se viu, acontece quando o emissor usa os pronomes dirigindo-se a uma única pessoa. A indeterminada, quando isso ocorre com o emissor se dirigindo a duas ou mais pessoas. Assim, no caso das situações de interlocução em que ocorreu a utilização dos pronomes **tu** e **você** com referencialidade determinada, tem-se o seguinte *corpus* de análise:

Tabela 37 - Pronome **tu** utilizado em elocuções com referencialidade determinada, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 192 ocorrências)

ESCOLARIDADE	%	F.ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	36,98	15 a 25	32,29	TI	73,33	amigos	56,66
Médio	33,69	26 a 55	48,44	RI	26,67	funcionário/cliente	13,33
Fundamental	29,33	mais de 55	19,27	TF	-	líder-comandado	6,67
-	-	-	-	-	-	vizinhos	6,67
-	-	-	-	-	-	parentes	6,67

Fonte: Pesquisa de Campo.

Tabela 38 - Pronome **você** utilizado em elocuções com referencialidade determinada, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 75 ocorrências)

ESCOLARIDADE	%	F.ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	53,34	15 a 25	20,00	TI	53,34	amigos	33,33
Médio	33,33	26 a 55	40,00	RI	23,33	funcionário/cliente	20,00
Fund.	13,33	mais de 55	40,00	TF	23,33	desconhecidos	16,67
-	-	-	-	-	-	professor/aluno	10,00
-	-	-	-	-	-	líder-comandado	10,00

Fonte: Pesquisa de Campo.

Como se vê, para ambos os pronomes, a elocução com referencialidade determinada ocorreu, na sua maioria, entre pessoas com nível superior (36,98%, para o

pronome **tu**, e 53,34%, para pronome **você**), mas novamente acontecendo de, no caso do pronome **tu**, a diferença não ser tão grande em relação aos outros níveis de ensino, como já se constatou na análise de outras variáveis. No que se refere à faixa etária, enquanto as elocuições do pronome **tu** com referencialidade determinada na sua maioria aconteceram entre pessoas com idades entre 26 e 55 anos (48,44%), no caso das elocuições do pronome **você**, constatou-se um equilíbrio perfeito das ocorrências entre pessoas com idades entre 26 e 55 anos e as pessoas com mais de 55 anos (40,00%, para ambas). Quanto aos contextos em que se deram as elocuições, ambos os pronomes foram utilizados, na sua maioria, em situações de total informalidade. Contudo, isso é mais acentuado no caso do pronome **tu**, com percentual de 73,33%, enquanto que, no caso do pronome **você**, há um maior equilíbrio, já que as elocuições em situações totalmente informais apresentaram percentual de 53,34%, contra percentuais perfeitamente distribuídos entre as situações relativamente informais (23,33%) e as totalmente formais (23,33%).

Dessa maneira, os exemplos típicos destes usos dos pronomes **tu** e **você** entre os falantes ludovicenses são como os seguintes. No caso da forma **tu**, o diálogo do padre, nível superior, 53 anos, informando uma manicure, 31 anos, nível médio, acerca de seu local de votação: *“É pra lá que **tu** vai”*. Ou na conversa informal entre dois amigos numa fila de votação, a primeira (a emissora), 19 anos, nível médio, atendente de lanchonete, o segundo, assistente de estatística, também nível médio, 26 anos: *“**Tu** vem de Goiânia votar aqui!”*. No caso da forma **você**, na conversa entre o engenheiro e a escritora, ele (o emissor), com 59 anos, nível superior, e ela, 43 anos, também com nível superior: *“Eu acho que **você** tem que ter ideias novas.”* Ou entre a vendedora de lanches (a emissora), 56 anos, nível fundamental e seu cliente, perguntando que salgadinho ele quer: *“**Você**, também é uma coxinha?”*

Tabela 39 - Pronome **você** utilizado em elocuições com referencialidade indeterminada, entre os falantes ludovicenses (Base de cálculo: 10 ocorrências)

ESCOLARIDADE	%	F. ETÁRIA	%	CONTEX.	%	P. HIERÁRQUICO	%
Superior	100	15 a 25	-	TI	-	professor-aluno	100
Médio	-	26 a 55	100	RI	100	-	-
Fundamental	-	mais de 55	-	TF	-	-	-

Fonte: Pesquisa de Campo.

Quanto às elocuições dos pronomes **tu** e **você** em que a referencialidade foi indeterminada, destaca-se que não houve ocorrências para a forma **tu** (ou seja, este pronome só foi utilizado em elocuições com referencialidade determinada) e que, para a forma **você**, houve somente dez ocorrências, todas elas em diálogos entre pessoas com nível superior, professores e alunos, em situação relativamente informal, ou seja, em sala de aula, e com o emissor (que foi sempre o professor), com idade entre 26 e 55 anos, conforme se pode ver na tabela acima.

Assim, em resumo, no que concerne às ocorrências dos pronomes **tu** e **você** com referencialidade determinada e com referencialidade indeterminada, constatou-se que a forma **tu** só foi utilizada em elocuições com referencialidade do tipo determinada. Neste tipo de referencialidade, observou-se que a maioria das ocorrências se deu entre pessoas com nível superior, acontecendo, todavia, de, no caso do pronome **tu**, esta predominância não ser tão ampla como ocorreu com o pronome **você**.

Ainda tratando deste tipo de referencialidade, no que se refere à faixa etária, constatou-se que as elocuições do pronome **tu** aconteceram predominantemente entre pessoas com idades de 26 a 55 anos, enquanto que as elocuições do pronome apresentaram equilíbrio de ocorrência nas faixas de 26 a 55 anos e mais de 55 anos.

As únicas ocorrências de utilização da referencialidade indeterminada aconteceram com o pronome **você**, todas entre pessoas com nível superior, no caso, um professor, 44 anos, em situações de sala de aula, se dirigindo aos alunos de sua turma de pós-graduação, em frases como a seguinte: *“O essencial é **você** entender a arquitetura desse texto”*.

4.3 Síntese geral dos resultados

Feita a apresentação e análise dos resultados e tendo em vista que a pesquisa apresenta um razoável conjunto de variáveis relacionadas entre si, faz-se necessário, portanto, sintetizar os resultados mais significativos da análise, o que se passa a fazer agora.

Visto isso, o primeiro e mais importante resultado apurado foi que, entre os falantes ludovicenses, não obstante a simultaneidade de uso dos pronomes **tu** e **você**, ainda há forte predominância do pronome **tu**, que representou 69,31% de

todas as ocorrências. Da mesma forma, considerando-se as correlações entre as diferentes variáveis, entende-se como igualmente relevantes os resultados que a seguir são apresentados:

1. No que diz respeito às elocuições dos pronomes **tu** e **você**, de acordo com o nível de escolaridade dos falantes ludovicenses, constatou-se que o pronome **você** é mais utilizado por pessoas com nível superior (conforme detalhamento do conjunto da amostra na Tabela 11), mas que a forma **tu**, apesar de ser mais utilizada pelas pessoas com nível fundamental, não apresenta diferenças tão pronunciadas em relação aos níveis médio e superior. Logo, pode-se aceitar que, de um modo geral, a forma **você** é acentuadamente mais utilizada por pessoas com nível superior, enquanto que a forma **tu** é utilizada, sem grandes distinções, por pessoas dos diversos níveis de escolaridade, encontrando-se, na prática, disseminada por todos os estratos culturais da comunidade ludovicense.

2. Constatou-se franca predominância de elocuições feitas por pessoas na faixa etária entre os 26 e 55 anos, para ambos os pronomes, sendo esta predominância bastante pronunciada no caso do pronome **você** (67,06%), e menos acentuada para o pronome **tu** (48,44%), caso em que as elocuições estão distribuídas mais equilibradamente entre as outras faixas, de 15 a 25 anos (32,29%) e de mais de 55 anos (19,27%) (conforme detalhamento do conjunto da amostra na Tabela 12). A concordar-se, então, com Monteiro (2000), que os falantes mais jovens são mais propensos a participar das transformações nos usos da língua, não se pode afirmar, conforme visto, que estejam ocorrendo mudanças de uso relevantes na realidade linguística ludovicense, em razão de que mesmo com os altos percentuais de uso da forma **você** na faixa dos falantes jovens e maduros (entre 26 e 55 anos), isto também ocorre com a forma **tu**. No máximo, o que se poderia aventar é que pode estar começando a se manifestar uma situação de pressão da forma **você** sobre os usos do sistema pronominal em São Luís, mas ainda com forte utilização da forma **tu** por todas as faixas etárias.

3. As ocorrências do pronome **tu** predominaram entre pessoas das classes sociais baixa e média baixa, e as do pronome **você**, entre pessoas das classes média e média alta, conforme se viu no detalhamento da amostra, na Tabela 13. Observa-se, portanto, que o uso do **tu** está mais presente entre as classes mais baixas. No que diz respeito ao pronome **você**, mesmo que não se possa afirmar categoricamente que as classes de maior poder aquisitivo e de maior acesso aos

bens de consumo e culturais privilegiem o seu uso (pois já se viu que os ludovicenses ainda tendem em geral a utilizar o **tu**), mas deve-se considerar que, quando se associa esta constatação de um uso um pouco maior da forma **você** por pessoas da classe média alta, com sua predominância, como já se viu, entre pessoas de maior escolaridade (que geralmente tendem a ter poder aquisitivo mais alto), pode-se inferir uma tendência dos falantes ludovicenses com mais alto poder aquisitivo de utilizarem um pouco mais o pronome **você**, pela oportunidade que têm de estabelecer um maior contato com as influências externas que tendem a pressionar por mudanças nos padrões de uso da língua. Logo, sob a ótica laboviana, caso esteja havendo uma pressão no sentido de uma mudança na direção de um maior uso do pronome **você**, entre os ludovicenses, esta, sem dúvida, viria de cima (*change from above*), conforme a define Labov (1972).

4. Quanto à variável sexo, observou-se, a partir do total da amostra, que predominaram elocuições feitas pelo sexo feminino, para ambos os pronomes, ocorrendo, porém, que esta predominância também se deu no caso dos homens, ainda que com percentuais menores (Tabela 14). No entanto, o refinamento dos resultados, no conjunto da amostra desta tabela, permitiu verificar que não houve diferenças percentuais significativas de opção de uso por nenhum dos dois pronomes em estudo, seja pelo sexo feminino, seja pelo sexo masculino. Assim, no conjunto da amostra, entre as mulheres, em nenhum momento predominou a forma inovadora **você** sobre o **tu**, e, entre os homens, mesmo com a tendência geral se invertendo, tendo sido registrada predominância da forma **você**, as diferenças percentuais não foram significativas (43,53%, para o **você**, contra 39,58%, para o **tu**), o que, pelos motivos já analisados, não permitiu inferir, com base em dados sólidos, a existência de qualquer pressão do pronome **você** sobre a tendência geral de uso do **tu** pelo ludovicense, seja ele homem ou mulher.

5. Houve ampla predominância de uso dos pronomes **tu** e **você** funcionando como sujeito, ou seja, com predomínio de uso de ambos nesta função em relação à função de complemento (conforme Tabela 4).

6. Nas ocorrências do pronome **tu** funcionando como sujeito, predominou, como se viu, a concordância do pronome com o verbo na 3ª p.s. (concordância típica das formas **você**, ele e ela, sem presença da desinência de número -s), divergindo da concordância clássica propugnada pelas gramáticas (com presença da desinência). Todavia, esta concordância divergente, que predomina entre pessoas

com o nível fundamental (47,16%), não só aconteceu, como seria de supor, nesta categoria de falantes, como também ocorreu nos outros dois níveis de ensino (Tabela 18). Os poucos casos em que se deu a concordância clássica, era entre pessoas com nível médio e entre pessoas com nível superior (a esmagadora maioria, com 63,64%). Além disso, a concordância clássica ocorreu predominantemente em contextos de total informalidade, o mesmo acontecendo com a concordância divergente, com tudo isso revelando um padrão bem diversificado de uso. Tal fenômeno seria perfeitamente explicável, segundo Ramos (1989), pelo fato de as pessoas com maior grau de escolaridade em geral se sentirem mais seguras em relação ao seu desempenho linguístico e aos contextos em que acontecem os atos de interlocução, alternando os usos a cada situação.

Afora isso, deve-se ainda reiterar que na comunidade ludovicense, mesmo constatando-se que o pronome **tu** tem maior percentual de utilização por pessoas com nível fundamental (37,50%), essas diferenças não são assim tão grandes em relação aos níveis de ensino médio (36,98%) e superior, 25,52% (conforme detalhamento do conjunto da amostra, Tabela 11). Logo, a partir desse quadro, pode-se considerar que a utilização deste tipo de concordância divergente do pronome **tu** está disseminada entre todos os estratos da população e nos mais diferentes contextos.

7. Constatou-se total simetria de correspondência entre as ocorrências dos pronomes **tu** e **você** com os pronomes complemento teu/tua e seu/sua, gerando-se sempre os pares **tu**/teu (ou tua) **você**/seu (ou sua) (Tabela 6). É significativo enfatizar que, não obstante o predomínio das ocorrências deste caso terem acontecido entre pessoas com nível superior, mesmo quando elas aconteceram entre pessoas com nível fundamental, a simetria se manteve (Tabelas 19 e 20). Pode-se crer que tal simetria, que - conforme já detectado por Herênio (2006) - não ocorre significativamente em Imperatriz, outra cidade importante do Estado do Maranhão, só pode ser explicada a partir dos aspectos históricos e culturais da cidade de São Luís, já discutidos anteriormente. Todavia, esse resultado pede pesquisa específica para aprofundamento dos resultados, tendo em vista o número muito reduzido deste tipo de ocorrência nesta pesquisa.

8. No que concerne aos tempos verbais, em síntese, pôde-se constatar que as elocuições do pronome **tu** foram feitas, na sua maioria, por pessoas com nível médio, para os três tempos analisados, presente do indicativo, pretérito perfeito

e futuro do presente (conf. Tabelas 21, 23 e 25), ocorrendo, porém, uma situação de relativo equilíbrio entre os níveis médio e fundamental, tendo em vista as diferenças não serem acentuadas. A exceção fica por conta do pretérito perfeito, em que as elocuções feitas por pessoas com nível médio atingiram um percentual acentuado, da ordem de 67,86 (Tabela 23). No caso do pronome **você**, os resultados são totalmente diferentes, com plena predominância de usos realizados por pessoas com nível superior, em todos os tempos verbais analisados (conf. Tabelas 22, 24 e 26). A faixa etária entre os 26 a 55 anos predominou nas ocorrências do pronome **tu** com verbo no indicativo e no pretérito perfeito (conf. Tabelas 21 e 23) e do pronome **você** com verbo no indicativo e no futuro do presente (conf. Tabelas 22 e 26). Logo, a faixa etária predominante no que se refere aos tempos verbais, para ambos os pronomes, foi a de 26 a 55 anos, cabendo destacar, o marcante uso do **você** com o futuro do presente, tempo verbal um pouco mais sofisticado, por esta faixa etária (Tabela 26). Considerando-se os contextos em que foram utilizadas, as elocuções do pronome **tu** ocorreram, predominantemente e acentuadamente, em situações de total informalidade (Tabelas 21, 23 e 25), enquanto as elocuções do pronome **você** aconteceram, na sua maioria, em situações de relativa informalidade, para todos os tempos verbais considerados (Tabelas 22, 24 e 26). De todo esse quadro de análise é importante observar a predominância da faixa etária dos 26 aos 55 anos para o pronome **você**, no detalhamento do conjunto da amostra da Tabela 12, somado ao fato de que esta forma é mais utilizada em contextos de relativa informalidade e predominantemente por pessoas com nível superior, nos três tempos verbais aqui considerados.

9. Dos modos verbais, no caso do indicativo, predominou o nível fundamental, para pronome **tu**, e o nível superior para a forma **você** (Tabelas 27 e 28); no modo subjuntivo, para ambos os pronomes, predominou o nível superior, mas, no caso do pronome **você** (75%), com acentuada diferença em relação aos outros níveis de ensino, o que não acontece com a forma **tu** (Tabelas 29 e 30). A faixa etária predominante no modo indicativo, para o pronome **tu**, foi entre os 26 aos 55 anos, e para o **você**, a faixa acima de 55 anos (Tabelas 27 e 28). No modo subjuntivo, para o pronome **tu** predominou a faixa etária acima de 55 anos e, para o **você**, a predominância ocorreu na faixa de 26 a 55 anos, e com percentual bastante significativo, da ordem de 62,50% (conf. Tabelas 29 e 30). As elocuções de ambos os pronomes aconteceram, na sua maioria, em contextos de total informalidade,

exceção feita às do pronome **você**, com modo verbal no indicativo, em que, mesmo com diferença pouco acentuada, predominaram ocorrências em contextos relativamente informais (Tabela 28). Deve-se destacar, portanto, que o pronome **você** foi utilizado com o subjuntivo, modo verbal mais complexo, por pessoas da faixa intermediária de idade e também, como se viu, por falantes com nível superior.

10. Em orações absolutas, período simples, para ambos os pronomes, a maioria das elocuições foi feita por pessoas com nível fundamental, ocorrendo, porém, que esta predominância do nível fundamental é mais acentuada no caso do pronome **tu**. (conf. tabelas 31 e 32). Nas outras duas variáveis internas (orações principal e subordinada desenvolvida), que implicam em período composto, a maioria dos usos foram realizados por pessoas com nível superior (Tabelas 33, 34, 35 e 36). O destaque fica para o pronome **você** nas orações subordinadas desenvolvidas, em que as ocorrências realizadas por pessoas com nível superior chegaram a 78,95% (Tabela 36). No que diz respeito à faixa etária, tanto o pronome **tu** quanto o pronome **você** foram utilizados predominantemente por pessoas com idades entre 26 e 55 anos, para todos os tipos de orações analisadas (Tabelas 31, 32, 33, 34, 35 e 36). Quanto ao contexto, a maioria das ocorrências do pronome **tu** ocorreu em situações de total informalidade (Tabelas 31, 33 e 35), principalmente entre amigos, vizinhos e parentes, enquanto que, nos usos do pronome **você**, a situação não é a mesma, com a forma acontecendo predominantemente, em quase todos os casos, em contextos de relativa informalidade, ou seja, em contextos menos informais, entre líderes e comandados, funcionários e clientes e professores e alunos (Tabelas 32, 34). A única exceção diz respeito às elocuições do pronome **você** em orações subordinadas desenvolvidas, que aconteceram, na sua maioria, em contextos totalmente informais (TI), mas com diferenças percentuais não tão grandes, quando se considera em conjunto as ocorrências nos contextos relativamente informais e totalmente formais (Tabela 36).

11. A referencialidade determinada predominou nas elocuições de ambos os pronomes, com destaque para o fato de que, no caso do pronome **tu**, não houve sequer ocorrências com referencialidade do tipo indeterminada e, principalmente, que as poucas elocuições deste segundo tipo de referencialidade (que ocorreram com o pronome **você**) aconteceram numa situação bem específica, entre pessoas com nível superior, em contexto de relativa informalidade, isto é, entre um professor e seus alunos de pós-graduação, em situações de sala de aula (Tabela 39).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi analisar os fatores sociolinguísticos que caracterizam a alternância de uso entre os pronomes de tratamento **tu** e **você** junto à comunidade linguística ludovicense, ou seja, na centenária cidade de São Luís do Maranhão, que ficou conhecida, ao longo de seus já muitos anos de existência, como a Atenas Brasileira ou, ainda, como Cidade dos Azulejos.

Nesta perspectiva, o fato mais importante que se constatou durante a pesquisa foi que a forma pronominal **tu** ainda é predominante entre os falantes da cidade de São Luís do Maranhão, que, como tendência geral, representou 69,31% de todas as ocorrências. Todavia já se detecta um uso significativo da forma **você**, co-ocorrendo, como opção de uso, entre mais de um terço da população, isto é, 30,69% de todas as ocorrências. Desse modo, pode-se afirmar que na sociedade ludovicense ainda predomina o uso do **tu** em relação ao **você**, indo contra afirmações de alguns autores, a exemplo de Wilhem (1979) que, desde então, já entendia que o pronome **você** havia substituído o **tu** no PB. Os resultados apurados em São Luís mostram que, sem dúvida, ainda se mantém, em alguns pontos do país, a influência lusitana de utilizar mais o **tu**, na sua fala cotidiana, como acontece no Lusitânia Antiga (ELIA, 2000), ou seja, no Português Europeu (PE).

Por outro lado, como o estudo da língua não pode ser entendido como uma ciência exata, mas como um fenômeno complexo e dinâmico de forças que se contrapõem, dialeticamente, no meio social, crê-se que, por vários aspectos observados na pesquisa, mesmo com esta predominância da forma **tu**, pode se considerar que o sistema pronominal na sociedade ludovicense se encontra sob pressão, com a forma **você** ganhando espaço e, talvez, lentamente se deslocando no sentido de assumir o estatuto de forma privilegiada. Assim, constatou-se um uso maior desta forma entre pessoas de classe média alta que, se associado ao seu maior uso também por pessoas com mais alta escolaridade (ainda que com diferenças não tão grandes em relação ao **tu**), pode-se aceitar que esteja havendo uma variação do tipo *change from above* (conforme Labov, 1972) que, com o passar do tempo, pode vir a se tornar uma mudança. E em relação à faixa etária dos falantes se dá o mesmo, ao se constatar o predomínio da forma **você**, muito comumente, entre falantes jovens e maduros (dos 26 aos 55 anos), que, conforme Monteiro (2000), são muito mais propensos a participar de mudanças no uso da

língua, ao fazerem maior uso das formas inovadoras. De fato, constataram-se percentuais mais altos de utilização da forma **você** por estes falantes jovens, com diferenças de quase vinte pontos percentuais, 67,06% contra 48,44%, respectivamente para o **você** e o **tu**, no detalhamento do conjunto da amostra, ou seja, após o falante haver optado por utilizar um dos pronomes (conf. Tabela 12).

Portanto, se não se pode afirmar que esteja havendo uma mudança, posto que a tendência geral ainda é o falante optar pela utilização do pronome **tu**, pode-se aventar, no entanto, que esteja havendo uma pressão da forma **você**, sobre o sistema pronominal, no sentido de vir ocupando o espaço do pronome **tu**, exatamente entre estes falantes mais propensos a modificarem o uso da língua. Já a análise da variável sexo, mostrou que se mantém a tendência de maior uso do pronome **tu** pelo sexo feminino, e uma vantagem do **você**, para o sexo masculino (conjunto da amostra, Tabela 14), mas com diferenças percentuais pouco significativas, não permitindo nenhuma inferência de que esteja havendo esta pressão da forma **você**.

No entanto, a partir da análise da variável pronome sujeito em concordância com verbo, constatou-se que predominou, no caso do pronome **tu**, a concordância divergente da proposta pelas gramáticas clássicas, sem desinência de número, ou seja, com morfema [ø]. Portanto, ainda que os casos de concordância verbal clássica de 2ª pessoa com o **tu** na função de pronome sujeito tenham ocorrido apenas entre pessoas com nível médio e nível superior, estes foram muito poucos, predominando sempre a concordância divergente que, com efeito, remete à estrutura de concordância de 3ª pessoa utilizada para o pronome **você**. Logo, crê-se ser possível dizer que, novamente, constata-se uma pressão sobre o sistema pronominal em São Luís, nos moldes do que vem percebendo Silva (1988) de que, no PB, o paradigma do pronome **tu** está penetrando no paradigma do pronome **você**.

Quanto aos usos dos pronomes **tu** e **você** relacionados com estruturas internas da língua, tais como os pronomes possessivos, os tempos e modos verbais e os diferentes tipos de oração, pode-se afirmar que os falantes ludovicenses ainda tendem a optar, predominantemente, pelo uso do pronome **tu** na articulação com todas elas. Desse modo, pôde-se observar que a tendência geral é utilizar principalmente o **tu** nos principais tempos verbais, tais como presente e pretérito perfeito (Tabela 7), nos dois modos verbais, indicativo e subjuntivo (Tabela 8), e,

ainda, na maioria dos diferentes tipos de oração (Tabela 9), a exemplo das principais, coordenadas e absolutas.

Todavia, chamou a atenção o fato de as exceções, quando o pronome **você** predominou sobre o **tu**, ocorrerem marcadamente em usos um pouco mais complexos, mais sofisticados da língua, tais como nos casos do uso dessa forma com verbos no futuro do presente, com o modo subjuntivo e em orações subordinadas desenvolvidas. Além disso, considerando-se o contexto, ou seja, a análise das situações de interlocução, observou-se a tendência do falante ludovicense em utilizar mais o **tu** em situações e ambientes totalmente informais (numa relação de solidariedade) e em que estavam presentes pessoas mais próximas, amigos, vizinhos, parentes etc., enquanto a forma **você** foi mais utilizada em ambientes e situações relativamente informais ou totalmente formais e em que seus interlocutores eram pessoas mais distantes (por questões hierárquicas de poder), tais como líderes (empregadores, chefes, coordenadores, entre outros). Logo, nos termos do que estabelecem Brown e Gilman (1960), pode-se considerar a possibilidade de que o falante ludovicense venha tendendo a atribuir uma dimensão mais cerimoniosa, de maior prestígio, ao pronome **você**, que talvez, com o tempo, possa passar a ser visto como mais adequado e propício para ser utilizado em contextos em que estão envolvidas relações de poder.

Assim, como na comunidade linguística ludovicense, conforme se viu, o pronome **tu** foi historicamente disseminado da classe de maior poder (burguesia comercial de origem lusitana) para as de menor poder (negros, índios e mestiços), esta forma se constituiu, então, durante largo tempo, como forma privilegiada, gerando, inclusive, o mito de se falar “o melhor português” do Brasil, em razão de estas pessoas de maior poder utilizarem normalmente o pronome **tu** sujeito com a concordância verbal clássica de 2ª pessoa preconizada pela gramática (BAGNO, 2001). Com isso, se considerado, ao lado dessa dimensão de cerimônia e poder atribuída ao pronome **você**, o fato já relatado de este pronome vir tendendo a ser mais usado por pessoas da classe média alta e entre pessoas com maior escolaridade, pode-se supor que esteja começando a ocorrer uma inversão, na qual o pronome **tu** pode estar perdendo o *status* de forma privilegiada para o pronome **você**. Atente-se, inclusive, a respeito disso, que não se teve registro de referencialidade indeterminada para o pronome **tu**, mas que os únicos casos

observados desse tipo de recurso ocorreram com o pronome **você**, e numa situação bem específica, entre um professor e seus alunos de um curso de pós-graduação.

Tal fenômeno talvez se deva a alguns fatos de cunho socioeconômico e cultural, já citados, tais como um contato muito mais constante e maior da ilha com pessoas de outras regiões do Brasil, a partir das décadas de 1970 e 1980, com a vinda de profissionais para trabalharem em empresas nela instaladas, tais como ALCOA, ALUMAR e Vale do Rio Doce, bem como pela migração de pessoas destas regiões para o sul do Maranhão, notadamente nas regiões de Balsas e Imperatriz, para investirem no agronegócio, mais especificamente soja, e que estão, de forma constante, em São Luís, seja residindo, seja em contínuo trânsito para resolver seus negócios, influenciando o meio social com os seus usos do sistema pronominal, em que é comum maior predominância do pronome **você**, conforme já constatado por inúmeros estudiosos. Além disso, não se pode deixar de considerar o inevitável impacto, no isolamento geográfico que sempre caracterizou a ilha, causado pelo acesso de seus falantes às novas mídias, televisão, computadores, internet, celulares, redes sociais, enfim, o processo de globalização do qual nem a distante ilha de Upaon-Açu, poderia escapar e que a coloca em contato, de modo contínuo e em tempo real, com as diversas regiões do Brasil e do Mundo.

Em uma palavra, pode-se aceitar que os ludovicenses estejam tendendo a utilizar mais o pronome **você** em estruturas consideradas um pouco mais sofisticadas, que costumam ser utilizadas por pessoas com melhor desempenho linguístico, identificados, em geral, como pessoas de maior poder aquisitivo, de mais alto nível escolar e com maiores possibilidades de estar em contato com influências vindas de fora, inclusive através das novas mídias a que têm acesso e que também invadiram a centenária cidade de São Luís.

Como atualmente o grande centro de influência socioeconômica e cultural do Brasil se encontra mais ao sul do país, de lá advém, e muito comumente se impõem (como é de conhecimento geral) muitos aspectos culturais, inclusive padrões de uso linguístico.

Assim, diante de tudo o que foi exposto até aqui, nosso entendimento, em síntese, é que o sistema pronominal em São Luís pode estar *entrando num estágio de transição*, em que ainda predomina fortemente o uso do pronome **tu**, mas que esse sistema já vem sofrendo alguma pressão, com o pronome **você** ganhando significativo espaço, inclusive com alguns indicativos de que os falantes começam a

tender a atribuir a este pronome o estatuto de forma privilegiada, sob influência de um maior e mais constante contato com pessoas de outras regiões do país que o utilizam, predominantemente, em detrimento do pronome **tu**, ao qual sempre coube historicamente este *status* na cidade.

Mas, considerando que a língua é uma realidade heterogênea e dinâmica, qualquer estudo que a envolva, principalmente em seu enfoque sociolinguístico, muito mais do que se aferrar a afirmações fechadas, deve ter como perspectiva encaminhar novos trabalhos, já que nenhum fato da língua jamais se exaure. Pensa-se, e deseja-se, que seja nessa direção que apontam os resultados deste estudo. A indagação que fica, não só para o corpo acadêmico, mas, sobretudo, para os ludovicenses, é se o sistema pronominal de sua terra natal vai sofrer alguma mudança no sentido de que passe a predominar a forma **você**, entendida como forma nova, que se impõe, ou se o pronome **tu** vai se manter como forma predominante, como marca de resistência de uma das faces de seu ser social e de sua identidade cultural.

REFERÊNCIAS

- ALVES, C. C. B. **O uso do tu e do você no português falado no Maranhão**. Dissertação de Mestrado em Linguística apresentada à Universidade Federal do Ceará - UFC, 2010.
- ARRUDA, N. C. **A realização do objeto direto no português brasileiro culto falado**: um estudo sincrônico. Dissertação de Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa apresentada à Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP - Araraquara, 2006.
- ARDUIN, J.; COELHO, I. L. **A variação dos possessivos teu e seu e suas implicações estilísticas. Variação, mudança e contato linguístico no português da Região Sul**. Pelotas: EDUCAT, 2006
- ASSIS, M. de. **Velho senado**. Brasília: Senado Federal, 1989.
- ASSUNÇÃO, M. R. Cultura popular e sociedade regional no Maranhão do século XIX. **Revista de Políticas Públicas**. São Luís: EDUFMA, 1999, p. 29-67.
- AUROUX, S. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Campinas: Unicamp, 1992.
- AZEVEDO, A. **O mulato**. 2.d. São Paulo: Escala, 2007. (Coleção Grandes Mestres da Literatura Brasileira).
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico o que é como se faz**. São Paulo: Loyola, 2001.
- BANDEIRA, M. **Itinerário de Passárgada**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BARROS, A. E. A. **O Pantheon Encantado**: culturas e heranças étnicas na formação de identidade maranhense. Dissertação de Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos – IFCH, PÓS-AFRO, CEAO, Salvador, UFBA, 2007.
- _____. Invocando deuses no templo ateniense: (re)inventando tradições e identidades no Maranhão. **Outros Tempos** (UEMA. Online), v. 3, p. 156-182, 2006.
- _____. Acorda Ateniense! Acorda Maranhão! Identidade e Tradição no Maranhão de meados do século XX (1940-1960). **Ciências humanas em revista**. São Luís: EDUFMA, v. 3, n. 2, 2005.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 31. ed. São Paulo: Nacional, 2003.
- BENVENISTE, E. **Problèmes de Linguistique Générale**. 2 vols. Paris: Gallimard, 1976.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria Linguística**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Formas de tratamento e estruturas sociais**. Marília: Alfa, 1972-1973.

BERLINCK, R. de A.; GUEDES, M.; MURAKAWA, C. de A. A. (org.). **Teoria e análise linguísticas**: novas trilhas. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

BOTELHO, J. **Conhecendo e debatendo a história do Maranhão**. São Luís: Fort. Comp. Gráfica e Editora, 2008. p. 118.

BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (Org.). **Análise contrastiva de variedades do português**: primeiros estudos. Rio de Janeiro, v. I, p. 61-76, 2003.

BRIGHT, W. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, M. S. V. (Org.) **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. (Coleção Enfoque)

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEEK, T. A. *et al.* **Style and language**. Cambridge: M. I. T. Press, 1960.

BUZAR, B. **O vitorinismo**: lutas políticas no Maranhão (1945 a 1965). 4. ed. São Luís: Lithograf, 1998.

CALVET, J. **Introdução à sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMARA JR., J. M. **Manual de expressão oral e escrita**. 25.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CARBONI, F. **Introdução à linguística**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Coleção Biblioteca Universitária).

CARVALHO, F. C. de. **Metamorfoses do território**: o (re)surgimento de conflitos na implantação de grandes projetos de desenvolvimento. São Luís: ANPPAS, 2010. p. 11. Disponível em: <www.anppas.org.br>. Acesso em: 14/11/2010.

CARVALHO, C. **Para compreender Saussure**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

CASTILHO, A. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**. Ano 3, n. 4, março de 2005. Disponível em http://paginas.terra.com.br/educacao/revel/edicoes/num_4/entrevista_ataliba.htm. Acesso em: 6 de jan. de 2007.

CEDERGREN, H.; SANKOFF, D. **Variable rules**: performance as a statistical reflection of competence. [s. l.]: Language, 1974.

CHAVES de MELLO, G. **Gramática Fundamental da Língua Portuguesa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1980.

CORREA, M. C. De ilha para ilha - A Influência de Açores, um arquipélago do atlântico, na linguagem de Santa Catarina. **Revista Língua Portuguesa**, 04 de set. de 2008.

CORRÊA, R. **Atenas brasileira**: a cultura maranhense na civilização nacional. Brasília: Corrêa & Corrêa/Thesaurus, 2001.

_____. **Formação social do Maranhão**: o presente de uma arqueologia. São Luis: SIOGE, 1993.

CUNHA, C. F. **Gramática da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: FENAME, 1982.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

D'ABEVILLE, C. **História dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão**. São Paulo: Siciliano, 2002.

DIAS, E. P. **O uso do tu no português brasileiro falado**. Dissertação de Mestrado em Linguística apresentada à Universidade de Brasília – UnB, 2007.

ELIA, S. **A língua portuguesa no mundo**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2000. (Série Princípios).

FARACO, C. A. **O tratamento você em português**: uma abordagem histórica. *Fragmenta 13*. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

FARACO, C. A. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs). **Introdução à linguística**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FARIA, R. H. M. de. Demografia, escravidão africana e agroexportação no Maranhão oitocentista. **Ciências humanas em revista**. São Luís, 2004, v. 2, n. 2, p. 79-100.

GAUCHAT, L. **L'unité phonétique dans le patois d'une commune**. Halle: 1905.

GUIMARÃES, E. **Modalidade e argumentação linguística**. Tese de Doutorado apresentada à Universidade de São Paulo - USP, 1979.

GOMES, A. M.; CARNEIRO, M. S. **Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís/MA, 2010, v. 6. n. 12. Disponível em: < <http://www.ppgcsoc.ufma.br> >. Acessado em 14/11/2010.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London; Baltimore, Md., USA: Edward Arnold, 1985.

_____. The Users and Uses of Language. In: FISHMAN, J. A. (org.). **Readings in the Sociology of Language**. Parts: Mouton, 1972.

HERÊNIO, K. K. P. **'Tu' e 'você' em uma perspectiva intralinguística**. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal de Uberlândia – UFU, 2006.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, R.; FRANCHI, C; NEVES, M. H. M. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (orgs). **Gramática do Português Falado**. V. IV. Estudos Descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (orgs.) **Gramática do português culto falado no Brasil**: classes de palavras e processos de construção. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

JENSEN, J. B. Dona Flor and her five forms of address. In: **Luso-Brazilian Review**. 1982, vol. XIX. p. 251-266

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTO, C. B.; TUCKER, G. R. (eds.) **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell, 2003.

_____. **Principles of linguistic change**. Malden: Blackwell Publishers. v. 1. 1994.

_____. **Modelos sociolinguísticos**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1983.

_____. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.P. e Malkiel, Y (eds.). *Perspectives on Historical Linguistic*. Amesterdam-Philadephia: Jonh Benjamins Publishing Company, 1982.

_____. Where does the linguistic variable stop? A responde to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Paper**. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, n. 44, p. 1-17, 1978.

_____. On the use of the present to explain the past. In: HEILMANN, L. **Proceedings of the 11th International Congress of Linguists**. Bologna: Il Mulino, 1975.

_____. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LACROIX, M. de L. L. **A fundação francesa de São Luís e seus mitos**. 3. ed. rev. amp. São Luís: UEMA, 2008.

LAVANDERA, B. R. **Variación y significado**. Buenos Aires, Hachette, 1984.

LAWRENCE, H.; TOBINSON, J.; TAGLAMONTE, S. **Goldvarb 2001**: A multivariate analysis application for Windows. jul. 2001. [No prelo].

LIMA, C. de. **São Luis**: fundamentos do patrimônio cultural – século XVII, XVIII e XIX. São Luis: SANLUIZ, 1999.

LISBOA, J. F. **Crônica do Brasil colônia**: apontamentos para a história do Maranhão. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

LEÃO, P. B. *et al.* **O fenômeno da pluralização no português de contato da região sul do Brasil**. Cadernos do IL, Porto Alegre, 2003.

LYONS, J. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional da Universidade de São Paulo, 1987, v. 13.

LOPES, C. R. dos S. **A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português**. Frankfurt/Madrid: Vervuert/ Iberoamericana, 2003.

LORENGIAN-PENKAL, L. **(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul**. Tese de doutorado em Letras/ Linguística, 2004.

LUCCA, N. N. G. **A expressão gramatical da 2ª pessoa do discurso em Minas Gerais: séculos XIX e XX. Brasília**. UnB. (mimeo), 2003.

MACAMBIRA, José Rebouças. **A Estrutura Morfo-Sintática do Português**. 9. reimp. São Paulo: Pioneira, 2001.

MARTINS, A. A. **São Luís: fundamentos do patrimônio cultural**. São Luís: SANLUIZ, 1999.

MARROQUIM, M. **A língua do nordeste**: Alagoas e Pernambuco. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1934.

MEIRELES, M. M. **História do Maranhão**. São Luís: SIOGE; Secretaria da Cultura, 1996.

MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Champion, 1938 [1921].

MENON, O. P. S; LOREGIAN-PENKAL, L. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil. In: VANDRESEN, P. (Ed.) **Variação e mudança no português falado da região sul**. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 147-188.

_____. Pronome de Segunda Pessoa no Sul do Brasil: tu/você/ o senhor em Vinhas de Ira. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 35, n.1, p.121-163, mar. 2000.

_____. **A variação no sistema pronominal do português brasileiro**: consequências sobre o paradigma verbal. Comunicação apresentada no Colóquio Internacional “A investigação do português em África, Ásia, América e Europa: balanço e perspectivas”. Berlim, Instituto Ibero-Americano, 1998.

_____. **O sistema pronominal do português do Brasil**. *Letras*. Curitiba, 1995, n.44, p. 91-106.

MERQUIOR, J. G. **De Anchieta a Euclides**: breve história da literatura brasileira. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

MODESTO, A. T. T. Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos-SP. **Revista Letra Magna**. Revista eletrônica de divulgação científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura, Ano 04, n 7, 2º Semestre de 2007.

_____. Notícias de estudos realizados sobre as formas de tratamento no português brasileiro. **Revista Letra Magna**. Revista eletrônica de divulgação científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura, Ano 02, n 2, primeiro Semestre de 2005.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Os pronomes pessoais no português do Brasil**. Tese de Doutorado em Letras apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, 1994.

_____. **A estilística**. São Paulo: Ática, 1991.

MORAES, R. B. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: São Paulo: SCCT-SP, 1979.

MORAES, J. A trajetória de um poeta. In: TRIBUZI, B. **Obra poética**. São Paulo: Siciliano, 2002.

MOTA, M. A. **A variação dos pronomes ‘tu’ e ‘você’ no português oral de São João da Ponte (MG)**. Dissertação de Mestrado em Linguística apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2008.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L (orgs). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTELLO, J. **Diário da Manhã**. Rio de Janeiro, 1983.

_____. **A noite sobre Alcântara**. José Olímpio: 1978.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística**: Fundamentos Epistemológicos. 2. ed. São Paulo: Cortez, v. 3, 2005.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatísticos. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L (orgs). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo. Contexto 2003.

NETA, A, V. A. perfil do possessivo de terceira pessoa na fala pessoense. In: HORA, D. (Ed.) **Estudos sociolinguísticos**: perfil de uma comunidade. João Pessoa, 2004, p.129-140.

_____. **Gramática de usos do português**. São paulo: UNESP, 2000.

_____. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. Perspective sociolinguistique de la forme “você” a Rio de Janeiro. In: SANKOFF, D; CEDERGREN, H. (ed). **Variation Omnibus**. Carbondale: Linguistic Research. 1981. p. 481-487.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. **Aspectos sociolinguísticos dos pronomes de tratamento em português e francês**. Dissertação de Mestrado em Linguística apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, 1974.

PAGOTTO, E. G. Sociolinguística. In: PFEIFFER, C. C. (Org). **Introduções às ciências da linguagem**: linguagem, história e conhecimento. Campinas: Pontes Editores, 2006.

PAREDES SILVA, V. L. "O retorno do pronome tu à fala carioca". In: C. RONCARATI e J. ABRAÇADO (orgs). **Português Brasileiro**: contato linguístico, heterogeneidade, e história. Rio de Janeiro, 7letras. p. 160-169, 2003.

_____. "Variação e funcionalidade no uso de pronomes de 2ª pessoa do singular no português carioca". **Revista de Estudos de Linguagem**. v. 7, n. 2, jul-dez, p.121-138. Belo Horizonte, UFMG, 1998.

_____. **Cartas cariocas**: a variação do sujeito na escrita informal. Tese de doutoramento. UFRJ. Rio de Janeiro, 1988.

PEREIRA, E. C. **Gramática expositiva – curso superior**. 49. ed. São Paulo: Nacional, 1938.

PIANZOLA, M. **Os papagaios amarelos**: os franceses na conquista do Brasil. Brasília: SECMA/Alhambra, 1992.

PINTZUK, S. **Varbrul programs**. Michigan: University of Michigan, 1988.

PITOMBO, E. **TU e VOCÊ no português da Bahia no século XIX**. Por uma linguística sócio-histórica. (mimeo). 1998.

PRETI, D. **Sociolinguística**: os níveis da fala. 6.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

RAMOS, M. P. B. **Formas de tratamento no falar de Florianópolis**. Dissertação de Mestrado em Linguística apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 1989.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 23. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1983.

RODRIGUES, A. C. S.; CAMPOS, O. G. L. A. **Reflexões sobre fatos de não-concordância verbal no português culto brasileiro**. São Paulo: Comunicações apresentada no Congresso da ALFAL, Costa Rica, 2002.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H; TAGLIAMONTE, S. **GOLDVARB.2001**. Disponível em <<http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/>>. Acesso em 26 de jun. 2006. Faltou o tema do artigo.

SAID ALI, M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 5. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

SANTOS, R. M. A. **O uso variável do modo subjuntivo em construções complexas**. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos apresentada à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP - São José do Rio Preto, 2005.

SANTOS, S. **Da Atenas à Jamaica Brasileira**: imaginários sobre São Luís na mídia maranhense. Dissertação de Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa apresentada à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP-Araraquara, 2003.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 1916.

SCHERRE, M. M. P. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. In: _____; SILVA, G. M. de O. **Padrões sociolinguísticos**: análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SETTE, N. D. **Formas de tratamento no português coloquial**. Dissertação de Mestrado em Linguística apresentada à Universidade Federal do Recife - UFPE, 1980.

SILVA, G. M. de O. e. Escolarização. In.: CARDOSO, S. A. M. (Org.). Diversidade Linguística e Ensino. **Anais do Seminário Nacional sobre a Diversidade Linguística e o Ensino da Língua Materna**. Salvador: EDUFBA, 2004.

_____. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 117-134.

SOARES, F. J. S. Prefácio. In.: LACROIX, M. de L. L. **A fundação francesa de São Luís e seus mitos**. 2. ed. rev. e ampliada. São Luís: LITHOGRAF, 2002.

SOARES, I. C. R.; Leal, M. da G. F. Do senhor ao tu: uma conjugação em mudança. Moara – **Revista do Curso de Mestrado**. Belém, mar./set. 1993, v.1, p. 27-64.

SOARES, M. E. **As formas de tratamento nas interações comunicativas**: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza. Dissertação de Mestrado em Letras apresentada à Faculdade de Letras IFCH-PUC, 1980.

SOTO, U. De você a vossa Mercê: um percurso de mudanças no tratamento de 2ª pessoa. **Atas do I Congresso Nacional da ABRALIN**. 21. ed. Boletim da ABRALIN, 1997.

STEINBECK, J. **Vinhas da ira**. São Paulo: Record, 1940.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1997.

TENÓRIO, A. N. A. **O uso das formas tu e você em diálogos maceioenses**. Dissertação de Mestrado em Linguística apresentada à Universidade Federal de Alagoas - UFAL, 2002.

TRIBUZI, B. **Obra poética**. São Paulo: Siciliano, 2002.

VANDRESEN, P.; BRISOLARA, L. B. Concordância variável do pronome “tu” na fronteira sulriograndense. **Boletim da ABRALIN**. v. 26- N° Especial- II. 2001.

VILELA, M.; KOCH, I. V. **Gramática da Língua Portuguesa. Gramática da Palavra, Gramática da Frase, Gramática do Texto/Discurso**. Coimbra: Livraria Almedina, 2001.

VILELA, M. **Gramática de valências**: teoria e aplicação. Coimbra: Livraria Almedina, 1992.

VIVEIROS, J. de. **História do comércio do Maranhão**. São Luis: SIOGE, 1990.

WEEDWOOD, B. **História concisa da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WEINRICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

WILHELM, A. E. **Pronomes de distância do português actual em Portugal e no Brasil**. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1979.

ANEXO

TRANSCRIÇÕES

1

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre vários informantes

Data: 21/08/2008

Tema: emprego, viagem

Informantes:

Informante 1: Franciane, 33 anos, gerente, universitária

Informante 2: Nicolas, 39 anos, empresário, graduado em administração

Informante 3: Vilcimar, 36 anos, músico, universitário

Informante 4: Claudiene, 21 anos, graduada em letras

Informante 5: Marcos, 25 anos, fisioterapeuta

Informante 6: Mônica, 24 anos, professora de inglês, universitária

Infor (1): Vilcimar sim eu sei que Nicolas é empresário patrão e tal só que eu trabalho em uma empresa assim que tem muitos funcionários que fazem corpo mole assim no trabalho entendeu

Infor (2): mas normalmente as pessoas que não faltam as pessoas reparam e quando ela vai faltar e que avisa oh eu vou... () ...eu to lhe dizendo que se **você** pedir eles lhe liberam e não vai pegar mal pra **você** NÃO PEGA MAL to lhe dizendo

Infor (3): se **tu** faltasse sempre ele ia ficar com o pé atrás mas como **tu** num falta...

Infor (2): quanto tempo **tu** ta lá?

Infor (1): cinco meses

Infor (2): cinco meses? ... ()

Infor (3): já deu pra mostrar a cara

Infor (4): qualquer coisa a gente faz um ofício também

Infor (2): eu quero APOSTAR CONTIGO como ele te libera e ainda vai pegar moral com ele porque **tu** ta avisando que tu vai... () ...eu vou precisar faltar que eu vou viajar sexta-feira e o ônibus e a van que vou sai sábado cinco horas da manha...

Infor (5): num diz o objetivo da viagem diz que **tu** vai viajar

Infor (3): só diz que tu vai viajar oh eu vou fazer uma viagem...

Infor (2): e a van que eu não vou pagar que eu vou de carona a van sai cinco da

manha que se não eu vou ter pagar uma passagem pra pra Teresina

Infor (6): e o que **tu** vai fazer em Teresina?

Infor (2): aí eu te garanto que ele não vai perguntar o que **tu** vai fazer...

Infor (3): nem vai dizer eu pago tua passagem ele também não vai dizer isso

Infor (2): e também num vai dizer que vai pagar passagem

Infor (1): qual o dia gente?

Infor (2): sábado

Infor (1): sábado agora? Sábado que vem

...()..

Infor (1): ah então tem tempo eu tom pensando que é agora

Infor (2): pois é, **tu** vai marcar a data tu vai avisar vai avisando devagarzinho...

Infor (3): vinte de setembro

Infor (2): **tu** vai sondando o mercado não o terreno

Infor (1): é vinte ou é vinte um?

Infor (3): gente é sábado que dia é sábado? Vinte de setembro

Infor (6): sim a conversa ta boa mas

Infor (2): vamu ficar por aqui

2

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Data: 15/08/2008

Tema: desfile de sete de setembro e estudo

Duração: 50 segundos

Informante: Goreth Albuquerque e Josenilde Pereira

Idade: 53 e 39

Profissão: professoras

Escolaridade: graduação

Goreth: esse ano...

Josenilde: e o desfile?

Goreth: não, só fui na quinta porque esse ano a escola não foi sorteada.

Josenilde: graças a Deus

Goreth: todo mundo na escola deu graças a Deus

Josenilde: minha filha onde é que é a escola da Sheila? Eu queria fazer mas como meu dinheiro foi pro beleleu aí uma colega minha pediu, que ela quer fazer todo dia me cobra

Goreth: minha filha tu vai ...

Josenilde: onde é que é ?

Goreth: tu fala cum a sheila...

3

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre três informantes

Data: 15/08/2008

Tema: informação de um endereço

Duração:

Informante: Jose de Ribamar, Antonio e Moreira.

Idade: 39, 36 e 36

Profissão: pintor, pintor e guarda

Escolaridade: fundamental e médio.

Antonio: a gente vai ali ainda...

Jose de Ribamar: não, mas a gente

Moreira: **tu** sabe sabe onde é o correio correio central da João Lisboa? Entra naquela rua até:.. **tu** passa o teatro, depois do teatro, primeira travessa, **tu** prossegue em frente um prédio alto um edifício bem grande o único edifício que tem na rua do Sol é quase em frente.

Antonio: na hora brigado

4

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre entrevistador e informante

Data: 15/08/2008

Tema: como abri uma poupança

Duração: 45 segundos

Informante: João

Idade: 52

Profissão: segurança do Banco do Brasil

Escolaridade: fundamental

Entrevistador: hei seu guarda o senhor sabe com quem eu falo pra abrir uma poupança?

Guarda: comigo mesmo

Entrevistador: comigo oh com o senhor mesmo?

Guarda: **você** pega uma senha bem ali, **cê** tá vendo a plaquinha

Entrevistador: tô vendo, retire sua senha

Guarda: pega uma senha e aguarda () vai passar seu número

Entrevistador: só isso? Mas demora quanto tempo?

Guarda: ai eu num vô contar pra **você** ir, mas vai demorar um tempinho. **Você** fica sentada lá

Entrevistador: e o senhor sabe dos documentos?

Guarda: tem que ter o CPF, a identidade e:: a:: onde **tu** mora

Entrevistador: comprovante de residência

Guarda: isso

5

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: reunião de trabalho

Informante: Honorina Carneiro

Idade: 50

Profissão: professora

Escolaridade: doutoranda

Honorina: eu vou chamar o Charles pra dá aquela disciplina da noite. Num é mesmo? E **você** vai pra onde vai? Quem, **você** vai com quem? **Você** vai com o Wagner, Washington, Charles e o Paulo Trindade. É? Só homem, besta!

Funcionários: ((risos)) (comentários sobre a viagem)

Honorina: Viana! **Você** ligou pra Viana?

Funcionário: só ocupado

Honorina: Chama chama e ninguém atende, tem que procurar qualquer número

Funcionário: me dá o telefone que eu tento falar

...

Honorina: então Delsiu, eu coloco isso em suas mãos pra **você** trazer aí.

6

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre três informantes

Tema: convite para sair, empréstimo de um objeto e explicação de jogo

Informante: Cláudio Carneiro, Higor Ribamar e Marcelo Abreu

Idade: 23, 29 e 32

Escolaridade: superior incompleto, superior incompleto, superior.

Claudinho: nem me chama pó!

Igor: quase que /.../ te ligando pó

Claudinho: tava na aula pó, num dava pra sair.

Igor: ai os cara, não **tu** tá no posto? Ai eu falei /.../ quando eu cheguei.

Claudinho: tava na aula, num dava pra sair não.

...

Claudinho: **Tu** já tá de férias?

Igor: eu tô **tu** quer?

Claudinho: eu quero, vo vo precisar da calculadora.

Igor: Beleza, beleza.

...

Claudinho: recebi quatro cartas /.../

Outro: **tu** recebe duas cartas. **Tu** recebe duas.

Claudinho: recebi quatro. **Tu** recebe quatro.

Outro: é duas que **tu** não pode olhar.

Claudinho: não! **Tu** recebe quatro /.../ omaha omaha **tu** recebe quatro ai abri cinco.

Ai **tu** tem que::: **tu** tem que usar duas tua.

/.../

Claudinho: tem o omaha normal, que **tu** recebe quatro fechado.

Outro: só joga com duas.

Claudinho: é:: só joga com duas . Ai abri cinco. Ai **tu** tem que fazer /.../

7

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: lugar para se encontrarem

Informante: Honorina Carneiro, Sandra Antonelli

Idade: 50, 29

Profissão: professora, secretaria

Escolaridade: doutoranda, superior

Honorina: não, não, eu te pego. Por quê? **Você** vem de onde?

Garota: (vou dormir na casa de uma amiga)

Honorina: Sete horas eu te ligo pra saber onde **tu** estas, tá?

8

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informante

Tema: explicação sobre a pesquisa

Informante: Leonice Carneiro

Idade:75

Profissão: aposentada

Escolaridade: superior

Leonice: mas vem cá, o que **tu** queres que ele te diga?

Honorina: não:: é uma coisa bem espontânea. Eu quero ver o relacionamento::: eu num posso dizer.

Leonice: qual é o campo? O campo que **tu** queres atingir?

Honorina: não, não eu num posso dizer!

9

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: compra de comida

Informante: Cláudio Jose Costa

Idade: 53

Escolaridade: superior incompleto

...

Cláudio: mas de qualquer forma, eu venho pegar meu rango. Em quanto tempo tá pronto?

Vendedor: em vinte minutos.

Cláudio: daqui a meia hora né? Daqui a meia hora eu volto ... Filha **ce** quer alguma coisa? /.../

10

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: família

Informante: Mariluce Souza

Idade: 30

Profissão: cozinheira

Escolaridade: fundamental incompleto

...

Honorina: tua afilhadinha tá sempre por aí?

Moça: ela vive mais:::porque **tu** sabe que aqui no centro era só casa. Só quem mora

aqui sou eu.

/.../

Honorina: **você** trabalha onde?

Moça: eu to trabalhando naquela firma que terceiriza merenda escolar.

/.../

moça: pois é Fátima, né Dona Fátima né? Dona Fátima não, como é teu nome.

Honorina: Honorina:::

Moça: pois é, porque eu confundo **tu** com outra cumade /.../

11

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: explicação sobre a seção de votação

Informante: Conceição Lima, Jose de Ribamar

Idade: 45, 30

Profissão: professora, autônomo

Escolaridade: superior, fundamental incompleto.

Mesária: não, aqui nunca teve essa seção.

Eleitor: ahhhh

Mesária: porque a zona setenta e seis em todas as escolas tem, entendeu? A

ZONA, agora as seções. **Tu** é no::: o teu na ali::: o dela é no Recanto ... a escolinha que tem lá no Recanto Vinhais.

Eleitor: a senhora sabe como é pra encostar lá?

Mesária: só o::: o prédio, vou::: eu ensino

Eleitor: a senhora tá de ônibus, de carro, de motoca, de avião? ... Se eu tivesse um candidato eu levava a senhora pra votar nele ((risos))

12

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: explicação sobre o lugar de votação

Informante: Meireles, Joeli

Idade: 53, 31

Profissão: padre, manicure

Escolaridade: superior, médio.

Eleitora: eu to vindo do recanto

Mesário: é pra lá que **tu** vai

Eleitora: eu to vindo de lá

Mesário: não filha::: naquela escola, sabe onde é a igrejinha antiga, igrejinha do Recanto? A senhora sabe onde é a igrejinha do Recanto? Sabe onde é a: a: a::: aquela garagem, São Benedito?

Eleitora: sei:::

Mesário: pois é filha, depois da garagem descendo.

Eleitora: já fui lá

...

Mesário: a senhora foi lá na escolinha? /.../

13

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: endereço

Informante: Aninha, Conceição

Idade: 42, 45

Profissão: professoras

Escolaridade: superior

Aninha: quem que **tu** tá esperando?

Honorina: não, to só olhando o povo

Aninha: aah que bom!

Outra: matando a saudade. **Tu** não mora mais aqui não?

Honorina: não mudei pra outro lugar

Aninha: aah que coisa boa

/.../

Outra: e **tu** tá morando aonde?

Honorina: eu moro no Caolho

Outra: **tu** já morou aqui?

Honorina: era a casa do meu sogro. Era nossa a casa mesmo.

/.../

Terceira: tá tudo bem por aí?

Outra: tá::: e com **você**?

Terceira: eu to bem graças a Deus.

14

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: local de votação

Informante: Roberta Oliveira, Maria do Socorro

Idade: 44, 25

Profissão: diretora escolar, costureira

Escolaridade: superior, fundamental

Eleitora: vê se eu voto nessa escola aqui

Mesária: deixa eu vê minha filha. Não! **tu** é no Mônica, duzentos e quarenta e oito é no Mônica do Vale.

Eleitora: aonde é?

Mesária: é na escola, lá no começo, perto da feirinha, lá::: na entrada do Vinhais

Eleitora: pra que lado é?

Mesária: **tu** pode sair daqui, tá andando?

Eleitora: é

Mesária: pode ir andando e vai dobrar até chegar lá.

15

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: aposentadoria

Informante: Maria de Jesus, Conceição

Idade: 50, 45

Profissão: professoras

Escolaridade: superior

Mesária: onde é que **tu** tá trabalhando eih?

Amiga: eu::?

Mesária: já aposentou do município?

Amiga: eu não, faltam dois anos. E **tu** já te aposentou?

Mesária: nem de um nem de outro to esperando uma promoção

16

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: local onde vota

Informante: Eliomar Martins, Francisca Diniz

Idade: 26, 19

Profissão: elaborador de estatística e atendente de lanchonete

Escolaridade: médio, médio incompleto

Ela: mas **tu** vem de Goiânia votar aqui?

Ele: não eu vim antes só que to querendo voltar agora no final do ano

Ela: no mais tá tudo bem?

Ele: tá, graças a Deus

17

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: parentescos

Informante: Marli Célia, Débora Cunha

Idade: 47; 26

Profissão: professora; recepcionista

Escolaridade: superior, médio.

Marli: ela parece irmã dele, num é?

Débora: EU SOU IRMÃ DELE

Marli: ah eu entendi **tu** dizer mãe

Débora: não, eu sou irmã dele

Marli: ah é por isso que eu to olhando aqui eu to olhando e to achando muito nova pra se mãe

Débora: EU sou a única irmã dele, mas a mãe também tá aí. (...) se eu botasse na balança, eu to mais (+) (+) acabada que a mamãe, porque sofri mais, mas é isso aí.

18

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre três informantes

Tema: justificativa da eleição

Informante: Angelina Moreira de Souza Costa,

Idade: 59

Profissão: advogada

Escolaridade: superior

Angelina: se não tiver **você** vai ter que pegar um outro e preencher de novo. Quem é Antonia de Jesus?

Antonia: EU

Angelina: **cê** traz lá e eu te dou aqui. Peraí o que qual a sua data de nascimento?

Antonia: oito de julho de mil novecentos e

Angelina: porque assim mil novecentos e setenta e sete te que ser aqui

Antonia: eu sei

(...)

Angelina: qual o número do título? Cadê teu título?

Antonia: é um número grandão

Angelina: não é esse aqui não é esse numero bem aqui óh pega outro lá óh bem aqui o número de inscrição é esse número que a senhora vai ter que colocar cada número num espacinho desse.

Antonia: ah tá

Angelina: a senhora muda, pegue um outro formulário, pra preencher aqui correto e coloque depois a senhora vai ter que assinar aqui e entregar em uma das salas

Eleitora 2: e o meu aqui senhora? Vê se tá certo mesmo

Angelina: deixa eu vê aqui. Ah o número do titulo é enorme cadê seu título? Acho

que não é só isso não. A senhora tem que botar seu nome aqui, o completo, a senhora só B. B. viu, bote completo seu nome aqui. **Cê** tem que pegar outro formulariozinho por que esse número bem aqui é esse bem aqui, viu a senhora tem que botar um número em cada espaço. Ai depois que a senhora preencher, tem que assinar aqui. A senhora pegue outro lá e preenche.

19

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre duas informantes

Tema: seção de votação

Informante: Virginia Tatiana dos Santos (eleitora); Ivete Carvalho

Idade: 31; 52

Profissão: estudante, pedagoga

Escolaridade: superior incompleto. superior

Eleitora: dá pra **você** me falar dessa zona aqui?

Mesária: não, desse lado é só até /.../

Eleitora: então não é aqui?

Mesária: sessenta e sete? É, só que a seção dela é lá no Mônica do Vale

Eleitora: onde é que é o Mônica?

Mesária: tua escola é lá naquela lá da frente, perto da feirinha, bem no começo do Vinhais.

Eleitora: ah meu Deus, vou acabar não votando hoje.

20

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informante

Tema: endereço

Informante: Manoel Rosa, Marta Pontes

Idade: 45; 39

Profissão: professores

Escolaridade: pós-graduado; superior.

Manoel: **Você** mora aqui?

Marta: eu moro lá na...

Manoel: eu também. **Você** mora no Anjo da Guarda?

Marta: ... passa pela Vila Isabel...pego o ônibus da Vila Isabel.... e o senhor mora no Anjo da Guarda?

Manoel: no Anjo da Guarda

/.../

21

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre três informantes

Tema: aula de literatura

Informantes: Edmilson Rodrigues, Maria das Dores e Albina

Idade: 44, 42 e 43

Profissão: professores

Escolaridade: mestre, graduadas em Letras

Edmilson: ...é claro que ele tem canções, ele tem cantatas, sonatas... e essa paixão pelo ser humano, pela mulher principalmente, é uma característica basilar de Vinícius de Moraes

... **você** tem dada sensibilidade para o texto e uma diversidade de leituras e tem já uma sensibilidade para poder se situar independentemente das teorias literárias...

... quando **você** for ler um Gustav Adolf Beck da língua espanhola, que é um pré romântico, **você** vai dizer PUXA! Está extremamente bem situado...

... o essencial é **você** entender a arquitetura desse texto, como ele está composto, como ele está escrito, se tem...

... Quando vocês forem ver os poemas simbolistas, na maioria das vezes estão em caixa alta os títulos...

... se **você** não perceber que esse texto é todo penumbria, tem uma preocupação com a negatividade do homem, **você** não consegue enquadrá-lo...

Maria das Dores: ... essa é a minha grande tristeza... algumas pessoas não conhecem a semântica do texto...

Edmilson: com certeza. É! Isso aí que **você** falou a pouco não deveria existir...

Albina: ... os livros adotados nas escolas são realidades totalmente distorcidas da

nossa, quando **você** vai usar o livro didático dessas editoras, **você** vê a disparidade, o contraste de regionalismos de o que for...

Edmilson: ... **você** não vai a Europa, mas se **você** ver uma reportagem, uma enquête, o francês está com o livro debaixo do braço, o baguete aqui e o livro está lá, é um hábito...

...Se **você** compra um livro importado com papel jornal, **você** compra por vinte reais, vinte importado. Se **você** compra um de papel courchet, papel mais caro que esse, ele sai a quase duzentos reais. Se **você** for comprar um livro desses aqui, ele não sai por menos de cinquenta reais...

22

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Data: 15/08/2008

Tema: política

Informante: Edna de Sousa Ramos

Idade: 53

Profissão: costureira

Escolaridade: fundamental I

Aí quando o rapaz falou com...() ...ele disse

seu Pedro **c** num quer ir logo aqui por cima **você** até Santa Inês e de lá **você** pega a lancha e vai de lancha... ()

...e se quiser e a pés **você** travessa o rio e ganha a estrada que sai do castelo, aí papai disse meu filho **você** faz isso?

Aí a mamãe disse hum, **ces** vão mesmo a viagem de **vocês** vai aqui por dentro.

Aí eu disse não pai vamu mesmo, vamu de carro vamu pra Santa Inês de lá fica até mais perto pra gente ir, as vezes tem até mais trânsito ir de barco que de carro.

Ai o que a gente fez, quando eu cheguei em Santa Inês com o pai na casa da minha irmã

Ela tem um cunhado que é introsado com essas coisas de política

Aí nós tinha que sair outro dia pela manhã que quando foi que Alberto chegou tio Chico tão te chamando lá na casa do Raimundo Pontes

Pontes era um candidato a prefeito.

Aí ele disse minino o que que o Pontes quer comigo, o que que esse homi quer comigo

mas umbora tem gente lá que **tu** conhece...

---() ...eu trabalhei... () ...cheguei aqui... () ...luta trabalhei um horror de tempo mas () se alguém me conhece---

ah também num vo não vumbora lá,

nós fumo chegando lá ele queria uma pessoa pra completar na campanha, a campanha

aí eu disse como é que rola o negócio do pagamento

ele disse bom nós vamu ter três meses de campanha se nós ganharmos a política **você** terá quinhentos mil

naquele tempo de mil num era nem de cruzeiro ainda era mil depois foi que veio o cruzeiro o cruzeiro novo a veio o RV e depois o real hoje.

Aí eu disse e a gente começa quando?

ele disse nós começa ontem porque hoje nós já tamu cortando dividindo o tecido da farda dos que vão fazer a campanha e se **você** quiser **você** já pega o seu tecido pra levar pra fazer sua farda

eu digo olha e quando a pessoa sabe fazer que num tem a máquina to muito longe de casa

não se vire pague o seu seu o feitio da sua roupa

c vê como a gente já começa pelo lado torto,

eu disse papai será que vai dar pra mim entrar da campanha do ...()

...aí os dois candidatos adversários tavu conversando... ()

...e aquele tava na outra sala dividindo os tecido

que era exatamente uma três peças pra dividir pro pessoal que era quinze camponente de cada lada cada grupo nove farda.

Aí quando eu disse assim

rapaz aonde é o seu comício hoje?

Ele disse é no Calango. Na casa de quem?

aí ele disse na casa de fulano de tal

outro disse rapaz pois amigo a minha campanha o meu comício é de frente já mandei até fazer o palanque.

Nesse tempo Dona Joana tinha carro quebrado eles quebravam dúzias e dúzias de ovo na cara dos oradores lá em cima do palanque

sabe uma coisa por demais quebravam carro de estudante isso tava uma coisa por demais

chega tinha até medo de ir pro comício

Aí eu escutei quando ele foi disse assim

rapa faz o seguinte eu num quero que **tu** mexa com o nome da minha mãe mas o resto **tu** pode me dizer que eu sou corno **tu** pode me dizer que eu sou um chifrudo **tu** pode dizer o que **tu** quiser que eu aceito tudo e depois nós vamu lá praquela barzinho da Maria num sei de que

ele disse o nome da infeliz e vamu tomar uma bem geladinha

eles dois eram adversários e tavu se combinado pra quando terminasse de se esculhambarem ir tomar a geladinha lá.

Sabe quem tava... ()

...papai vamu simbora?

papai disse minha filha **tu** num quer trabalhar com eles não

eu já vou para outra viagem pra Moção

eu vo mais a Alcione vê o negócio do casamento (...) num fim os outros se matam e eles fica numa boa.

Como vim embora de lá pra cá... ()

...Dona Joana que eu comecei vê a sujeira... () ...desse jeito que

eu nunca vi um político pra ganhar cum a verdade falando a verdade

só ganha se for cum a... ()

ele ainda diz assim

não dona num é assim

eu digo num é meu amigo? Mas eu disse brincando

mas agora eu saquei que eu tava falando a verdade e num sabia o que eu tava falando a verdade.

23

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre três informantes

Tema: saúde e assembléia da igreja

Informante: Claudia Oliveira, Gabriel e Emmerson

Idade: 20, 18 e 17

Profissão: atendente de locadora de dvd, baterista e estudante

Claudia: boa noite pra **ti** como estamos? Tá melhor do pé ou não?

Gabriel: MELHOR::: uhhhh calçando tênis aqui na marra

Claudia: e **tu** Emmerson como estás?

Emmerson: Boa noite

Claudia: tá bem? Hoje tem ensaio né?

Gabriel: TEM. Haunir não vem...

Claudia: Seguinte gente, hoje tem reunião da assembléia então eu não vou estar aqui pra brigar com **vocês**. Não vou estar aqui pra estressar **vocês** então...

24

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre três informantes

Tema: inscrições da catequese, assembléia e intenção de missa

Informante: Josineide Garces, Jose de Ribamar e Selma Pãozinho

Idade: 34, 36 e 34

Profissão: secretária, pedreiro e faxineira

Escolaridade: médio, fundamental e fundamental completo.

Infor: ei, já começaram as inscrições da eucaristia?

Josineide: Inda não meu bem. O padre vai falar disso na missa. No começo do ano as catequistas vão tá em formação. Acho que até lá pra abril elas vão tá em formação.

Infor: então só em abril?

Josineide: é:::: no comecinho de abril **tu** passa aqui. tá?

Infor: tá

(...)

Selma: Boa noite (muitas barulho) pra **tu** colocar aí pela saúde de Maria da Paixão e eu trouxe até o recibo dela e um aniversariante hoje também Ivone de Lemos Costa...

25

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre quatro informantes

Tema: assembléia paroquial

Informante: Josineide Garces, Claudia, Patrícia Gomes e Helio Ribeiro

Idade: 34, 22, 21 e 26

Profissão: secretária, atendente de locadora, secretária e coletor de dados

Escolaridade: médio

(...)

Claudia: ei Helio, seguinte, se alguém viu **te** perguntar sobre os alimentos da assembléia são aceitos até quinta pra não estragar, as inscrições só até hoje.

Helio: eu tenho que fazer a minha logo hoje

Claudia: a lista dos alimentos é esta...

(...)

Claudia: quem trouxe a galinha, **tu** lembra?

Patrícia: Marina falou que foi Luiza que mandou, acho que é da pastoral da comunicação ou do dízimo.

(...)

Patrícia: eu anotei oito comunidades, mas são dez

Claudia: Parque Vitória, **tu** colocou?

Patrícia: não não

Claudia: bota pelo menos matriz

(...)

Helio: espero que **tu** tenha o suficiente pra passar pelo menos a primeira etapa do que **tu** tens

(...)

Patrícia: quer trocadinho? **Tu** num quer trocadinho não?

Josineide: a não ser que **tu** troque nas ficha

(...)

Patrícia: Jô **tu** vai agora?

Josineide: nã:::o

26.

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre professora e alunos

Tema: mau comportamento de uma aluna

Informante: Maria Santa e alunos quarta série

Idade: 42

Profissão: professora estadual

Escolaridade: nível superior

Professora: Ela estava nos fazendo um favor. Ela não tinha obrigação nenhuma de está aqui na sala. Ela só ficou na sala pra me ajudar pra não atrasar nossa carga horária. Então dona Sinara simplesmente desobedeceu à professora e se recusou, como todo mundo da sala viu, a fazer a avaliação de matemática, não foi?

Alunos: foi:::

Professora: Se ela se recusou é porque não estava precisando da nota e eu como profissional, eu não vou passar por cima da professora Mérida. Sinara não vai mais fazer prova de matemática. Certo dona Sinara? Sua mãe já me conhece, ela sabe e veio ainda aqui na escola e como **você** tinha dito para professora eu não vou fazer prova. Vai ficar sem nota, **você** é bem grandinha e já sabe discernir o certo do errado **você** vai ficar sem nota de matemática e vai aprender a respeitar os outros, depois eu não vou mais querer conversar com a Rosa, agora eu vou querer conversar com o seu pai sobre o seu comportamento, a sua maneira aqui na escola porque já chamei sua mãe várias vezes, já conversei e não está adiantando nada . Então, **ce** vai logo avisando seu pai que na reunião da semana ,que vem, na entrega dos boletins, é com ele que eu vou querer falar. Porque **você** tem só dez anos e ainda não se manda.

27

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: autorização para pesquisar

Informante: José Epifanio de Azevedo

Idade: 62

Profissão: motorista

Escolaridade: médio incompleto

Bairro: São Cristóvão

Infor P: é só da a **sua** identidade eu vou só anotar o **seu** nome aqui. Qual o problema disso?

(...)

Infor P: Tem que primeiro fazer a pesquisa ali onde (...)

Infor Q: eu vim nove horas e não tinha

Infor P: que o pessoal tá aguardando

Infor Q: e que horas vem?

Infor P: aí depois que fizer a pesquisa autorizada, aí **cê** vem aqui nove horas pegar a senha.

28

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: pedido de informação

Informante: Vera Rodrigues

Idade: 42

Profissão: professora

Escolaridade: superior

Bairro: Vinhais

Infor R: **tu** (+2) **tu** vais pra::: pra onde depois daqui?

29

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: pedido de informação

Informante: Elimielle Pinto Borges

Idade: 23

Profissão: Bibliotecária

Escolaridade: superior

Bairro: Anjo da Guarda

Infor S: **voce** poderia me informar onde eu pago a taxa de renovação do meu carro?

30

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: pedido de informação

Informante: Geuanderson Duarte

Idade: 21

Profissão: montador

Escolaridade: fundamental completo

Bairro: Bairro de Fátima

Geuanderson: ei, **você** pode me dar uma informação? aonde é que a gente paga a prova pra legislação, de legislação?

31

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: pedido de favor

Informante: Herbeth Martins

Idade: 19

Profissão: mecânico

Escolaridade: fundamental incompleto

Bairro: Bacanga

Herbeth: ei, neusa **tu** foi lá, perguntou o negócio pra mulher lá?

infor 2: ainda não, vo lá agora falar cum ela. onde é que fica a sala que tira foto aqui? Brigada senhora.

32

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: pedido de informação

Informante: Yara Cerveira

Idade: 26

Profissão: recepcionista

Escolaridade: médio

Bairro: João Paulo

Infor A: quando é uma pessoa que a gente não conhece, a gente chama (...), também não é o meu caso, mas assim, é assim: cinqüenta por cento **você** e cinqüenta por cento **tu**, quando eu conheço, assim que eu trato.

(...)

Infor B: a senhora já tinha vindo aqui hoje? Pra que horas **tu** queres ? é pras doze?

Infor C: doze

(...)

Infor D: aí **tu** vens pegar a ficha a a as onze horas, pra vê se **tu** conseguir, aí que **tu** vai ali

Infor E: que horas que sai?

Infor D: doze horas em ponto vai ser entregue **sua** senha. Onze horas é outra senha

Infor E: ah::: é doze horas que vai começar a entregar a senha

Infor D: qual **seu** nome?

Infor E: Daniele, com dois L.

(...)

Infor F: cadê **sua** certidão? Vai tirar a **sua** identidade. O senhor tem título?

Infor G: tem

Infor F: tem? Me dê aí **seu** título aí, por favor.

(...)

Infor H: o senhor, quando for lá, **cê** vai pagar (...). depois que pagar, **você** vai na sala cento e oito. Entendeu?

33

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: dengue

Informante: Cristiane Souza

Idade: 36

Profissão: manicura

Escolaridade: médio

Bairro: Parque Vitória

Cristiane: **tu** tá sumida. (...) Gente que lindo:: um criatório gigante pra dengue

34

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: lugar na fila

Informante: João Belino

Idade: 41

Profissão: agente de saúde

Escolaridade: médio incompleto

Bairro: Anil

João: **Você** é a última?

Infor: não, não só to esperando...

35

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: informação o Detran

Informante: Kátia Ribeiro

Idade: 39

Profissão: recepcionista

Escolaridade: médio

Bairro: Cohatrac

(...)

Kátia: ah **você** já deu entrada, neah! **Você** já entrada?

Infor: vim só pegar hoje.

36

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: convite para uma festa

Informante: Emerson Gomes

Idade: 16

Profissão: estudante

Escolaridade: médio incompleto

Bairro: Parque Vitória

Emerson: eu quero falar com **você** e com **você** também. Ah! Já é! pra vocês irem lá em casa comer lasanha

Infor: eu vou só ali na casa de Charles pegar um antivírus pro meu computador e depois a gente passa lá.

(...)

Emerson: ta que nem a promoção aqui da igreja. Na compra do mingau, **você** já leva o copo. É grátis.

37

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: compra de captadores

Informante: Gabriel, Carolina Ramos

Idade: 17, 20

Profissão: estudantes

Escolaridade: médio incompleto, universitária.

Bairro: Parque Vitória

Gabriel: Rapa, **tu** alem de ser preto é saliente.

Carolina: tá bom rapá, cadê aquele muleque que comprou a **tua** guitarra. Eu vou falar cum ele pra vê se ele num quer comprar os captadores.

Gabriel: oh ele aqui. Ele aqui!

Carolina: tudo bom com **você**? Eu quero falar com **você**.

Gabriel: quando ela faz assim é porque quer alguma coisa contigo. Tá bom ?

Carolina: **tu** num quer comprar uns captadores de guitarra?

Gabriel: bicho! É bom! É bom. É porque ela comprou uns fender pra ela

38

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: ensaio sobre uma apresentação

Informante: Maria Eliane

Idade: 19

Profissão: atendente em lan house

Escolaridade: médio

Bairro: Alto Turu

Maria: oi meus amores, tudo bem com vocês?

(...)

Infor: a gente vai ensaiar?

Maria: não, a gente (2+) se **tu** quiser. Seria bom pra gente ver como é que vai ser a entrada. (...) **Tu** vai conseguir, **tu** é craque. (...) Oh, ela canta e **tu** vai ...

Infor: oh, quando eu pegar eu te aviso.

39

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: café da manha

Informante: Charles Brito, Joana de Sousa, Claudiene Diniz

Idade: 20, 63,22

Profissão: estudante , aposentada, estudante

Escolaridade: universitário, fundamental II, superior.

Joana: **Tu** vai acordar ela?

Charles: vo, vo sim

(...)

Claudiene: vó, o que vai ser o almoço?

joana: carne cozida, bife, né?

Charles: eita é chique

(...)

charles: o meu irmão é, como ele tá começando, começou a faculdade ontem, aí tá fazendo de manhã, ele acorda cedo, passa café e compra pão. eu digo: - **Você** é ooooootimo!

(...)

Charles: **tu** gosta de leite?

claudiene: ADORO

Charles: pois eu sou doido por café!

(...)

Charles: mas **tu** é cum leite?

Claudiene: eu tomo com os dois, mas eu prefiro com leite.

(...)

Joana: **Tu** não dorme não? num dorme bem não?

Charles: é porque fazia tempo...

(...)

Joana: **Tu** vai passar o carnaval aqui?

Charles; não, anda não sei pra onde eu vou passar

(...)

Joana: como é que **tu** vai levar minha filha pra lá? como é que **tu** vai?

charles: tem que juntar uma galera pra gente ir. a gente ver se consegue um carro ou vai de onibus

joana: *teu* pai e *tua* mãe vai aceitar?

charles: ACEITA, eles gostam

(...)

Claudiene: Charles, a vovó disse que o almoço já tah pronto. como **tú** tem que sair

cedo, ela perguntou se **tu** preferes comer logo.

charles: tanto faz e **você**?

Claudiane: Almoçar.

40

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: brincadeiras de amigos

Informante: Claudiane Diniz

Idade: 23

Profissão: administradora

Escolaridade: superior

Claudiane: aí ele chegou fazendo uma zoadá doida.

Aí ele me liga: - onde é que **tu** tá?

eu to bem aqui na Fribal.

-então tá bom, eu *te* encontro aí

41

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: convite para almoçar

Informante: Claudiane Diniz, Wanderson

Idade: 22, 31

Profissão: administradora, técnico de telecomunicações

Escolaridade: superior, técnico(médio)

Claudiane: tem certeza que **tu** não vai querer almoçar aqui em casa? a vó vai brigar contigo

Wanderson: não ela num vai não

42

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: convite para almoçar

Informante: Alessandra Santos

Idade: 17

Profissão: estudante

Escolaridade: médio

Alessandra: **tu** já almoçou?

infor: almocei com o Charles. eu tive que almoçar.

Alessandra; ah. então eu não vou almoçar não.

43

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: viagem

Informante: Jéssica Povoas, Cecília Mendes

Idade: 17; 74

Profissão: estudante, doméstica

Escolaridade: médio incompleto, fundamental.

Bairro: São Francisco

Jéssica: a senhora deixa eu ir pro interior com Mara?

Cecília: **Tu**, basta ter um baticum de lata que **tu** ta dentro. Dessa vez num vai.**tu** procura é estudar.

44

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: relacionamento amoroso

Informante: Diego Santos, Carlos

Idade: 21, 25

Profissão: segurança, acadêmico de direito

Escolaridade: fundamental, superior incompleto

Bairro: São Francisco

Diego: Muleque se fosse **tu** pensava melhor, saca? Essa nega aí ta querendo é ibope.

Carlos: Por que **tu** acha isso?

Diego: **tu** num saca que é porque **tu** é advogado? Ela pensa que **tu** é rico. Até tu ter dinheiro muleque, já nasceu uns dez.

45

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: notícias de exame

Informante: Joana Freitas, Helena Freitas

Idade: 76; 53

Profissão: doméstica, enfermeira.

Escolaridade: fundamental incompleto, graduação

Bairro: Anjo da Guarda

Joana: a senhora perguntou o negócio pra ele?

Helena: eu num *te* disse que ele num sabia. **Tu** é que acreditou naquele malvado.
(...)

Joana: **tu** num sabe o que deu no exame de Pedro?

Helena: eu num sei, mas disse pra Zacarias, **tu** me liga a hora que tiver o resultado em mãos.

Joana: Ei, por falar em Zacarias, **tu** num sabe se ele vai logo falar com o medico dele também?

Helena: Num sei, senhora. Se pelo menos ele ligasse...

46

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: espera de ligação

Informante: Terezinha Freitas, Maria Oliveira

Idade: 40, 57

Profissão: enfermeira, doméstica.

Escolaridade: graduação e fundamental.

Bairro: Anjo da Guarda

Maria: minha filha, **tu** foi lá quando saiu do plantão?

Terezinha: esperei ele ligar e nada. Inda disse, **tu** me liga na hora que chegar lá.

47

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: espera de notícias

Informante: Ivanilde Costa, Joana Freitas

Idade: 45,76

Profissão: manicura, doméstica.

Escolaridade: médio, fundamental incompleto

Bairro: Anjo da Guarda

Ivanilde: Dona Joana, a senhora já tem notícias dele?

Joana: minha filha tamu aguardando a qualquer hora chegar. **Tu** vai sair? Por que se **tu** não for, eu vou *te* avisar na hora que chegar.

Ivanilde: não vou sair, porque a senhora pode precisar...

48

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: vaga de colégio

Informante: Elinalva Mendes, Alberto Louzeiro

Idade: 37, 26

Profissão: doméstica, empresário

Escolaridade: médio, pós-graduado

Bairro: Anjo da Guarda

Elinalva: e aí, **tu** tem a vaga que eu pedi?

Alberto: **você** esqueceu de me dizer a série.

Elinalva: **tu** num sabe? **Tu** quer fazer graça

49

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: notícias de um parente

Informante: Elton Rodrigues, Jacinto Pereira

Idade: 26, 83

Profissão: motorista, aposentado

Escolaridade: fundamental, fundamental

Bairro: Anjo da Guarda

Elton: ...o senhor por aqui também...

Jacinto: é meu filho, vim saber de nosso preto. **Tu** também veio?

Elton: sim senhor. E o senhor ta bem?

Jacinto: **tu** ta gordo meu filho

50

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: saudações

Informante: Elton Rodrigues e Joana Freitas

Idade: 26,76

Profissão: motorista, doméstica.

Escolaridade: fundamental, fundamental incompleto

Bairro: Anjo da Guarda

Elton: como é que a senhora ta?

Joana: meu filho, levando. E **tu**?

Elton: mais ou menos...

51

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema:

Informante: André Rodrigues, Maiconsuel Nunes

Idade: 16, 16

Profissão: estudantes

Escolaridade: médio incompleto

Bairro: Anjo da Guarda

André: ei doido, **tu** ta esperando o que?

Maiconsuel: te acalma doido. Deixa a vó chegar, **tu** ta com pressa?

52

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: dispensa do trabalho

Informante: Jorgina Alencar, Thiago Alves

Idade: 48, 23

Profissão: diretora, porteiro

Escolaridade: graduação, fundamental

Bairro: Anjo da Guarda

Jorgina: minino assim que **tu** ta? **Tu** tem que procurar um médico, sabia?

Thiago: eu vim falar pra senhora me liberar hoje

Jorgina: pode ir, **você** tem direito...

53

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: Big Brother Brasil

Informante: Sandra Cristina, Conceição de Maria

Idade: 16, 34

Profissão: estudante, enfermeira

Escolaridade:

Bairro: São Francisco

Sandra: Menina **tu** assistiu o BBB ontem, **tu** sabe quem saiu?

Conceição: **Tu** num viu? Saiu o Ralf.

Sandra: Menina, eu achei que era ele que ia ganhar, eu *te* disse isso num disse?

54

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: procura de alguém

Informante: Sandra Cristina, Itatiane Moraes

Idade: 16, 28

Profissão: estudante, bióloga

Escolaridade: médio incompleto,

Bairro: São Francisco

Sandra: Ei Tatiane, **tu** pode chamar Juliana pra mim?

Itatiane: Juju, tão *te* chamando aqui fora.

55

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: partida de um conhecido

Informante: Juliana Mendes, Sandra Cristina

Idade: 16, 16

Profissão: estudantes

Escolaridade: médio incompleto

Bairro: São Francisco

Juliana: Colega, **tu** ta sabendo que Beto vai embora?

Sandra: Mamãe me disse... Ah vou sentir falta de Thiago, já tava tão acostumada com ele.

Juliana: **Tu** vai lá depois e visita ele. **Tu** num disse que queria conhecer Penalva?

56

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: curso oferecido pela UFMA

Informante: Marcos Aurélio, Carlos André

Idade: 17, 23

Profissão: estudante, estudante

Escolaridade: médio, graduação incompleta

Bairro: São Francisco

Marcos: Cara **tu** vai pra UFMA amanhã? Pra *ti* perguntar lá sobre o cursinho.

Carlos: O cursinho, cara é lá no COLUN, **tu** tem que ir lá pra saber como é.

Marcos: **Tu** num pode perguntar lá? Já me economiza a passagem.

Carlos: Vou fazer isso pra *ti*, mas se **tu** quiser ir *te* dou a passagem, não me custa.

Marcos: Aí cara, valeu! Eu vou contigo amanhã.

57

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: noticiários televisivos

Informante: Marcio Fonseca, João de Jesus Gama

Idade: 38, 68

Profissão: vigia, aposentado

Escolaridade: médio, fundamental incompleto

Bairro: São Francisco

Marcio: Seu Juca, o senhor viu aquele caso da menina de nove anos ... **tu** é doido cara, se eu tivesse naquela cidade esse monstro num contava história. O senhor viu...

João: **Tu** viu onde, na televisão? Eu já vi quando a igreja tava se metendo. Isso é fim de mundo meu filho, **tu** num via isso antigamente...

58

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: noticiários televisivos

Informante: Marcolino Gama, Marcio Fonseca

Idade: 43, 38

Profissão: montador, vigia

Escolaridade: médio, médio

Bairro: São Francisco

Marcio: Tava falando aqui com seu Juca sobre a reportagem lá da menina, **tu** viu?

Marcolino: Rapaz, eu vi. **Tu** é doido cara... eu nem queria ta perto de um cara desse...

Marcio: **Tu** acha que inda tem gente a favor dele? Aquele Q... aquele bispo tem que mandar é dar uma pisa nele, **tu** num acha?

59

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: jogo de futebol

Informante: Alex Gama, Júlio da Silva

Idade: 39, 25.

Profissão: aposentado por invalidez, motorista

Escolaridade: fundamental, médio.

Bairro: Habitacional Turú

Alex: E aí, teu palmeiras num resistiu o fenômeno. Cara, *te* avisei, Ronaldo quando quer jogar **tu** sabe que ele joga...

Júlio: É mas **tu** não pode esquecer que o zagueiro num é titular.

Alex: É desculpa pra **ti** não aceitar a derrota...

Júlio: **Tu** pensa que num vai ter revanche, espera a copa do Brasil com zagueiro titular ai **tu** vai saber quem é quem. O verdão é o melhor meu filho, com fenômeno e tudo, o verdão vai ganhar.

60

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: preparação de documentos

Informante: Vera Rodrigues, Roque Diniz

Idade: 43, 40

Profissão: pedagoga, contador

Escolaridade: graduação

Bairro: São Francisco

Roque: a senhora preparou os documentos?

Vera: estava preparado, **você** não veio buscar.

61

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: mudança de casa

Informante: Balbina Povoas, Werbeth Santos

Idade: 36,28

Profissão: repositora, frentista

Escolaridade: médio

Bairro: São Francisco

Balbina: que horas **tu** vai?

Werbert: na hora que o carro chegar pra botar a mudança. E **tu** vai me visitar no interior quando?

62

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: casamento

Informante: Alice Povoas, Itatiane Moraes

Idade: 36, 28

Profissão: promotora de vendas, bióloga

Escolaridade: médio, superior

Bairro: Cohab

Alice: pra quando **tu** marcou o casamento?

Itatiane: dezenove de maio. **Tu** já preparou o vestido? Porque testemunha tem que ser chique.

Alice: **tu** me coloca em cada situação.

63

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: vigília

Informante: Marcone Dias; Itatiane

Idade: 16, 28

Profissão: estudante, bióloga

Escolaridade: médio incompleto, superior

Bairro: Anjo da Guarda

Marcone: **tu** sabe que horas foi marcada a vigília? **Tu** vai?

Itatiane: eu num posso, tenho muita coisa pra fazer. Mas vocês jovens não podem faltar na obra do senhor

Marcone: **tu** num vai por causa do serviço?

Itatiane: não só por isso, se **tu** tivesse em meu lugar **tu** ia chiar

64

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: jogo de futebol

Informante: Iraitan Povoas, Maria de Jesus

Idade: 34, 34

Profissão: representante comercial, doméstica

Escolaridade: médio, médio

Bairro: Anjo da Guarda

Iraitan: eu disse pra *ti* assistir o jogo. **Tu** nem liga

Maria: eu to muito ligando

Iraitan: **tu** nem sabe o placar. O fogão tem que ganhar essa.

(...)

Maria: como é que a senhora ta agora, ta mais calma? A senhora tem que passar força pra ele. Vocês não podem desanimar, principalmente **você**...

65

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema:

Informante: Guilhermina Santos, Maria Firmina

Idade: 58, 34

Profissão: pedagoga, lavadeira

Escolaridade: superior, fundamental incompleto

Bairro: Anjo da Guarda

Maria: a senhora mandou me chamar? Algum problema com meu filho?

Guilhermina: ainda não, mas se **tu** e teu marido não pararem de brigar aí sim, nós juntos vamos ter um grande problema. Mãe, **tu** num tem idéia de o quanto uma briga entre um casal pode vir a destruir o futuro de uma criança

66

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: escola

Informante: Sandra Alves, Estela Castro

Idade: 31, 36

Profissão: professora, recepcionista

Escolaridade: superior, médio

Bairro: Anjo da Guarda

Sandra: a senhora trouxe o material da *sua* filha entregou pra quem?

Estela: professora, **você** não estava na escola, eu preferi trazer quando a senhora tivesse e entregar em *suas* mãos

Sandra: **tu** fizeste muito bem

67

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: compras

Informante: Helena Freitas, Alexandre Batista

Idade: 30, 53

Profissão: vendedora, pescador

Escolaridade: médio, fundamental incompleto

Bairro: Praia Grande

Alexandre: Helena, **tu** foi com ela, tem é muito do que **tu** ta procurando.

Helena: por que **tu** num trouxe logo?

Alexandre: porque **tu** num me disse a cor que **tu** queria.

68

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: compra de computador

Informante: Jhonata Rodrigues, Alice Povoas

Idade: 16, 36

Profissão: estudante, representante comercial

Escolaridade: médio, médio

Bairro: Cohab

Jhonata: mãe, **tu** procurou se ela queria vender o computador?

Alice: vai lá, **tu** só quer que eu procure, *te* interessa...

69

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: emprego

Informante: Vinicius Rodrigues, Alexandre Batista

Idade: 22, 22

Profissão: operador de caldeira, conferencista.

Escolaridade: curso técnico

Bairro: Anjo da Guarda

Alexandre: e aí cara, quando é que **tu** vai falar com o peixe?

Vinicius: clama parceiro... num é assim. **Tu** sabe quantas pessoas tem no pé dele?

Ele me disse essa semana, cara **tu** diz pro cara se preparar que logo logo eu chamo

Alexandre: pô cara **tu** é dez, valeu peixe

70

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema:

Informante: Vanuza Castro, Balbina

Idade: 34, 36

Profissão: doméstica, repositora

Escolaridade: médio

Bairro: São Francisco

Vanuza: **tu** sabe quando eles vão mudar?

Balbina: ele me disse que só tava esperando o carro, até me convidou pra ir visitar eles...

Vanuza: Pra ti é bom. Porque **tu** é muito apegada ao filhinho dele... **tu** num sente falta do choro do neném?

71

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: saudações

Informante: Elton Rodrigues Joana Freitas

Idade: 26, 76

Profissão: motorista, doméstica.

Escolaridade: fundamental, fundamental incompleto

Bairro: Anjo da Guarda

Elton: como é que a senhora ta?

Joana: meu filho, levando. E **tu**?

Elton: mais ou menos...

72

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre informantes

Tema: recuperação de uma doença

Informante: Maria José Silva

Idade: 34

Profissão: médica

Escolaridade: graduação

Bairro: São Francisco

Maria: E aí rapaz, **tu** queria nos assustar?

Pedro: É minha preta, desta vez eu quase fui...

Maria: O importante é que **tu** venceu mais uma... estamos felizes. *Te* segura, luta.

Essa doença é uma questão de luta. O que **tu** não pode é desistir. E **tu** sabe...
é por todos nós que **tu** tem que lutar

73

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes

Tema: trabalho em grupo

Informantes: Felipe Neves, Marina Pimenta

Idade: 17 e 19

Profissão: estudantes

Escolaridade: fundamental incompleto

Bairro: Anil

Felipe: **Tu** num tem como fazer pra deixar aqui em casa?

Gustavo: não

Felipe: Ah meu irmão, Gustavo não era só **tu** que tava aqui não. Eu to cum dor de cabeça também.

Marina: Por que **tu** num veio ontem à noite. Eu to aqui desde cedo. Poxa! Então **tu** vai ter que ir em casa.

74

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tema: trabalho errado

Informantes: Rafael Silva, Carlos Diniz

Idade: 25 e 22

Profissão: engenheiro, assistente.

Escolaridade: superior, médio.

Bairro: Anjo da Guarda

Carlos: **você** tá sabendo que o projeto tá errado?

Rafael: eu não sabia até chegar a ordem de Dr. Vinicius e **você** viu que eu chamei todos os estagiários, pra conhecer o projeto.

75

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tema: prova de um concurso

Informantes: Felipe, Guilherme.

Idade: 24, 22

Profissão: advogados

Escolaridade: superior

Bairro:

Felipe: Rapaz, **tu** viu a prova do TRT?

Guilherme: cara, eu te confesso, que não respondi nem a metade, mas **tu** viu o que professor disse?

Felipe: ele me garantiu que até a data do concurso, já ficamos por dentro de tudo.

Guilherme: mas **tu** acha que vai ter tempo?

76

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense**Tema:** vaga de emprego**Informantes:** João José, Jaime**Idade:** 58, 32**Profissão:** pedreiro, projetista**Escolaridade:** médio**Bairro:**

Jaime: Eu fiquei sabendo que vão pegar currículo na Ducol, o senhor tá sabendo?

João José: Não. Mas se tiver, seu João sabe, e na hora que eu tiver certeza aviso pra **você**. Mas de qualquer forma, prepara o **seu** curriculum que eu entrego pra outro gato. **Tu** sabe... influência vale muito, meu filho.

77

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense**Tema:** convite para tocar matraca**Informantes:** Amâncio, Pedro**Idade:** 61, 59**Profissão:** policial aposentado, padeiro.**Escolaridade:** médio**Bairro:**

Pedro: Vamos lá, vamos bater matraca? O senhor vai hoje a noite?

Amâncio: Perdi a vontade, a violência é muita - **você** sabe como é. Matraca me dá gosto, mas não consigo mais acompanhar.

78

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense**Tema:** jogo da seleção**Informantes:** Robson Lima, Rafael Castro

Idade: 57, 64

Profissão: carpinteiro, frentista

Escolaridade: médio

Bairro:

Robson: E aí meu, **tu** vai assistir a seleção amanhã, ou tá de plantão? Lá no posto **tu** pode assistir?

Rafael: **tu** tá achando que a vida é mansa? Não podemos deixar a bomba só. **Tu** acha que ladrão assiste jogo?

79

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tema: resolução de uma discussão

Informantes: Graciete, Laenderson

Idade: 56, 58

Profissão: médica, enfermeiro

Escolaridade: superior

Bairro:

Laenderson: e aí minha linda, como **você** se virou com aquele louco?

Graciete: se **você** quer saber, não quero mais nem falar disso. Mas se aquela menina não tomar jeito, ela ainda vai apanhar da esposa dele. **Tu** viu, tive que chamar o segurança pra tirar aquele louco de lá.

80

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tema: frete

Informantes: Raimundo, Nonato

Idade: 59, 55

Profissão: feirantes

Escolaridade: 8 série

Bairro:

Raimundo: É, se **tu** não tivesse me ajudado a botar no carro a mercadoria, inda tava lá esperando o c... chegar.

Nonato: o senhor não disse que não queria mais o serviço dele?

Raimundo: imagina se **tu** não soubesse de quem está se falando.

81

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tema: paradeiro da filha

Informantes: Auxiliadora, Cecília.

Idade: 67, 71

Profissão: técnica em enfermagem, aposentada

Escolaridade: médio

Bairro:

Auxiliadora: Dona Cecília, a senhora viu se nanã passou aqui?

Cecília: Hoje, não vi, mas a senhora já perguntou pra Ricardo, ele tava jogando ai na porta desde cedo. Ricardo **tu** viu se a filha de dona Auxiliadora, passou aqui agora?

Ricardo: Vi, ela tá na casa de Xande, a senhora quer pra eu chamar?

82

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tema: problemas no trabalho

Informantes: Maria José, Benedita

Idade: 57, 39

Profissão: cozinheiras

Escolaridade: médio

Bairro:

Maria José: Minha filha, vou te dizer uma coisa, se **tu** não tivesse aparecido naquela hora, pra me acalmar, eu tinha insinado aquele bandido a respeitar.

Benedita: dona Zezé, a gente não pode dar atenção pra todos eles. Se não a gente fica louca e ainda vai pra rua por justa causa.

83

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tema: volta do trabalho

Informantes: Raimunda, Alice

Idade: 56

Profissão: funcionária pública

Escolaridade: médio

Bairro:

Alice: Ei dona Raimunda, a senhora ta vindo do batalho?

Raimunda: é, minha filha, **tu** num foi hoje?

Alice: não, hoje eu não fui.

84

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tema: compra de carro

Informantes: Tônico, Francisco

Idade: 56

Profissão: borracheiro, empresário.

Escolaridade: Fundamental completo

Bairro:

Francisco: E aí gente boa, o senhor já viu o novo Passat? Tem bala na agulha pra despachar?

Tônico: se **tu** me emprestar, com certeza vou realizar o sonho da patroa. Mas to muito bem com meu gol, não quero usar do **teu** dinheiro, **tu** pode querer fazer outro investimento.

85

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense**Tema: compras****Informantes: Claudia, Sandra****Idade: 23, 25****Profissão: vendedora, feirante****Escolaridade: 7 série, 6 série****Bairro:**

Claudia: E ai Alice, quando é que **tu** vai comprar em minha mão? Toda vez que eu venho aqui, **tu** nunca quer, nunca tem dinheiro.

Alice: te acalma, um dia eu compro. **Tu** também só quer vender coisa cara.

(...)

Claudia: **Tu** também Sandra, **tu** num vai comprar nada?

Sandra: Se eu te disser que eu comprei na mão de outra colega, da mesminha. Só que tava mais barato.

Claudia: é porque cada uma sabe de quanto dar pra vender. Minha filha, **tu** trabalha com venda, **tu** sabe como dar trabalho viajar pra buscar essas coisas.

86

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense**Tema: cumprimentos****Informantes: Maria de Lurdes****Idade: 64****Profissão: aposentada****Escolaridade: Médio****Bairro: Ipem Turu**

Informante: Ei minha companheira de caixa?

Maria: OPA!

Informante: Como estamos?

Maria: Bem. E **você** tá boazinha?

Informante: tô ótima!

Maria: (para outra pessoa) Pois é, **você** pode ir, eu to em casa hoje. E **você** quiser ir hoje...

87

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tema: compra de agulha para costura

Informantes: Luciana

Idade: 55

Profissão: vendedora

Escolaridade: Médio

Bairro: Parque Vitória

Informante: a senhora tem agulha?

Luciana: agulha de mão? Tenho sim, quinze centavos.

Luciana: (para outra cliente) um e cinqüenta e cinco, um e cinqüenta amoré. **Tu** bota (a mercadoria) junto aí?

Informante 2: boto

(...)

Luciana: E, já to craque (em dirigir). Só to errando na quinta marcha

Mas por que o carro quando vai chegando em sessenta (km/h), **tu** que é motorista, quando ele chega ne sessenta, ele já fica com uma zoada diferente?

(...)

Luciana: (para um fornecedor) Já vendi duas do Flamengo, se **tu** puder trazer mais duas, mas já vendi as duas. Meu filho, o que **tu** precisar de mim, **tu** pode contar.

(...)

Luciana: (para uma cliente) **Tu** pode deixar, depois eu te integro, pelo menos eu faço um serviço de qualidade.

88

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tema: pedido de informação

Informantes: Letícia, Josélia

Idade: 16, 24

Profissão: estudante, faxineira

Escolaridade: fundamental

Bairro: Terra Livre

Informante: dona Jô, me dá uma faca aí

Josélia: quem é que **tu** vai matar? (risos)

(...)

Letícia: ei, **cê** num vai sair daqui agora não né?

Josélia. Já, já não, mas daqui a pouco...

89

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tema: livros

Informantes: Maria das Dores, Aristides

Idade: 43, 59

Profissão: professora, engenheiro civil

Escolaridade: superior

Bairro: Centro

Maria: o que eu não gosto no Paulo Coelho é que eu acho ele é um plagiador

Aristides: não é só **você** que já me disse isso

Maria: ele é um plagiador. Se **você** pegar a a alguns livros, eu num sei de outros, mas esse eu tenho certeza, que eu tenho traduzido

Aristides: eu estava na fila lá lá da... falando de um livro até do Alex, o Grande Confronto. Aí ele falou de Paulo Coelho, que ele é um grande plagiador e **você** também falou aí

Maria: É, ele é um grande plagiador. Ele plagiou aquele filósofo francês Jacques de Polier

Aristides: ISSO, ele também falou nesse

(...)

Maria: então pra mim, eu não suporto Paulo Coelho por isso. Eu acho que **cê** tem que ter idéias novas. Se **você** não tenha, não faça. No mundo tem espaço pra tudo enquanto. Né, não é só para escritores. Agora não embarque na fama dos outros. A fama de cada um é seu barco quando **você** pula dentro do barco alheio, deixa de ser *seu*, ele é, ele continua sendo alheio. Então eu sou contra nesse sentido.

90

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tema: pedido

Informantes: Vitorino

Idade: 82

Profissão: dono de bar

Escolaridade: Superior

Bairro: Sá Viana

Vitorino: Meu filho, me empresta essa cadeira bem aqui, pra mim botar uma grade...

Você bem que podia fazer isso pra mim

91

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tema: evento na igreja

Informantes: Padre Ribamar

Idade: 60

Profissão: sacerdócio

Escolaridade: superior

Bairro: Parque Vitoria

Informante: oi padre

Padre: opa, como é que vão? E aí, foi bacana? Eu fiz tudo pra chegar

Informante: foi, deu...

Padre: quando eu cheguei, vocês já estavam saindo. Opa, desculpa!

Informante: pois é foi legal, teve muitas meninas

Padre: que bom!

Informante: principalmente mininas convidadas pela dança da mininas que aparecem. Próximo é dia vinte e três.

Padre: é, eu até falei com alguns adultos, gostaram...

(...)

Padre: aí depois **você** me mostra a programação

Informante: tá padre, brigada, boa tarde

92

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tema: sobre idosos, instruções

Informantes: Dagmar Ferreiro, Aida Dantas

Idade: 58, 15

Profissão: aposentada, estudante

Escolaridade: superior, fundamental

Bairro: Cohab

(...)

Dagmar: tua vó é viva ainda, né?

Aída: A mãe de papai é, a mãe de mamãe faleceu

Dagmar: aonde é que ela mora, a tua vó por parte de pai?

Aída: do meu pai mora na Paraíba

Dagmar: ahh

(...)

Aída: (uma idosa para uma estagiária recém chegada no asilo) aí ela virou e disse assim: **Você** pensa o que? Que a minha família me não liga pra mim é? Aí a minina ficou toda sem graça. Saiba **você** que eu tenho família, a minha netinha vem todo final de semana aqui me ver. A minina ficou totalmente perdida. Aí eu EGUA!

(...)

(...)

Dagmar: vem aqui vocês, filhas de Jó. Ele quer explicar algumas coisas pra vocês

(...)

Informante: o que que é pra fazer Cleiton?

Dagmar: aí, **tu** tava conversando

Informante: tá sorrindo?

(...)

Aída: e com é que **tu** faz com as salas?

Informante: é por idade, mas pode juntar os dois, com maior e menor (crianças mais novas e mais velhas). Tá?

93

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tema: música

Informantes: Melannie, Daniel, Jonathan

Idade: 21, 16, 16

Profissão: músico

Escolaridade: superior, fundamental, fundamental

Melannie: esse cap é massa

Daniel: num dô. Já foi dado.

(...)

Melannie: pois é. Pensei que não ia da ninguém aqui não. EXPOEMA, tá tendo um negócio na Maria Aragão, tá tendo, a cidade tá cheia de coisa. Vixe, hoje lá num ai dar nada.

Daniel: muita gente hoje

Melannie; ai, a gente veio ali, o transito nadinha, só dois carrinho passando. Aí eu, Vixe, tá fraco!

Daniel: aí **tu** (disse) EGUA (está lotado). Tomara que hoje o cachê seja menos sessenta, setenta, vê se sai desse cinqüenta.

Melannie: **tu** foi pro show do Muído?

Daniel: rapá, eu dei uma passada por lá, umas onze horas.num demorei muito. Eu toquei num festival ontem, de pop rock ontem. Aí foi eu e Fabiana, a irmã dela e o namorado da irmã dela.

(...)

Jonathan **tu** viu na internet falando daquela professora (...) cenas insinuantes com o vocalista (...) aí apareceu um desgraçado, gravou com um celular

Jonh: ela já recebeu proposta até pra Playboy

Daniel: foi cara?

(...)

Jonathan: ei, Oasis , **tu** curte?

Melanie: eu já ouvi Oasis, eu só conheço Wonderwall e tem também uma outra que eu não lembro o nome.

Jonathan: e The Cranberries?

John: pede logo a discografia dela.

94

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tema: grade do curso de especialização em física

Informantes: Nelson

Idade: 57

Profissão: professor de Física

Escolaridade: superior

Honorina: ei, me ajuda ai, onde que a gente compra o ônibus, passagem do ônibus do ferryboat?

Rosilda: eu acho que é lá na Beira Mar mesmo

Honorina: é lá no no Aterro do Viário?

(...)

Claudio: é lá no Anel Viário. Sabe aquela integração, aquela última integração

Honorina: ali tem

Claudio: na rotatória, naquela rotatória ali. Compra na hora a passagem, mas é melhor comprar antes

Nelson: **tu** sabe quanto tá (o preço da passagem), não?

Honorina: quarenta reais, seu Nelson. É caro.

(...)

Honorina: e o senhor, tá bem mesmo?

Nelson: quem, EU? To bem

Honorina: e me diz uma coisa, Nelson, gosta mesmo é de passear?

Nelson: não, eu gosto de viajar. Eu passei vinte e três anos, vinte e quatro anos viajando direto. Isso aqui pra mim não é problema, a viagem.

Honorina: é. E tua esposa Nelson?

Nelson: não viaja!

Honorina: não viaja, não sai, só fica em casa o tempo todo, santa, graça a Deus.

Nelson: não me faça esse negócio. Eu meter a mão no fogo, eu não meto nem por mim. Não!

Honorina: me diz mais alguma coisa aí, eu to afinzona de ouvir **você** falar.

Nelson: não, não

Honorina: poxa! Eu to querendo que **tu** converse, e **tu** não quer conversar.

(...)

Honorina: tá certo

Nelson: e tem esse outro que **você** não tem a grade de nada.

Honorina: não, aqui é metodologia.

95

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tema: celular

Informantes: Ivonete Aguiar

Idade: 30

Profissão: vendedora da Avon

Escolaridade: fundamental

Bairro: Sá Viana

Ivonete: esse aí (o celular) eu num uso. Esse daí eu boto crédito, esse aqui num tem bônus.

(...)

Ivonete: O número que **tu** vai botar é o meu. **Tu** sabe de có?

96

A alternância do tu e você no português falado do ludovicense

Tema: venda de lanches

Informantes: Rosimeire, Maria da Glória

Idade: 17, 56

Profissão: vendedoras de lanche

Escolaridade: fundamental

Bairro: Sá Viana

Rosimeire; e **você**, minha querida? (vai querer comer o que?)

Compradora: não sei

(...)

Rosimeire: **você** quer qual?

Compradora: de queijo e presunto

(...)

Rosimeire: Vai querer alguma coisa minha querida?

Compradora: vo sim, to vendo

Rosimeire: o bolo já acabou

(...)

Maria: fala amada, já falaram? Cês desejam o que? Estão decidindo? Oh coisa boa!

(...)

Maria: **Você** também é uma coxinha?

(...)

Maria: dá uma olhada na coxinha, temos enrolado de camarão...

(...)

Maria: e **você** amada (vai querer comer o que?)? Uma tortinha? Acabou!